

A. A. Mendes Corrêa

Assistente da Faculdade de Ciências do Pôrto, exercendo as funções de professor
da cadeira de Antropologia

Sôbre uma forma craniana arcaica

SEPARATA DOS
ANAIIS SCIENTÍFICOS DA FACULDADE DE MEDICINA DO PÔRTO
VOL. IV, N.º 1

1917

Tip. a vapor da «Enciclopédia Portuguesa»

Rua Cândido dos Reis, 47 a 49

PÔRTO

Ao Ex. Prof. José Evangelista Gomes Ribeiro
 Homagem de autunç

Sôbre uma forma craniana arcaica

to the Prof. from University of ...
P. ...

A. A. Mendes Corrêa

Assistente da Faculdade de Ciências do Pôrto, exercendo as funções de professor
da cadeira de Antropologia

Sôbre uma forma craniana arcaica

SEPARATA DOS
ANAIIS SCIENTÍFICOS DA FACULDADE DE MEDICINA DO PÔRTO
VOL. IV, N.º 1



1.º DECIEMBRO 1917
JOSÉ DE CARVALHO

RC

MJCF

57

COR

1917

Tip. a vapor da «Enciclopédia Portuguesa»

Rua Cândido dos Reis, 47 a 49

PÔRTO

STANISLAUS ALBERTS
SOPRE UNA FORMA

IN A VERTICE DI TRIANGOLO EQUILATERO
E LA LINEA CHE LO DIVIDE IN
DUE

SUMÁRIO: Conceito da hipsistenocefalia. — Hipsistenocefalos e hipsistenoídes. — Essas formas cranianas em séries portuguesas. — Os hipsistenocefalos primitivos *H. aurignacemis*, *H. Grimaldii*, *H. priscus*, *H. taganus*. — A antiguidade do *H. sapiens* e da hipsistenocefalia. — Este caracter através do neolítico e dos tempos protoistóricos. — A sua área actual de dispersão. — Os hipsistenocefalos cameconcos e mesoplatirrínicos, sua frequência e sua feição arcaica. — Os leptorrínicos, sua raridade, e sua origem por cruzamentos ou flutuações individuais. — Os mesoconcos mesoplatirrínicos, e as formas neolítica de Mureaux, de Lagôa Santa e protovedaica. — Os hipsistenoídes meso-hipsiconcos e leptorrínicos, a forma esquimoide de Chancelade, as sobrevivências desses tipos nas áreas extremas do Novo Continente e na Europa. — Os hipsiconcos mesoplatirrínicos e as variações individuais dos tipos anteriores. — Conclusões: Núcleos hipsistenocefalos equatorial e ártico. — Tabela final e bibliografia.

Nalgumas séries de crânios portugueses, — a dos preistóricos da colecção do Serviço Geológico, a dos contemporâneos da colecção FERRAZ DE MACEDO, na Faculdade de Ciências de Lisboa, e emfim a por nós organizada na Faculdade de Ciências do Pôrto, — destacámos certos exemplares que, pelo seu desenvolvimento vertical, associado a uma acentuada dolicocefalia, nos pareceram dever ser abrangidos ou pelo menos aproximados do grupo dos crânios designados por *hipsistenocefalos*. O confronto desses exemplares com outros, primitivos e modernos, sugeriu-nos algumas considerações sobre a expansão e o significado dessa forma craniana, que

por alguns autores (1) tem sido justamente considerada “arcaica,, e de grande importância para o estabelecimento da genealogia de alguns tipos actuais.

O termo “hipsistenocefalia,, foi primeiramente usado por J. B. DAVIS (1866) (2), que assim designava já a associação duma notável estreiteza do crânio a um grande desenvolvimento em altura. Não estabelecia, porém, os seus limites, e só mais tarde, insistindo, como êle e como BERTILLON, na importância taxonómica dessa forma craniana, é que vieram DE QUATREFAGES e HAMY propôr que se considerassem hipsistenocéfalos os crânios em que o diâmetro básilo-bregmático fôsse superior ao diâmetro transverso máximo, ou, por outra, em que o índice vértico-transverso excedesse 100 (3).

Em 1887, VERNEAU (4) adotava igualmente esta classificação, e ela se tornou, por assim dizer, corrente, permitindo que alguns crânios braquicéfalos, sub-braquicéfalos e mesaticéfalos fossem incluídos no grupo, quebrando a sua homogeneidade morfológica (5).

Recentemente, GIUFFRIDA-RUGGERI, citando a obra de MARTIN (6), exprime o parecer de que a qualificação de “steno,,

(1) G. SERGI — *Europa*, Torino, 1908, pág. 91 e segs., etc.; GIUFFRIDA-RUGGERI — *I crani egiziani antichi e arabo-egiziani dell'Università di Napoli*, In “Atti della Soc. Rom. di Antrop.,” vol. xv, 1909, pág. 97; Id. — *Quattro crani preistorici dell'Italia meridionale*, In “Arch. per l'Antrop. e l'Etnol.,” Firenze, 1916, tom. XLV, págs. 312 e 313.

(2) *On the peculiar crania of the Inhabitants of certain groups of Islands in the Western Pacific* (cit. de QUATREFAGES e HAMY — *Crania Ethnica*, Paris, 1882, texte, pág. 244).

(3) Op. e p. cit.; cf. também DE QUATREFAGES — *Histoire générale des races humaines*, Paris, 1887, págs. 219 e 220.

(4) *Rapport sur une mission scientifique dans l'Archipel Canarien* (cit. de G. RUGGERI — *Quattro crani*, etc., op. cit., pág. 312).

(5) Assim sucedia com crânios da ilha de S. Lourenço, estudados por VERNEAU, que são sub-braquicéfalos e ao mesmo tempo de índice vértico-transverso superior a 100 (G. RUGGERI — *Quattro crani*, etc., op. e p. cit.). Casos análogos teríamos em crânios chineses da colecção DAVIS (*Crania Ethnica*, pág. 435), num crânio arménico referido nesta obra (*C. E.*, pág. 503), de 23 dzungarianos de Kuldja (id. pág. 434), etc. Poderíamos multiplicar os exemplos.

(6) R. MARTIN — *Lehrbuch der Anthropologie in systematischer Darstellung*, Iena, 1914, pág. 695.

dada a êstes últimos é pouco adequada e deverá bastar a de “acrocéfalos,, ou “acrocânios,,. O autor italiano já em 1909 (1) apontava a conveniência de se não confundir sequer a simples “dólico-acrocefália,, com a hipsistenocefalia, e, como agora, reünia nesta última um duplo conceito — “che corrisponde al duplice significato stesso della denominazione,, — conceito, segundo o qual a hiperdólicocefália se associa à acrocefália.

A importância dada em taxonomia antropológica à hipsistenocefalia, reclama que se precise a significação dêsse termo, definindo-se os limites em que êle poderá empregar-se, e o modo por que se poderá fazer a avaliação métrica dêsse caracter.

*

Toda a questão do conceito da hipsistenocefalia se resume no seguinte: Devemos considerá-la a rigor uma *associação* de hipsi e stenocefalia, ou apenas uma *relação* especial entre as dimensões verticais e as dimensões transversais do crânio? No primeiro caso, o desenvolvimento do crânio em altura e o seu desenvolvimento em largura serão dados por valores distintos, como, por exemplo, pelo índice vértico-longo ou índice vértico-mixto (2), dum lado, e pelo índice cefálico, do outro lado. No 2.º caso, a hipsistenocefalia é dada por um só índice ou uma só relação, que pode bem ser, como até agora, o índice vértico-transverso.

(1) G. RUGGERI — *I crani egiziani*, etc., op. cit., págs. 94 e 97.

(2) O índice de altura de HRDLICKA é dado pela fórmula:

$$\frac{(\text{Alt.} + \text{Larg.}): 2}{\text{Compr.}} \times 100$$

(cf. ALES HRDLICKA — *Physical Anthropology of the Lenape or Delawares, and of the Eastern Indians in General* — Bureau of American Ethnol. — Bull. 62 — Washington, 1916, pág. 128). Confesso que me parece uma fórmula um tanto heterogênea para o cálculo da altura relativa. A altura deveria figurar só em numerador ou só em denominador. Assim, trata-se apenas dum índice do comprimento, em relação às duas outras dimensões associadas.

Asseverar-se-ha que alguns crânios não dolicocefalos são estreitos, admitindo que devam o seu alto índice cefálico não a um alargamento transversal, mas a um encurtamento longitudinal. É certo, porém, que em tal caso a estreiteza existe como medida *absoluta*, e não *relativamente* às dimensões ântero-posteriores. Mas o valor *relativo* da largura do crânio só pode ser dado em confronto com outras medidas horizontais? O desenvolvimento transversal do crânio não pode ajuizar-se, sem auxílio do índice cefálico?

Examinando um crânio pela sua *norma verticalis*, sem dúvida a sua estreiteza relativa tem de ser avaliada em função do diâmetro ântero-posterior. O índice cefálico exprime-a então dum modo nítido.

Examinando, porém, o crânio pela *norma facialis*, ou pela *occipitalis*, o caso muda de figura e a avaliação da largura do crânio surge independente das dimensões longitudinais, e ligada antes às dimensões em altura. O índice vértico-transverso é a expressão da relação entre estas últimas e aquela largura (¹). E pretendendo ainda avaliar esta largura em relação às dimensões gerais do crânio (longitudinal, transversal e vertical), poderíamos recorrer ao método das relações modulares (módulo de SCHMIDT), ou mesmo a uma relação entre o diâmetro transverso e a capacidade, o volume ou o pêso do crânio.

Desta forma, seria lícito admitir crânios estreitos, de índice cefálico superior ao da dolicocefalia. Mas a largura desses crânios deveria ser considerada dum modo absoluto, ou em relação a outros valores que não exclusivamente o do diâmetro ântero-posterior. E conviria tornar sempre explícito êste critério dada a tendência corrente e natural, para confundir "estrito," com "dolicocefalo".

A associação de braquicefalia ou sub-braquicefalia com um baixo valor absoluto da largura do crânio, só pode dar-se, entretanto, ou com uma redução do volume do crânio, para a

(¹) Comquanto o diâmetro vertical não, seja medido sôbre a face anterior ou a face posterior da caixa craniana, e tenha um ponto de referência inferior, que geralmente não é visível em nenhuma dessas normas.

mesma altura; ou, para o mesmo volume, com um aumento da altura. No primeiro caso teremos tipos étnicos de fraca capacidade, que por êste character podem possuir uma feição especial, ou teremos verdadeiros anormais microcéfalos ou submicrocéfalos. E ao passo que diminuem as diferentes medidas do crânio, o valor relativo da largura só se mantem baixo, posto em confronto com a altura; as relações com o comprimento (índice cefálico) e com o volume (relação modular) sobem de modo a deixar de acusar a estreiteza, unilateralmente indicada apenas pela relação transverso-vertical.

No segundo caso, já a relação modular acusaria também o pequeno desenvolvimento transversal, mas o aumento da altura, compensador do encurtamento longitudinal, traria apenas um tipo craniano freqüente — a *hipsicefalia* ou a *acrocefalia* (1).

Assim, qualquer conceito da hipsistenocefalia que exclua as indicações do índice cefálico ou, dum modo geral, das relações do diâmetro transversal com outras dimensões além da altura, engloba factos morfológicos muito divergentes; e uma noção que surgiu para enfeixar tipos mais ou menos aparentados e homogêneos, perderia o seu valor taxonómico. Se a rigor, um sólido curto, pode simultâneamente ser estreito, a ideia vulgar de “estreiteza,, opõe-se até certo ponto à de “curteza,, , apesar de se referirem a dimensões diversas. É que o senso comum difficilmente consegue isolar a noção de “estreito,, da relação entre a largura e o comprimento.

Ora, em craniologia, pouco significam em geral as medidas lineares absolutas, e quanto mais confrontos se englobarem nos índices, mais perfectos e significativos êstes são.

*

A hipsistenocefalia, que pela sua etimologia, se refere a crânios ao mesmo tempo *altos e estreitos*, não deve, pois, ser

(1) Preferimos a primeira designação à de *acrocefalia*, quando se trate de crânios duma altura que não exceda os limites da normalidade. A palavra *acrocefalia* é mais empregada para crânios excessivamente altos de anormais.

reconhecida como um caracter extensivo a crânios não dolico-céfalos. “Steno,, é um tanto incompatível com “braqui,,.

Mas outra questão surge. Devemos abranger naquela designação todos os dolico-céfalos de grande altura craniana, ou apenas, como já foi dito, os hiperdolico-céfalos de crânio alto?

O primeiro caso tem, como muito bem afirma G. RUGGERI, um nome já consagrado, o de “hipsidolicocefalia,, ou “dólico-acrocefalia,, e é um facto comum, abrangendo tipos étnicos fundamentalmente diversos por outros caracteres. Veremos que a própria hipsistenocefalia, tal qual a concebemos—isto é, só em hiperdolico-céfalos—existe também em crânios que apresentam grandes diferenças entre si nalguns elementos morfológicos. Que vantagens adviriam, pois, do alargamento excessivo desse conceito? Sobreviria maior confusão, nada mais.

O índice vértico-transverso só por si é insuficiente para estabelecer a hipsistenocefalia, embora, quando muito elevado, a permita presumir de algum modo.

É certo que êsse índice é preferível ao índice vértico-longo para ajuizar da tendência hipsistenocéfala, porque, sendo hiperdolico-céfalos os hipsistenocéfalos, o alongamento longitudinal extremo atenua consideravelmente no seu índice vértico-longo a influência da altura craniana. Um crânio hiperdolico-céfalo tem geralmente um índice vértico-longo muito baixo.

Seria preferível o índice vértico-mixto de TOPINARD? Na lista, organizada por êste mesmo autor, figuram com índices vértico-mixtos muito elevados os chinêses—sub-dólico ou mesaticéfalos—, os javanêses—mésati ou braquicéfalos—. Ora, só para os primeiros o índice vértico-transverso atinge 99. Mas duma maneira geral o índice vértico-mixto acompanha um tanto as indicações do índice vértico-transverso. Excluindo os 2 grupos referidos, todos os grupos com índice mixto superior a 86 figuram na lista com um índice transverso superior a 100. E não existe essa harmonia com as indicações do índice vértico-longo (1).

(1) P. TOPINARD — *Éléments d'Anthropologie Générale* — Paris, 1885, pág. 683 e 684.

Como método para a avaliação da altura relativa do crânio, seria talvez preferível a relação dessa altura com o módulo de SCHMIDT, sem dúvida um valor ligado ao desenvolvimento global do crânio nas três dimensões. Usa T. D'ARANZADI êsse processo nos seus trabalhos *Dimensiones de la calvaria en España y sus relaciones de conjunto* ⁽¹⁾ e *Cráneos de Guipúscoa* ⁽²⁾: "El medio de independizar del índice cefálico la relación vertical, creyó encontra-lo TOPINARD en la artificiosidad de hallar la semisuma de los índices vértico-longitudinal y vértico-transversal. COLLIGNON encuentra mucho más correcto, aunque demasiado largo, el método de SCHMIDT, que consiste en relacionar el diámetro vertical con el módulo cranial ó termino medio de los tres diámetros,, ⁽³⁾.

Evidentemente os resultados obtidos utilizando os índices vértico-transversos não são inteiramente harmônicos com aquêles a que se chega com a relação modular. Crânios considerados altos por aquêl índice, não o são tanto por esta relação. E vice-versa. Mas, dum modo geral, as indicações do índice transversal não se opõem fortemente às fornecidas pela relação modular. Consultando os quadros apresentados por ARANZADI nos *Cráneos de Guipúscoa* ⁽⁴⁾ vê-se que as séries de índice vértico-transverso superior a 97 (Mogador, berberes, árabes), são nesses quadros também as únicas de relação vértico-modular 88 ou superior a 88, isto é, figuram exclusivamente no alto dos dois quadros. Mas entre essas séries hipsicéfalas ha alguns dados que se contradizem:

Índice vértico-transverso	Rel. vértico-modular
Mogador ♀, 2° (103,9)	Mogador ♀, 2° (91,6)
Berberes ♂, (101,5)	Mogador ♂, 1° (91,0)
Árabes ♂, (100,0)	Berberes ♂, (90,4)
Mogador ♂, 1° (99,2)	Mogador ♀, 1° (89,4)
Mogador ♂, 2° (97,8)	Árabes ♂, (89,0)
Mogador ♀, 1° (97,1)	Mogador ♂, 2° (88,0)

⁽¹⁾ Extr. do "Bol. de la R. Soc. Española de Hist. Nat., — 1915.

⁽²⁾ Extr. do Compte-Rendu do "Congresso de Madrid,, da Assoc. Esp. para el Progr. de las Ciencias, (sessão de 18-Junho-1913), pág. 41.

⁽³⁾ *Dimensiones*, etc. Op. cit., pág. 319.

⁽⁴⁾ Págs. 39 e 40.

Eguais divergências de detalhe se encontram nas observações sobre crânios de diferentes províncias de Espanha (').

Ora, racionalmente, a altura do crânio deve avaliar-se dum modo global, em relação ao conjunto das dimensões. O método da relação vértico-modular é sem dúvida por isso o mais rigoroso, e só teria a contrariar o seu emprego o facto de ser mais laborioso o cálculo a efectuar, se tal razão se pudesse invocar.

Não se tratando, porém, de avaliar rigorosamente o grau de hipsicefalia, mas apenas de constatar *grosso modo* uma hipsicefalia (e é o caso na hipsistenocefalia) julgo que o emprego do índice vértico-transverso é suficiente. BROCA marcava para a hipsicefalia neste índice o limite inferior de 98. A adopção do limite 100 para a hipsistenocefalia obedeceu decerto em grande parte tanto ao facto de se tratar dum número redondo como ao de começar nessa altura o diâmetro vertical do crânio a exceder o diâmetro transverso.

Preferindo também este último limite—100—guiar-nos-ha ainda a consideração de que, não podendo em rigor a hipsicefalia ser definida apenas pelo índice vértico-transverso, pois alguns crânios de ind. > 98 podem não ser *altos* pelas suas relações modular e vértico-longitudinal, ha naquêle limite mais probabilidade de não se estabelecer uma hipsicefalia, indicada unilateralmente apenas pelo índice vértico-transverso, antes confirmada pela relação vértico-modular e outras.

A hipsistenocefalia, caracterizada, como se assentou últimamente, pela hiperdolicocefalia, deve por isto mesmo corresponder a índices vértico-transversos mais elevados do que os que bastam para estabelecer uma simples hipsidolicocefalia.

Esta última é definida por índice cefálico < 75 e índice vértico-transverso \geq 98. A hipsistenocefalia, forma extrema e muito típica da anterior, assim como corresponde a um índice cefálico < 70, deve também começar num índice vértico-transverso mais elevado do que o que serve de limite inferior na hipsidolicocefalia. De 98 a 100 a diferença é pequena, e não

(') *Dimensiones*, etc., op. cit., págs. 320 e 321.

alteraria a nosso vêr as conclusões taxonómicas fundadas na hipsistenocefalia, marcar a esta um índice vértico-transverso ≥ 102 , por exemplo. Dos crânios caracteristicamente hipsistenocefalos que figuram numa lista de GIUFFRIDA-RUGGERI (1), nenhum aparece com índice vértico-transverso inferior a 102. Mas não vale a pena alterar uma classificação consagrada.

Sem dúvida, a hipsidolicocefalia (índ. cef. < 75 ; índ. v. tr. ≥ 98) abrange assim como um seu caso particular e extremo a hipsistenocefalia (índ. cef. < 70 ; índ. v. tr. ≥ 100). Seria talvez lícito admitir um grupo apenas *hipsistenocefaloide*, de tendência hipsistenocéfala, ou traduzindo presumivelmente uma influência hipsistenocéfala. Abrangeria, por exemplo, os hipsidolicocefalos de índ. cef. < 75 e ≥ 70 , e de índice vértico-transverso ≥ 100 .

Não se trata dum mero jogo de índices, mas dum modo de vêr em correspondência com factos, e harmónico com certos dados etnogénicos, particularmente alguns relativos a certos povos do Novo Continente.

*

A hipsistenocefalia surge esporadicamente em séries de crânios portugueses contemporâneos, mas as médias gerais do paiz não accusam êsse carácter dum modo dominante, embora seja lícito considerar o crânio médio português como comprido, estreito e alto.

Sôbre 494 crânios portugueses, FERRAZ DE MACEDO (2) calculou o índice cefálico médio de 74, 46, o índice vértico longo de 72, 50 e o vértico-transverso de 97, 36, e se o primeiro acusa uma dolicocefalia vizinha da subdolicocefalia, os dois últimos marcam uma ortocefalia, que só no vértico-transverso confina com a hipsicefalia.

Calculando, porém, sôbre os diâmetros médios forneci-

(1) Op. cit., págs. 314 e 315.

(2) *Crime et criminel*, Lisboa, 1892, p. 52.

dos pelo antropólogo português, as respectivas relações modulares, obtivemos os seguintes números que confrontaremos com os do crânio hipsistenocefaloide de Chancelade, e com os dos crânios de Alicante, que ARANZADI (1) considera altos, longos e estreitos pelas suas relações modulares:

	R. vértico-mod.	R. transv-mod.	R. long. mod.
Combe-Capelle . . .	89,6	85,6	124,8
Chancelade . . .	94,4	84,3	121,3
Série ♂ d'Alicante. . .	88,6	89,5	121,9
Portuguêses ♂. . .	88,2	90,8	121,7

O tipo médio português é, em face destes números, de crânio mais baixo e mais largo do que os três outros tipos, e apenas mais longo do que o de Chancelade. Mas está abrangido no amplo grupo de crânios altos, estreitos e compridos, em que ARANZADI inclui os grupos espanhóis *valenciano*, *aragonesês* e *zamorano*, e ao qual estabelece as seguintes relações modulares limites: vert. > 87,5; transv. < 91,3; long. > 120,7 (2). Pelo conhecimento que temos da ortocéfalia portuguesa, indicada pelos índices vértico-longo e vértico-transverso da série FERAZ DE MACEDO, quer-nos parecer que estes limites modulares são talvez um tanto amplos, se bem, como adiante repetiremos, nos não repugne crêr na hipsistenocefalia ou numa influência hipsistenocefala em alguns crânios dos grupos espanhóis acima referidos, como forçosamente a admitimos nalguns portugueses.

Em 52 crânios masculinos de Traz-os-Montes, Beira-Alta e Alemtejo, dos quais 39 da colecção da Faculdade de Ciências de Lisboa, ha 5 nítidamente hipsistenocefalos, e 13 mais ou menos hipsistenocefaloides. Estes últimos não traduzem por certo necessariamente a influência dum tipo hipsistenocefalo, podendo constituir meras variações individuais do dólico-ortocéfalo médio, mas podendo também representar a hipsido-

(1) *Dimensiones*, etc., op. cit. p. 328.

(2) Op. cit. p. 326 e legenda da figura.

licocefalia de alguns tipos que contribuíram para a etnogenia da população portuguesa. Ocupando-nos, porém, dos hipsistenocefalos propriamente ditos e deixando por agora os 13 hipsistenocefaloídes, que, embora numerosos em relação ao total da série, não constituem ainda assim um tipo dominante nesta ⁽¹⁾, começaremos por notar a falta de uniformidade nalguns dos principais índices dos 5 crânios em questão ⁽²⁾.

		Capacidade	Índ. cefálico	Índ. vért. long.	Índ. vért. transv.	Índ. orbit.	Índ. nasal	Índ. bur. occ.	Índ. fac. sup.	Índ. alveolar
Trasmontano	(n.º 210)	1537. ^{cc}	65,0	68,0	104,7	94,7	36,4	86,1	63,2	89,5
"	(n.º 374)	1473	67,4	71,1	105,6	77,5	46,8	87,9	52,8	98,0
Beirão	(n.º 184)	1602	69,1	69,1	100,0	84,2	43,3	75,7	60,3	97,0
"	(n.º 293)	1902	69,5	70,0	100,7	89,5	39,1	80,5	58,9	93,1
Alemtejano	(n.º 95)	1911	69,4	72,9	105,0	82,9	54,4	91,4	—	—

O primeiro é megalocéfalo, hiperdolicocefalo, de índice vértico-longo correspondente á platicefalia (numa classificação a abandonar), hipsicéfalo pelo índice vértico-transverso, hipsiconco, leptorrínico, leptoprósopo, ortognata e de buraco occipital mesosema.

O segundo difere do anterior por ser metriocéfalo, cameconco, mesognata (no limite inferior do mesognatismo) e de buraco occipital megasema.

O terceiro difere do primeiro por ser mesoconco, e de buraco occipital microsema.

O quarto difere apenas por esta última microsemia.

Emfim, o alemtejano, de que não determinámos os índices facial superior e alveolar (porque no momento o nosso es-

⁽¹⁾ Em nenhuma das três referidas províncias portuguesas, o índice vértico-transverso médio é sequer superior a 98, e no Alemtejo mesmo o índice cefálico médio (sôbre 15 crânios ♂ apenas) é de 74,9, quasi confinando com a subdolicocefalia. E' de notar, porém, a maior dolicocefalia beirão e trasmontana, em relação á dolicocefalia portuguesa em geral. (Cf. MENDES CORRÊA, *Antropologia da Beira-Alta*, "Instituto", 1917, pag. 7).

⁽²⁾ Todos estes crânios são da colecção lisbonense, e as medidas, umas de FERRAZ DE MACEDO, outras do autor.

tudo tinha apenas por objecto os crânios trasmontanos e beirões) e relativamente ao qual tomámos só nota das medidas que constam dos registos de FERRAZ DE MACEDO, difere pela sua ortocefalia (indicada pelo índice vértico-longo), pela cameconquia, pela megasemia do buraco occipital e pela platirrínia.

Todos são, pois, megalocéfalos, menos um métriocéfalo; todos são leptorrínicos, menos o alemtejano que é platirrínico; todos são (além de hipsistenocéfalos, e não falando no alemtejano, cujos índices não são todos conhecidos) leptoprósopos e ortognatas ou tocando o limite do mesognatismo. As diferenças encontram-se sobretudo nos índices orbitário e do buraco occipital.

As mandíbulas dos 2 crânios trasmontanos e do beirão n.º 184 teem quasi o mesmo índice mandibular, possuindo, porém, a do trasmontano n.º 210 mais alto ângulo mandibular e mais baixo ângulo sinfisiano do que as dos dois restantes. Eis as medidas de FERRAZ DE MACEDO:

	Índice mandibular	Ângulo mandibular	Ângulo sinfisiano
Trasmontano — n.º 210	51,6	132	65
" — n.º 374	51,8	120	72
Beirão — n.º 184	52,3	120	74

Se pela mandíbula o trasmontano n.º 374 se aproxima muito do beirão n.º 184, pelos índices propriamente do crânio o trasmontano n.º 210 aproxima-se bastante do beirão n.º 293. Os 5 crânios não constituem, porém, uma série perfeitamente homogénea. Poderemos reunir num tipo o trasmontano 210 e o beirão 293, de órbitas megasemas, leptorrínicos e de afinidades mandibulares; o beirão n.º 184, também leptorrínico, é de um tipo de órbitas mesosemas; o trasmontano 374 difere deste na sua cameconquia, e, embora ainda leptorrínico, é-o menos do que os anteriores; e, finalmente, o alemtejano é platirrínico e cameconco.

Relativamente ao tipo médio português, as diferenças dos 5 crânios são em sentidos bastante divergentes, menos, naturalmente, pelo que diz respeito à sua hipsistenocefalia, e ainda

para 3 dêles, ao seu índice mandibular. Alguns dos crânios, para certos índices, afastam-se consideravelmente do tipo português. No gráfico n.º 1, em que êste tipo serve de base, se pode verificar o facto. Quanto ao índice orbitário, o crânio 374 é o mais cameconco, e o alemtejano apresenta um valor quasi igual à média portuguesa. Todos os outros são de órbitas mais altas, sobretudo o trasmontano 210. Quanto ao índice nasal, todos o tem mais baixo, menos também o n.º 374, de tendência para a mesorrinia, e o alemtejano platirrínico. Êstes dois tem igualmente maior índice do buraco occipital, índice que, como se sabe, é geralmente maior nas raças inferiores do que nas superiores. Para o índice facial superior, ainda o crânio 374 diverge no sentido oposto ao da maioria dos restantes: é menos leptoprósopo. Quanto ao índice alveolar, ainda o 374 é o que o apresenta mais elevado, seguindo-se o beirão n.º 184, e tendo os outros 2 crânios beirão e trasmontano menor índice alveolar do que o tipo médio português. Registaremos que é também o crânio 374 o de menor capacidade.

Dos crânios preistóricos portugueses da colecção do Serviço Geológico destacam-se alguns de tendência hipsistenocefala, como o ♀ n.º 3 de Mugem (paleolítico), e os n.ºs 2 e 3 de Casa da Moura (neolítico).

O primeiro, de muito fraca capacidade, é mesorrínico, de órbitas microsemas e prognata.

O segundo tem mais afinidades com o crânio trasmontano 374 do que com qualquer dos restantes.

O n.º 3 de Casa da Moura, pelos seus índices orbitário e capacidade, avizinha-se mais do trasmontano n.º 210.

O ortognatismo dos hipsistenocefalos portugueses contemporâneos afasta-os do tipo dolicocefalo do Vale do Tejo, que designaremos por *Homo afer taganus* var., ou, abreviadamente, por *H. taganus*.

Eis, segundo PAULA e OLIVEIRA (1), algumas das me-

(1) *Note sur les possements humains existants dans le Musée de la Commission des Travaux Géologiques*—In "Comun. da Com. dos Trab. Geol. de Port.", T. II.

didadas referentes aos aludidos crânios primitivos de Portugal:

	Mugem	Casa da Moura	
	N.º 3 ♀	N.º 2	N.º 3
Índ. cefálico	73,4	71,7	74,1
„ vértico-longo	75,7	73,3	74,1
„ vértico-transverso	103,2	102,2	100,0
„ orbitário	75,0	79,5	92,1
„ nasal	50,0	47,7	—
Capacidade	1300 ^{cc.}	1442 ^{cc.}	1557 ^{cc.}

Entre os hipsistenocefaloides portugueses contemporâneos ha a destacar um tipo definido pelo crânio beirão do Gabinete de Antropologia do Pôrto, n.º 84, ♂, cuja descrição foi objecto dum nosso trabalho anterior ⁽¹⁾. É caracterizado, como o tipo de Cro-Magnon e o do Grimaldi, por uma nítida desarmonia crânio-facial e tem um índice nasal relativamente elevado, o que o aproxima mais do segundo destes tipos do que do primeiro, embora não seja lícito considerá-lo propriamente *negroide*.

Um crânio desarmonico trasmontano da colecção FERRAZ DE MACEDO, o n.º 494 da série (n.º 2498 do Cemitério Oriental

⁽¹⁾ *Sobre o índice nasal na Beira Alta e um crânio desarmonico beirão*. "Anais da Acad. Politecn. do Pôrto", Coimbra, 1917. Neste trabalho, como noutros, utilizamos, como fazem muitos autores, o índice vértico-longo, que conduz a estabelecer nesse crânio a platicefalia. Ora tal conclusão, nessê como noutros casos, está em contradição com o que sobre o desenvolvimento do crânio em altura dizem o índice vértico-transverso, as relações modulares e o próprio estudo descritivo. Nos crânios hipsistenocefalos ou hipsistenocefaloides a inferioridade do índice vértico-longo resulta do grande comprimento dos crânios.

No nosso estudo *Sobre alguns crânios da Índia Portuguesa*, (Extr. dos "Anais da Faculd. de Medicina do Pôrto", 1917, pág. 20), escrevemos que não atribuíamos um seguro significado morfológico aos índices verticais e que a altura básilo-bregmática tem maior interesse, se bem que oscilando com o volume dos crânios. Não exprimimos, porém, rigorosamente o nosso parecer. De facto, como vimos, os índices verticais, isoladamente, pouco ou nada dizem. Mas, analisados conjuntamente com outros elementos, tem — sobretudo o vértico-transverso, associado ao índice cefálico — uma grande importância. A altura básilo-bregmática, sem se introduzir em índices ou relações modulares, tem a significação restrita de todas as medidas tomadas em absoluto; englobada, porém, em índices ou relações, é valiosa.

de Lisboa), é hipsistenocefaloide também, cameconco, prognata e de fraquíssima capacidade craniana:

Índ. cefálico	72,7
„ vért.-longo	76,7
„ vért.-transv.	105,6
„ facial superior.	48,0
„ nasal	51,1
„ do buraco occipital	85,3
„ alveolar	102,0
Capacidade	1213 ^{cc.}

(Medidas de FERRAZ DE MACEDO e MENDES CORREIA)

A sua desarmonia afasta-o do tipo de Muges, mas aproximam-no outros caracteres (índ. nasal, prognatismo, capacidade). Sabendo-se, porém, que é um crânio muito plagiocéfalo e plagioprósopo, a sua possível anormalidade torna vedada qualquer identificação definitiva (!).

Em nenhum outro hipsistenocefaloide das séries masculinas de Traz-os-Montes e da Beira Alta da coleção FERRAZ DE MACEDO e da do Gabinete de Antropologia da Faculdade de Ciências do Pôrto, se encontravam tendência prognata e mesoplatirrinia. Além disso, eram todos leptoprósopos. Quanto ao índice orbitário predominam, no grupo hipsistenocefaloide, os cameconcos, mas o índice médio do grupo é de 85,4, mesosema. Seria aceitável que, pela sua leptorrínia, ortognatismo e índice facial, êstes crânios se avizinhassem do tipo de Chancelade, mas o predomínio da cameconquia permite que poucos exemplares sejam susceptíveis dessa aproximação, a não ser que, ou se não ligue importância ao índice orbitário—o que de modo algum nos parece razoável—ou se considerem a microsemia e, pelo contrário, a megasemia de diversos exemplares como meras variações individuais dum tipo mesosema, análogo ao esquimoide magdaleneense. Mas o campo das hipóteses é muito

(!) Assim dizemos já no artigo *À propos des caractères inférieurs de quelques crânes préhistoriques du Portugal*, In "Archivos d'Anat. e Antropol.", — Lisboa, 1917.

vasto, e é indispensável antes de nos abalancharmos a percorrê-lo, passar em revista, para os necessários confrontos e possíveis sistematizações, vários hipsistenocéfalos e hipsistenocefaloides, primitivos e actuais, das diferentes regiões do globo.

*

Como já foi dito, GIUFFRIDA-RUGGERI acentuou recentemente o character arcaico da "forma hipsistenocéfala", chamando a atenção para a sua frequência em crânios primitivos e antigos da Europa e norte da África. Concordando com uma certa aproximação morfológica entre o tipo etiópico e os vedas e australianos (1), considera essa forma arcaica de origem equatorial e "protoetiópica". O *H. aurignacensis* de Combe-Capelle, é mesmo por êle designado *H. fossilis proto-ethiopicus* (2).

Por outro lado, já de ha muito se vinham notando a elevação e o simultâneo estreitamento de crânios dolicocefalos americanos, considerados de primitivos habitantes do Novo Continente, como os de Lagôa Santa, descobertos por LUND, e outros que foram encontrados não só no Brasil, mas na Argentina, Equador, etc.

ANTON, MOCHI, BIASUTTI, TEN KATE, RIVET, etc., ligaram esta e outras descobertas, pela sua análoga caracterização, a populações actuais do Novo Continente, em que se tem determinado a hipsistenocefalia, e ao passo que ANTON constituia um ramo *protoamericano* com os fogueiros, botocudos e esquimós (3), MOCHI, com outros autores, via no tipo de Lagôa Santa o seu dólico-acrocéfalo oceânico.

Deveriam, porém, colocar-se numa mesma plana dos quaternários europeus os crânios americanos que se supuzeram fósseis e que interessam ao nosso estudo? O tipo de La-

(1) G. RUGGERI — *Nuovi studi sull'antropologia dell'Africa orientale* — "Arch. per l'Antrop. e l'Etnol.", 1915.

(2) Id. — *Crani*, etc., op. cit., págs. 309 e 312.

(3) HOYOS SAINZ, — *Etnografia*, Madrid, 1900, pag. 269 e segg.

gôa Santa (englobando os crânios de Lagôa Santa, Fontezuelas, Arrecifes, Miramar, etc.) e o de Necochea teem alguns caracteres inferiores, que, embora do *Homo sapiens*, permitem supô-los de feição primitiva. O recente trabalho de ALES HRDLICKA sôbre a paleantropologia da América do Sul ⁽¹⁾ veiu dar como duvidosas a fossilização e a cronologia primitiva dessas descobertas, de modo que as não apreciaremos em conjunto com os documentos do paleolítico europeu. É crível, porém, que a crítica do sábio acima mencionado “peque por um exagerado scepticismo”, como escreve OBERMAIER, e, ainda como êste, estamos persuadidos de que ulteriores descobertas reabilitarão, pelo menos em grande parte, a lista de ossadas humanas atribuídas por LEHMANN-NITSCHKE ao quaternário da América do Sul ⁽²⁾.

Os documentos do paleolítico europeu a apreciar são os hipsistenocéfalos de Combe-Capelle e Grimaldi, e os hipsistenocefaloides de Chancelade e Mugem, ao último dos quais já aludimos entre os crânios portugueses.

O esqueleto masculino de Combe-Capelle (Périgord) é atribuído geralmente ao aurignacense e foi descrito por KLAATSCH como o representante dum tipo humano especial, o *Homo aurignacensis*, que o autor, por confrontos superficiais sôbre os membros, pensou em filiar no orangotango ⁽³⁾ ao passo que o homem de Neanderthal derivaria do gorilha. A sua posição aproxima-se da do esqueleto de Chancelade. Alguns autores, guiados sobretudo pelo índice cefálico, reúnem ao tipo de Combe-Capelle os restos solutrenses de Brünn (Moravia) e os crânios, de idade duvidosa, de Brüx (Boémia) e de Galley-Hill (Inglaterra).

⁽¹⁾ A. HRDLICKA — *Early Man in South-America* — “Smithson. Institut. Bureau of Americ. Ethnol.” Bulletin 52. Washington, 1912.

⁽²⁾ HUGO OBERMAIER — *El hombre fósil* — Madrid, 1916, pág. 290.

⁽³⁾ Examine-se a êsse respeito a crítica em *L'Anthropologie* ao trabalho de H. KLAATSCH — *Die Aurignac-Rasse und ihre Stellung im Staumbaum der Menschheit* — “Zeitschrift für Ethnologie”, 1910.

Os restos de Brünn e Brüx reduzem-se a muito pouco, para uma identificação precisa. O crânio de Galley-Hill, a que KEITH atribue uma antiguidade de 200 mil anos, dizendo entretanto que não difere do dum inglês moderno (1), foi considerado não só duma cronologia duvidosa (2), mas mesmo como tendo sofrido uma deformação póstuma (3), o que prejudica os confrontos craniométricos.

A calote craniana de Brünn apresenta, é certo, um índice cefálico de 66, uma certa obliquidade da frente, uma grande proeminência occipital, e crívelmente possuía uma altura que deveria corresponder a uma largura craniana menor (4). A sua hipsistenocefalia, é, pois, admissível, mas faltam, pelo seu mau estado, muitos outros dados que felizmente se podem em grande parte colher no crânio de Combe-Capelle.

As diferenças entre o homem de Neanderthal e o de Combe-Capelle são flagrantes, e é geral a tendência para se não aproximar êste último daquêle, mas para o incluir no *Homo sapiens*. Mas o que se faz também (5) e nos não parece bem fundamentado, é incluir-se o aurignacense de Combe-Capelle no tipo de Cro-Magnon, seu coevo.

Partilhando da opinião de vários autores, não nos parece de modo algum plausível a extensão dada ao grupo de Cro-Magnon, abrangendo-se nele os tipos de Chancelade e o de Combe-Capelle. O tipo de Cro-Magnon apresenta uma acentuada unidade de formas, e aquelas duas descobertas constituiriam nesse tipo elementos muito aberrantes e perturbadores. As diferenças de estatura entre o Cro-Magnon e as duas

(1) A. KEITH — *Ancient types of Man*. — London, 1911.

(2) M. BOULE — *La paléontologie humaine en Angleterre* — In "L'Anthropologie", — Tome XXVI, 1915, pág. 35. — Cf. também H. OBERMAIER — Op. cit., pág. 275.

(3) DUCKWORTH — *The problem of the Galley-Hill skeleton* — In "Essays and Studies presented to William Ridgeway", — Cambridge, 1913.

(4) Cf. gravura e dados métricos de HERVÉ — *Le squelette humain de Brünn* — In "Revue de l'École d'Anthropologie", — Paris, 1893, págs. 23 e 24.

(5) Cf. H. OBERMAIER — Op. cit., pág. 292.

formas são bem conhecidas, e a estatura não é um caracter antropológico de pouca importância. O índice nasal, leptorrínico em Cro-Magnon e Chancelade, é platirrínico em Combe-Capelle. A desarmonia crânio-facial do Cro-Magnon não existe, pelo menos tão nítida, nos outros dois tipos de paleolítico superior. A platicefalia distingue-o também destes dois, que são hipsistenocéfalos ou de tendência hipsistenocéfala. A cameconquia distingue a seu turno os crânios de Cro-Magnon e de Combe-Capelle do de Chancelade. Emfim, êste é ortognata, o de Combe-Capelle prognata, e o de Cro-Magnon talvez intermédio. Considerar-se *errónea*, como o faz HUGO OBERMAIER, a introdução do *Homo aurignacensis* na bibliografia antropológica, é um exagero de crítica, contra o qual protestam os confrontos supramencionados. Contra a sua assimilação ao Cro-Magnon, feita pelo mesmo autor, protestam também as figuras A. e B. da Lam. XIV do seu próprio trabalho. Essas duas figuras, colocadas a par, como que propositadamente para inutilizar a explanação do texto, representam as normas anteriores do crânio de Cro-Magnon e do de Combe-Capelle.

É lícito considerar o tipo *H. aurignacensis* como não definitivamente estabelecido, por o seu conhecimento assentar apenas, por assim dizer, sôbre um esqueleto, e êste mesmo não íntegro. Mas não poderá recusar-se *in limine* a sua existência, e muito menos incluir o homem baixo, prognata, hiperdolicéfalo, platirrínico e hipsicéfalo do abrigo da Dordogne, na raça de Cro-Magnon, alta, menos prognata, dolicocéfala, leptorrínica, de tendência platicéfala, raça cujos restos foram bem sistematizados por alguns antropólogos, como GIUFFRIDA-RUGGERI.

Dos dois negroides de Grimaldi, um, o adolescente, apresenta também a hipsistenocefalia. Também o estabelecimento da *raça de Grimaldi* suscitou reparos a alguns, entre os quais, ainda recentemente, OBERMAIER na sua obra já citada. O estabelecimento duma *raça* apenas sôbre os esqueletos duma velha e dum adolescente — nem um só de adulto do sexo masculino — foi considerado *prematureo*. A verdade, porém, é que o *negroidismo* incontestável dos dois esqueletos não autoriza a

a inclui-los em qualquer outro grupo conhecido do paleolítico superior.

Considerada aurignacense por OBERMAIER, a sepultura dos dois negroides não apresenta para outros uma cronologia bem assente (1). Admitida a simultaneidade perfeita dos negroides com o *H. aurignacensis* de Combe-Capelle (e não nos repugna crêr em que os tipos de Cro-Magnon, Grimaldi e Combe-Capelle sincrónicamente se desenvolveram, como formações paralelas, no paleolítico superior), não nos aventuraremos entretanto em hipóteses sôbre as suas mútuas relações genealógicas. O que é certo é que, apesar de muitas afinidades morfológicas, êles não se confundem num tipo idêntico.

Confrontando alguns caracteres do homem de Combe-Capelle e do adolescente de Grimaldi, fez notar GIUFFRIDA-RUGGERI (2) que à facies "negroide,, dêste último se contrapunha a facies de preferência "protoetiópica,, do primeiro, sobretudo pela sua morfologia facial. (V. gráfico 2 em que a base é o tipo médio português). O prognatismo do primeiro é discreto, a face talvez mais alongada, as órbitas um tanto mais altas (embora ainda microsemas), a platirrinia levemente menor. Por outro lado, o crânio é também um pouco mais alongado:

(1) Cf. DECHELETTE — *Manuel d'Archéologie Préhistorique, celtique, et gallo-romaine*, I, 1908, pág. 296. OSBORN considera os negroides de Grimaldi muito diferentes dos exemplares de Cro-Magnon, encontrados num nível superior. (G. RUGGERI — *La successione e la provenienza delle razze europee preneolitiche e i pretesi Cro-Magnon delle Canarie* — Extr. de "Rivista Italiana di Paleontologia,, Parma, 1916, pág. 5). Neste trabalho G. RUGGERI manifesta-se por que o sucessor aurignacense do Neanderthal foi o seu *H. proto-aethiopicus* e não o Cro-Magnon, que sobreveiu posteriormente.

(2) *Crani preistorici*, etc., op. cit., pág. 315. Os dados métricos relativos ao crânio de Combe-Capelle são extraídos dêste trabalho e do de ARANZADI — *Dimensiones*, etc, op. cit., pág. 328. O módulo de SCHMIDT foi por mim calculado sôbre os dados de G. RUGGERI.

KLAATSCH não atribue ao *Homo aurignacensis* de Combe-Capelle exactamente os mesmos dados métricos; assim o seu ind. cef. é 65,5, o ind. orb. 70,0, etc.

As relações modulares do crânio de Grimaldi foram por mim calculadas sôbre os dados de VERNEAU (*Les grottes de Grimaldi* — T. II — *Anthropologie* — Monaco, 1906).

	Combe-Capelle	Grimaldi
Estatura (calculada)	1 ^m ,55	1 ^m ,56 (1)
Módulo de SCHMIDT	157,5	154,0 (?)
Índ. cefálico	66,7	69,3
„ vért. longo	68,2	71,4 (?)
„ vért. transv.	102,2	103,0 (?)
„ nasal	53,0	54,4
„ orbitário	74,4	66,7
„ fronto-parietal	73,5	70,7
„ alveolar	103,9	>109
Rel. vértico-modular.	89,6	88,9
„ transv.-mod	85,6	86,4
„ long.-mod.	124,8	124,7

Passando aos crânios hipsistenocefaloides do paleolítico europeu, surge-nos o magdaleneense de Chancelade, de que se avizinham os de Laugerie Basse e Placard. Êsse tipo acusa, pelas suas relações modulares, um grande estreitamento e uma grande altura, superiores aos caracteres similares do crânio de Combe-Capelle. Ê, porêm, menos alongado do que êste: o seu índice cefálico é de 72,02. De baixa estatura, alta capacidade craniana (1710.^{cc} ?), leptorrínico (índ. nas. 42,5), de órbitas altas (índ. orb. 87,0, mesosema), ortognata, fronte alta e vertical, de face alta e larga (2), o homem esquimoide de Chancelade diferia do de Combe-Capelle pelos índices orbitário e nasal, ortognatismo, etc., e do de Grimaldi, sobretudo pelo seu nulo negroidismo. Vê-se assim que em pleno quaternário, ao lado dos primitivos hipsistenocéfalos meso-platirrínicos, prognatas e de órbitas microsemas, surgiam tipos de tendência hipsistenocefala com órbitas mais altas, ortognatismo, e índice nasal mais baixo.

E dizemos *ao lado* e não *depois de* (embora o homem de Chancelade seja dum paleolítico menos antigo) porque não só

(1) Tratando-se dum adolescente, a estatura média da população deveria ser maior e o mesmo sucederia com a capacidade que ainda assim no jóven negroide era alta — 1580.^{cc} (?)

(2) G. HERVÉ — *La race des troglodytes magdalèniens*. — “ Rev. de l'Ecole d'Anthrop. ”, 1893, pág. 183.

num paleolítico ainda mais moderno, mas até na actualidade, se encontram hipsistenocéfalos ou hipsistenocefaloides com os aludidos caracteres (cameconquia, meso-platirrinia, prognatismo).

No fim do paleolítico, o doliocéfalo de Mugem, de baixa estatura, leptomesoprósopo, com a frente inclinada, de arcadas supraciliares salientes, forte prognatismo, órbitas microsemas, nítida mesorrinia e fraca capacidade craniana, é ainda, algumas vezes, de tendência hipsistenocéfala. Neste facto, na estatura, no alongamento da face, no índice orbitário, tem o dolicoide dos *kjoekkenmoeddinger* azílio-tardenoienses do Vale do Tejo certas afinidades com o "protoetiópico", de Combe-Capelle (¹). Mas, além de algumas divergências na norma facial, a sua capacidade muito fraca, o seu índice cefálico, mesmo nalguns casos o índice orbitário, etc., estabelecem diferenças entre os 2 tipos. O doliocéfalo do Vale do Tejo não apresenta, a bem dizer, um tipo uniforme, particularmente nos índices orbitário e verticais. É que já se começava a estar em presença de populações misturadas. De facto, ao lado desses doliocéfalos, apareciam braquicéfalos, como na estação de Ofnet, e é lícito suspeitar que mesmo na origem dos doliocéfalos mais isentos de cruzamentos com braquioides, houvesse colaborado mais do que um tipo primitivo.

A filiação dos *mediterrâneos* actuais nesses doliocéfalos, tem sido feita dum modo talvez demasiadamente absoluto. No que diz respeito a Portugal, já evidenciámos que o *Homo tagnus*, mesorrínico, prognata e de frente oblíqua, não podia identificar-se com o tipo médio português contemporâneo, leptorrínico, ortognata e de frente menos oblíqua, ou vertical, embora haja algumas afinidades e seja lícito admitir, ou uma sua evolução progressiva através das idades, ou a influência de elementos étnicos morfológicamente superiores, como o de Chancelade, e mais tarde no neolítico o de Baumes-Chaudes.

(¹) Cf. MENDES CORRÊA. — *À propos des caractères inférieurs*, etc., op. cit., pág. 232.

Pelo que diz respeito aos restos de Ofnet, parece que SCHLIZ considera alguns como da raça *mediterrânea* (1), e o mesmo faz OSBORN (2), com um ponto de interrogação. A estampa de BIRKNER reproduzida na obra de OBERMAIER conduz-nos a crêr que o dolicocéfalo (?) de Ofnet teria, sobretudo na norma lateral, algumas afinidades com o *Homo taganus*, e assim a sua inclusão na raça *mediterrânea* suscita fundamentamente as dúvidas de OSBORN. Considerando êste autor "extremely longheaded", o dolicoide de Ofnet, GIUFFRIDA-RUGGERI diz haver nisso um exagêro, porque no quadro de OSBORN é dado o índice cefálico 75, simples limite da subdolicocefalia. Como SCHLIZ evidenciou, existe em Ofnet uma série de formas intermédias entre o dolicocéfalo e o braquicéfalos, o que atesta a possível impureza de ambos. Por outro lado o braquicéfalos abunda na estação bávara mais do que na nossa de Muges, que continha poucos braquicéfalos, ao lado de muitos dolicocéfalos.

BREUIL (3) classifica os restos do Vale do Tejo no tardenoisense, e os despojos mortuários de Ofnet são dados simplesmente como azilienses, ou ainda como azílio-tardenoisenses. Não é fácil estabelecer qual das duas séries de esqueletos é mais antiga. "O tardenoisense espanhol é mais antigo do que o francês—escreve OBERMAIER (4)—facto que pôde dar lugar a que um dos ramos ocidentais chocasse com o Magdaleneense superior do tipo francês *seu contemporâneo* na Cantábria, explicando-se assim como da mescla de ambas as indústrias se originou o aziliense". E noutro ponto (5) o mesmo autor assegura que "a metade mais antiga do período tardenoisense é seguramente sincrónica com o aziliense, e daí, pelo menos pro-

(1) H. BREUIL—*Le gisement quaternaire d'Ofnet*— "In L'Anthrop.",— 1909, pág. 213.

(2) G. RUGGERI—*La successione*, etc. Op. cit., pág. 7.

(3) H. BREUIL—*Les subdivisions du paléolithique supérieur et leur signification*.—In "Compte-rendu du XIV.^e Congrès d'Anthr. et d'Archéol. Préhist.", Vol. I. Gêneve, 1913. págs. 223 e 227.

(4) Op. cit., págs. 326 e 327.

(5) Id., pág. 322.

visoriamente, ser oportuno em muitos casos falar dum azilio-tardenoisiense. „ Êstes trechos mostram bem que embora o tardenoisiense seja descrito geralmente após o aziliense propriamente dito, não só é por vezes difícil distinguir os 2 períodos um do outro, como também não é ainda possível pretender-se marcar com rigor a sua sucessão no tempo. Ambos pertencem à actualidade geológica, e representam uma fase de civilização inferior à magdaleneense sua antecessora, o que permite atribuí-los a imigrações de vários povos mais atrasados até certo ponto do que os trogloditas magdaleneenses. Para a diferenciação cronológica dêsses povos não ha padrão seguro, sendo legítimo considerá-los mesmo quási como coevos uns dos outros.

A descoberta dos restos de Ofnet e de Muges e a sua associação com uma indústria aziliense ou tardenoisiense, que se estendeu à África, Índia e até provavelmente à Austrália, indiciam claramente que aquelas populações emigrantes vieram para o ocidente ibérico ao longo da costa setentrional da África, enquanto que (esta simultaneidade não é rigorosa) outra massa migratória se dirigia à Europa central, seguindo o caminho do Danúbio e deixando os seus vestígios na Baviera oriental (1). Numa e noutra correntes de migração vinham, ao lado de dolicocefalos, braquicefalos em diversas quantidades, e a maior abundância dêstes na jazida oriental de Ofnet do que na ocidental de Muges justifica até certo ponto a hipótese freqüentemente admitida de que os braquicefalos vieram da Ásia. Assim, êles teriam passado ao norte da África e, agregando-se a populações dolicocefalas, teriam pela costa africana trasido o seu atrazo cultural até ao extremo ocidental da Europa (2).

Sobre a origem das populações dolicocefalas *pre-mediterrâneas*, o nosso parecer nem em tudo se conforma com o exposto por alguns autores que temos citado. Pela designação de

(1) G. RUGGERI — *Successione*, etc., op. cit., págs. 7, 8 e 9.

(2) MENDES CORRÊA — *Sur les brachycéphales préneolithiques, leur origine et leur culture*. — Soc. Port. de Sciences Naturelles, Lisbonne, 1917.

pre-mediterrâneos entendemos os dolicocefalos preneolíticos de Muges e de Ofnet, que crívelmente teriam também dentro da sua área de dispersão a bacia do Mediterrâneo, sobretudo a Sicília e o norte de África. Vimos que não era talvez aceitável identificar tais populações com os mediterrâneos actuais (ou *ibero-insulares*, da classificação de DENIKER), embora seja crível que, sofrendo uma evolução profunda ou estabelecendo cruzamentos com outros elementos superiores, elas possam incluir-se entre os antepassados dêsse tipo contemporâneo.

No nosso modo de vêr, as populações pre-mediterrâneas do final do paleolítico traduziriam já em parte uma mescla antropológica que é um facto comum nos povos actuais. O *Homo taganus*, como porcerto o dolicoide de Ofnet, não constitue um tipo de grande homogeneidade morfológica, como era o tipo de Neanderthal ou o de Cro-Magnon. Mas tanto quanto os métodos antropológicos permitem discriminar elementos ou definir tipos médios, o *H. taganus* avizinha-se alguma coisa — sem se identificar com êle — do *H. aurignacensis* de Combe-Capelle.

Ao passo que a hipsistenocefalia diminuía ou de todo desaparecia (¹), a platirrinia se atenuava e o índice orbitário subia, o nosso dolicoide tardenoisense mantinha ainda, também distinguindo-o do *H. aurignacensis*, caracteres inferiores na hierarquia antropológica, como a sua fraca capacidade, um maior prognatismo, etc.

Relativamente ao adolescente de Grimaldi, distinguiam-no ainda mais elementos, além da capacidade, mesorrinia, etc.: o achatamento occipital, a forma das chanfraduras nasais, a obliquidade da fronte, a natureza do prognatismo, grandes diferenças mandibulares, e enfim a harmonia crânio-facial. Em tais condições, se alguma aproximação havia a esboçar entre o tipo de Muges e outro qualquer, seria com o *H. aurignacensis*. Esta aproximação — não identificação, repito — permite supôr a hipótese dum parentesco que não seria (pela divergência de caracteres em sentidos opostos) a filiação do de Muges no pri-

(¹) O crânio ♂ n.º 6 de Muges tem o ind. vért. transv. de 97,1 (PAULA e OLIVEIRA — *Note sur les ossements*, etc., op. cit.).

meiro ou vice-versa, mas o da origem comum dos dois tipos antropológicos.

Ora, a origem do *H. aurignacensis* e das civilizações que caracterizaram os primeiros períodos post-musterienses não está ainda assente. Alguns colocam a origem do aurignacense na região mediterrânea, mas faltam dados comprovativos a Êste do Mediterrâneo (1). OSBORN crê que a raça por êle designada de Brünn (solutrense?) penetrou no vale do Danúbio, vindo do Oriente. Mas o que OBERMAIER afirma com certa convicção é a sua crença em que o aurignacense na Europa ocidental e central não evoluiu *in loco* do musteriense, mas que se dera uma substituição de raças e elementos de civilização. Por outro lado, graças aos trabalhos de SIRET, é permitido supor que no aurignacense a Espanha foi, como no azílio-tardenoiense, uma região de trânsito de África para a Europa (2). E GIUFFRIDA-RUGGERI vem, sôbre dados antropológicos, exprimir o parecer da origem equatorial do seu tipo protoetiópico, que teria passado à Europa na fase relativamente quente que precede o solutreo-magdaleneense (3).

Ha um paralelismo singular entre os dados relativos ao roteiro das civilizações e dos povos aurignacenses e os dos azílio-tardenoienses. Os antepassados do *H. taganus* viveriam talvez no berço do protoetiópico, e aquêle seria assim, como êste, de origem equatorial, se é lícito considerar assente a hipótese do sábio italiano.

Resumindo os dados relativos às afinidades e diferenças entre os hipsistenocéfalos e hipsistenocefaloides do paleolítico europeu, cumpre notar que já no aurignacense (4) a forma hipsistenocéfala não era única (Combe-Capelle, Grimaldi), no magdaleneense apresentava formas novas e atenuadas (Chancelade) e o mesmo sucedia no azílio-tardenoiense (Mugem). Esta última aproxima-se mais da de Combe-Capelle do que das

(1) OBERMAIER — Op. cit. págs. 123 e 124.

(2) Id., págs. 114 e 204.

(3) *Quattro crani preistorici*, etc., op. cit., pág. 305.

(4) Supondo aurignacense o tipo de Grimaldi.

restantes, ao passo que a de Chancelade difere bastante das outras, representando possivelmente um primitivo hipsisteno-céfalo, diverso daquêles de que derivaram o *H. auri-gnacensis*, o *H. Grimaldii* e o *H. taganus*.

*

A recente publicação do trabalho de MILLER ⁽¹⁾ em que se atribuem a mandíbula e os dentes de Piltdown a um chimpanzé fóssil, veio, com as tentativas de valorização das velhas descobertas de Olmo e Castenedolo, sugerir novos pontos de vista sôbre a filiação dos tipos humanos primitivos.

As condições de jazida dos restos de Piltdown tornam flagrante a sua classificação no paleolítico inferior, sendo apenas discutível se se trata do precheleense, do cheleense ou do acheulense inferior ⁽²⁾. A sua antiguidade, não falando na mandíbula de Mauer e talvez na de Taubach, é claramente mais remota do que a de todos os restos do *Homo neanderthalensis* de cronologia bem estabelecida.

Por outro lado, vem últimamente G. SERGI, retomando os velhos dados de COCCHI sôbre o homem fóssil de Olmo e os elementos fornecidos pelo prof. CACCIAMALI a respeito do suposto homem plioceno de Castenedolo, pretender estabelecer a autenticidade e a antiguidade dessas duas descobertas, atribuindo a primeira ao quaternário antigo, considerando-a coeva do *Elephas antiquus*, e não mostrando repugnância em crêr que o esqueleto de Castenedolo seja do plioceno recente ⁽³⁾. Pelo que diz respeito ao crânio de Olmo, compartilhamos até certo ponto o critério de SERGI, notando que o próprio prof. OBERMAIER, sem outros elementos positivos sôbre o assunto, diz achar muito eloquente, como justificação da antiguidade do

(1) J. S. MILLER — *The jaw of the Piltdown Man* — "Smithsonian Misc. Coll.", vol. 65, n.º 12, Washington, Nov. 1915.

(2) OBERMAIER — op. cit., págs. 273 e 274.

(3) G. SERGI — *Sul'uomo fossile dell'Olmo* — Extr. da "Rivista di Antropol.", — Vol. XXI. — Roma, 1916-1917.



crânio, o ter sido encontrado a 15^m abaixo da superfície do solo (1). Muito duvidoso continúa, porém, sendo o achado de Castenedolo pela dificuldade de reconstituir rigorosamente as suas condições de jazida, e de esclarecer, tanto tempo depois, as objecções que então se formularam. Mesmo excluindo, entretanto, os restos de Castenedolo, de precária estratigrafia terciária, ficam os de Olmo e de Piltdown, para atestar que no paleolítico inferior não existia exclusivamente o *Homo neanderthalensis*.

A calote craniana de Olmo, segundo a descrição de SERGI, distingue-se bem dêste tipo pleistoceno. A frente é vertical, embora baixa. As paredes ósseas são espessas, como as do crânio de Piltdown. Não ha *torus supraorbitalis*, e, conquanto platicéfala, a altura da calote é superior à do tipo de Neanderthal:

Neanderthal	40,4
Spy 1	40,9
Spy 2	44,0
Gibraltar	40,0
La Chapelle	48,5
Olmo	58,4

Relativamente aos italianos modernos e mesmo a alguns crânios preistóricos, o frontal do homem de Olmo é menos desenvolvido, tanto quanto é possível verificá-lo, a despeito da imperfeição do lado esquerdo da frente.

Pelo que diz respeito ao crânio de Piltdown, a separação da mandíbula desfaz o tipo do *Eoanthropus Dawsoni*, tal qual as presunções de alguns sábios inglêses o tinham caracterizado. Mas, se a reconstituição do crânio propriamente dito sôbre os fragmentos excessivamente parcelares e incompletos que foram descobertos, não falha desastrosamente, podemos também crêr em que, como o homem de Olmo, o de Piltdown se aproxima mais do *H. sapiens* actual do que do *H. neanderthalensis*.

A alta antiguidade do *H. sapiens* ou de formas que muito

(1) OBERMAIER — op. cit., pág. 278.

se lhe assemelhavam, vem assim a estabelecer-se, e afasta-se cada vez mais a hipótese de que êle descende, por evolução progressiva, do tipo neandertalense.

A presença dos restos superiores a êste tipo em Inglaterra e na Itália, e não na Europa central, onde, então ou depois, predominaria o homem de Neanderthal, terá talvez uma significação paralela à da sobrevivência, hoje, de certos tipos arcaicos nas chamadas "áreas marginais", (1). Êles representariam as guardas avançadas, na Europa, de formas superiores, que talvez de outras partes do mundo viriam em maiores massas povoá-la mais tarde, no paleolítico superior, aniquilando os homens de Neanderthal, mesmo violentamente, como o atestariam os macabros festins de Krapina.

E, falando dos restos musterienses de Krapina, não nos parece que a braquicefalia aparente num dos seus fragmentos menos parcelares, seja de molde a prejudicar a sua inclusão na espécie (definida morfológicamente apenas) (2) *Homo neanderthalensis* (3). Diz bem HRDLICKA: "It is evident that the diluvial man of Krapina represents a group belonging to the family of the *Homo neanderthalensis*", (4). Mas, impellido por certo pela crença duma necessária filiação do homem actual naquela espécie pleistocena, acrescenta: "He is very ancient and in many respects anatomically primitive, though he also shows in various details an advancement toward the actual human form",.

Ora, assim como dentro da espécie (5) *Homo sapiens* se

(1) GIUFFRIDA RUGGERI — *Residui di un tipo protoetiopico in Europa* — In "Anaes da Acad. Politecn. do Porto", — Vol XII — Coimbra, 1917.

(2) A fecundidade dos cruzamentos e o regresso aos tipos primitivos — recordêmo-lo — são elementos a apreciar na delimitação das espécies, e dum valor não inferior à sua definição somatológica.

(3) Preferimos esta designação à de *Homo primigenius* ou a qualquer outra pelo critério nomenclatural de prioridade, bem estabelecido neste caso por BOULE (*Homo neanderthalensis, sa place dans la nature* — "Compte rendu du Congrès Intern. d'Anthr. et Archeol. Préhistor.", — Geneve, 1912).

(4) ALES HRDLICKA — *The most ancient skeletal remains of man* — Second edition — Washington, 1916, p. 44.

(5) Contra o poligenista SERGI, adotamos a unidade da espécie *H. sapiens*, exactamente pelo critério da fecundidade dos cruzamentos. Dentro

admitem sem relutância variedades doliocéfalas e braquicéfalas, a unidade da espécie *Homo neanderthalensis* não deixaria de existir com o estabelecimento dum tipo braquicéfalo ao lado do tipo da espécie—dolioscéfalo ou mesocéfalo, segundo a diagnose excelente de BOULE.

Tal critério é, pois, o melhor, a não ser, está claro, que o *H. krapiniensis*, spec., que dentro do género *Paleanthropus* foi estabelecido por G. SERGI, seja apenas uma espécie com o valor taxonómico das espécies zootécnicas, criadas dentro das espécies lineanas de animais domésticos, como dentro do *Equus caballus*, do *Equus asinus*, do *Bos taurus*, do *Ovis aries*, do *Sus scropha* (1).

A raça de Predmost no aurignacense ou no solutrense inferior não seria necessariamente a ponte de transição do *Homo neanderthalensis*, do qual guardaria por exemplo o *torus supraorbitalis*, para o *Homo sapiens*, de que teria já a forma do

dessa espécie, cujo tipo não precisamos, porque seria muito arbitrário, estabelecemos 3 sub-espécies, correspondentes ás três grandes raças ou aos três velhos grupos de TOPINARD, *negro*, *amarelo* e *branco*, grupos bem delimitados por uma grande quantidade de caracteres. A cada uma dessas sub-espécies, cujos tipos são respectivamente os clássicos negro africano, o mongol e o europeu nórdico, anexamos então uma série de variedades, abrangendo grupos de raças e sub-raças das muitas que tem sido possível discriminar na grande mescla antropológica que ha na humanidade actual. O critério da formação desses grupos e da sua anexação a uma sub-espécie, é o critério de taxonomia biológica — a associação e a subordinação de caracteres. (MENDES CORRÊA — *Antropologia*, Pôrto, 1915, pág. 120 e segs.).

(1) SERGI include no seu *H. europaeus* (Neander-Spy) um exemplar de Krapina. (G. SERGI — *Sul valore delle misure in biologia e specialmente in craniometria* — "Atti della Soc. Ital. per il progresso delle Scienze," — Roma, 1910).

E' para notar que, embora em *El hombre fósil* esteja de acordo com GORJANOVIC-KRAMBERGER e LAPOUGE, escrevendo que os restos de Krapina "parecen más bien braquicéfalos, asin cuando no sea posible realizar en cifras absolutas esta suposicion," (pág. 295), num artigo em 1905, em *L'Anthropologie*, OBERMAIER escrevia que os crânios de Krapina se distinguem dos de Spy pela sua *hyperdolicocefalia* (pág. 17). Tratar-se-ia então dum lapso, ou, pelo contrário, da primeira impressão no exame de alguns restos da jazida croáta?

mento e outros caracteres (1). É possível que representasse antes uma sobrevivência mais ou menos adulterada da espécie neandertalense. Que a extinção dêesse ramo se deveria fazer em breve, como a das formas mais características da espécie se fizera já antes, sugere-o o facto de não se terem encontrado outros restos análogos aos da importante estação da Europa oriental (2).

De toda esta divagação, é nosso intuito apenas concluir que, se no paleolítico inferior a Europa central foi sobretudo povoada de neandertalenses, a existência antiqúissima de formas superiores em "áreas marginais", da Europa, e a origem extra-europeia das populações que no paleolítico superior vieram tomar, de todo, o lugar dos neandertalenses, permitem fazer crêr que ao mesmo tempo que êstes se acantonavam na Europa, já outras formas mais avançadas do género *Homo*, mesmo da espécie *H. sapiens*, existiam porcerto noutros continentes.

Se a platicefalia do homem de Olmo (que, com alguns outros caracteres do crânio, poderia sugerir a hipótese de se tratar do antepassado do Cro-Magnon) e se a possível mesaticefalia do homem de Piltdown são elementos que conduzem a não se pretender filiar os hipsistenocéfalos aurignacenses e posteriores, nessas formas extremamente arcaicas, o que é lícito presumir é que outro ou outros tipos humanos viviam, fóra da Europa, na mesma época pre-aurignacense em que aqui arrasava a sua existência improgressiva o homem de Neanderthal. Um dêesses tipos seria talvez um hipsistenocéfalo, em que pro-

(1) OBERMAIER — *El hombre fósil*, op. cit., pág. 293. HRDLICKA (*Ancient remains*, etc., op. cit., pág. 62) escreve: "The writer has seen this collection in two occasions and he regards it as by far the most important assemblage of material from the transitional period between earlier and the latest paleolithic forms. It represents in a measure the much searched-for bridge between the Neanderthal and recent man."

(2) A sorte da nossa hipótese sôbre a classificação dos restos de Predmost depende naturalmente, em parte, da publicação dos estudos que MATIEGKA tem feito na notável colecção, e que não sabemos se estarão mesmo já concluídos.

vávelmente se filiam o tronco protoetiópico de Combe-Capelle, o negroide de Grimaldi, o ramo um tanto australoide de Muges.

Mais complexo ainda é apurar das origens do hipsistenocéfaloide de Chancelade. Pertenceria a um filum muito diverso? Representaria complicada mestiçagem? As suas afinidades esquimoides, proclamadas por HERVÉ, induzem a estabelecer-lhe uma origem septentrional, diversa da provável origem equatorial dos outros hipsistenocéfalos?

Entrando na resenha de hipsistenocéfalos post-paleolíticos e actuais, veremos se êles fornecem ou não o fio condutor para uma solução fundada do problema.

*

Através do neolítico e dos tempos protoistóricos a progressiva modificação dos caracteres dos hipsistenocéfalos primitivos parece operar-se tanto por uma pura evolução como por sucessivas transfusões de sangue estranho. A hipsistenocéfalia não é um caracter predominante em grande número das séries da pedra polida e das edades dos metais. Mas alguns hipsistenocéfalos ou hipsistenocéfaloideos vão surgindo, como, entre os hipsistenocéfalos, o do dolmen de Maubert (Aveyron, Cevenos), um de Arene Candide, um do dolmen de Point de Conguel, um crânio da idade do bronze de Courchapon (Doubs), talvez vários crânios neolíticos e protoistóricos da Boémia, Silésia e outros pontos da Europa Central, enfim alguns egípcios primitivos; e, entre os de simples tendência hipsistenocéfala, alguns neolíticos portugueses de Casa da Moura já referidos, um neolítico armoricano da ilha de Tout-Bras, dois crânios do dolmen de Mureaux, muitos *Reihengräber*, um ou outro etrusco, um da idade do ferro do Valais, e antigos da Aquileia. Ainda a hipsidolicocefalia é a regra em crânios de Poltava da época scito-sarmata e em crânios preistóricos de Worm.

Um exemplar hipsistenocéfalo do dolmen de Maubert, nos Cevenos, tem alta capacidade, face alta e larga, é ortognata, leptorrínico e de órbitas microsemas (¹).

Teria mais afinidades com o tipo de Chancelade do que com o de qualquer conhecido hipsistenocéfalo do pleistoceno; apenas a sua hiperdolicocefalia e ainda a sua microsemia o afastam daquê. Veremos que essa associação de cameconquia com leptorrinia é, nos hipsistenocéfalos actuais, como era nos preistóricos, menos freqüente do que a sua associação com a meso-platirrinia. O crânio de Maubert, possivelmente duma estirpe caucasoide, mostra, como já no paleolítico o de Chancelade o fazia presumir, que a hipsistenocefalia não é privativa de tipos protoetiópicos, negroides ou australoides. Eis um ponto em que divergimos da tendência expressa nos trabalhos de vários autores, que se inclinavam a considerar a hipsistenocefalia, característica dum grupo *oceânico* ou *oceano-americano*, ou a supô-la mais ou menos constantemente reünida, numa significativa associação, á platirrinia ou a um certo negroidismo. Outros exemplos virão adiante em apoio da nossa opinião.

Da dois hipsistenocefaloides dos dolmens de Mureaux (Seine et Oise) só se conhecem os índices facial, orbitário, etc., num dêles (²). A face neste exemplar é muito alongada, e o índice orbitário bastante elevado, quási megasema. Apenas o índice nasal o avizinharia do tipo de Combe-Capelle. Mas êste último índice e talvez mesmo o facial o afastam também do de Chancelade, como o orbitário e talvez ainda o facial, do *H. taganus*.

Dois crânios neolíticos armóricos descritos por G. HERVÉ (³),

(¹) É o n.º 22 ♂ descrito por GABRIEL CARRIÈRE no artigo *Paleanthropologie des Cevennes*, "L'Anthropologie", 1898. V. as medidas respectivas nos quadros finais.

(²) VERNEAU — *L'Allée couverte des Mureaux* — "L'Anthr.", 1890. É o crânio ♀: ind. cef. 72,4; ind. vert. 104,3; ind. nasal 53,3; ind. orb. 88,9; ind. fac. 73,9.

(³) G. HERVÉ — *Crânes néolithiques armoricains du type negroïde* — "Bull. de la Soc. Anthr. Paris", 1903. O ind. nasal do primeiro é de 56,7; o do segundo de 53,5.

teem uma caracterização que permitirá talvez aproximá-los do tipo negroide de Grimaldi. São um hipsistenocéfalo da Ponta de Conguel e um hipsistenocefaloide, de índice nasal mais baixo, embora ainda platirrínico, da ilhota de Tout-Bras.

Os crânios da caverna de Arene Candide são doliocéfalos, de forma ogival, ossos nasais pequenos e largos, deixando pressupôr a platirrinia. Um dêles, hipsistenocéfalo, tem o índice facial de 52,5 e o índice nasal de 50, afastando-se assim sensivelmente do de Grimaldi. Um crânio ligure neolítico, da Gruta de Sanguineto, descrito por VERNEAU como hipsistenocéfalo, é prognata e platirrínico como a velha negroide de Grimaldi, e tem o mento, não fugidio, antes saliente, como o crânio protoetiópico (1).

Em hipsistenocéfalos de Beit-Allam a tendência platirrínica encontra-se também, e o mesmo sucede em 2 de 4 hipsistenocéfalos de Negadah Sul, e em 1 ou 2 de 3 hipsistenocéfalos de Kawamil. Nos hipsistenocéfalos de Negadah Sul, a cameconquia é a regra, ao passo que nos de Beit-Allam só um é cameconco, e dos de Kawamil todos são mesoconcos (2). A média geral da série ♂ de Beit-Allam corresponde à mesoconquia, ao passo que a ♂ de Negadah Sul é cameconca (índ. orbitários médios, respectivamente, 85,8 e 82,1). O índice cefálico médio de Beit-Allam, ♂, é muito baixo (70,6), mas quer nos parecer pelos dados relativos aos hipsistenocéfalos como aos hipsistenoides das mesmas proveniências, que é em Negadah Sul que se encontram mais harmônicos vestígios dos hipsistenocéfalos de feição primitiva — protoetiópicos.

Nas grutas neolíticas de Cezareda, o índice nasal abaixa-se, relativamente ao de Mugem, e com a elevação de estatura e capacidade, assiste-se à modificação do *Homo taganus* por evolução ou sob novas influências (3). Um dos crânios, o n.º 3,

(1) GIUFFRIDA-RUGGERI — *Quattro crani preistorici*, etc., op. cit., págs. 314 e 315.

(2) Cf. quadro final, e também J. DE MORGAN — *Recherches sur les origines de l'Égypte — Ethnographie préhistorique et tombeau royal de Négadah* — Ed. de Leroux — Paris. — (Estudo antropológico de FOUQUET).

(3) MENDES CORRÊA — *A propos des caractères inférieurs*, etc., op. cit., pág. 235.

é mesmo já pouco hipsistenocefaloide, o seu índice nasal é desconhecido e o índice orbitário corresponde a uma hipsiconquia (1), que não se encontra nos hipsistenocéfalos quaternários, confirmando, pois, a hipótese duma evolução profunda destes, ou de suas mestiçagens com elementos somatologicamente muito diversos, inclusivé os próprios braquicéfalos.

A hipsidolicocefalia de alguns crânios preistóricos de Worms, estudados por VIRCHOW, é acompanhada igualmente de órbitas altas, leptorrinia, e bem assim de leptoprosopia e ortognatismo.

De facto, nos crânios dos *Reihengräber* em geral a tendência hipsistenocéfala associa-se a leptorrinia, leptoprosopia, ortognatismo ou prognatismo moderado, grande capacidade, e órbitas mesosemas, como é o tipo germânico em geral, segundo VON HÖLDER (2). A estatura e talvez a maior leptoprosopia afastam êste tipo do de Chancelade, constituindo êle o *H. europaeus* Lin., sub-espécie actual da nossa classificação, que corresponde à raça *nórdica* de muitos autores e cuja origem nos parece difícil estabelecer com segurança (3).

Um crânio feminino da idade do ferro do Valais (4) em que se constata a tendência hipsistenocéfala, com órbitas microsemas (índ. orb. 79,5), e platirrinia (índ. nas. 53,1), mal atinge o mesognatismo (índ. alv. 97,9) e tem a face relativamente alongada (índ. fac. 55,5). Deve talvez avizinhar-se mais do protoetiópico do que do negroide de Grimaldi.

Não entrando, por ora, na crítica dos elementos que na América teem sido apresentados como preistóricos, podemos desde já observar, pelo menos no que diz respeito aos outros

(1) V. atrás os principais caracteres métricos destes crânios de Casa da Moura (Cesareda).

(2) H. VON HÖLDER — *Untersuchungen über die Skelettfunde in den vorrömischen Hügelgräbern*, Wurtemberg. Stuttgart, 1893.

(3) GIUFFRIDA-RUGGERI fala de "um tipo nordico, che sarebbe *H. fossilis proto-europaeus*, paragonabile al Cro-Magnon". (*Quattro crani preistorici*, op. cit., pág. 309). A aproximação do nórdico proto-europeu e do Cro-Magnon é entretanto hipotética.

(4) E. PITTARD — *Anthropologie de la Suisse* — "Arch. Suisses d'Anthr. Générale", — T. I. — 1915. pág. 178.

continentes, que a pureza dos primitivos tipos hipsistenocéfalos foi consideravelmente modificada através das idades, ou que existiam já no pleistoceno outros, ainda ignorados, diversos dos que descrevemos.

Em tempos relativamente menos remotos, se apresentam também essas diferenças, como é natural. Em crânios antigos da Aquileia, um do século I, outro de época incerta, a tendência hipsistenocéfala aparece no primeiro com a platirrinia (índ. nas. 56,5), no segundo com a leptorrinia (índ. nas. 39,6). Emquanto naquêle o índ. facial é de 51,5, no segundo desce a 39,6. Ambos são ortognatas, menos acentuadamente o segundo, e ambos de índice orbitário baixo, também menos acentuadamente o segundo (1).

*

A hipsistenocefalia, embora existindo nalgumas séries e em casos mais ou menos isolados, não é dominante na quâsi totalidade das populações actuais, o que constitue sem dúvida mais um elemento para acentuar a sua feição arcaica.

Alguns australianos (2), os fidjianos, muitos melanésios e papuas (wa-dessa, alfurus e alfakis da Nova Guiné, fates das Novas Hebridias, lifús das Ilhas Lealdade, e novo-caledónios), talvez alguns índios da América, sudanenses ocidentais e congolêses, etc., apresentam a hipsistenocefalia, tal como a caracterisámos.

(1) Cf. os dados craniométricos em UGO VRAM — *Crani antichi e medievali di Aquileia*. — "Atti della Soc. Rom. d'Antrop.", Vol. VI, 1899. Os índices orbitários são respectivamente de 81,0 e 83,7, os alveolares de 92,9 e 95,2.

(2) Não deve esquecer-se que não ha um só tipo australiano e nem todos os australianos são hipsistenocéfalos ou mesmo hipsidolicéfalos.

Numa série de 100 crânios de australianos e noutra de 121 de papuas, estabeleceu-se a dolicocefalia (71,8 e 72,5 respectivamente), a tendência hipsistenocéfala dos papuas (índ. vert. transv. = 102,6) e para os primeiros um índ. vértico-transv. apenas de 99,7. (BERRY, ROBERTSON, CROSS — *A Biometrical study on the relative degree of purity of race of Tasmanian, Australian and Papuan*, "Proceedings of the Royal Soc. of Edinburgh", 1910-1911, vol. XXXI). BASEDOW numa série de 125 australianos, encontrou 60 hipsicéfalos. (H. BASEDOW — *Der Tasmanierschadel, ein Insulartypus* — "Zeitschrift für Ethnol.", 1910).

Casos mais ou menos isolados de hipsistenocefalia se encontram mesmo entre populações em que nem sequer a hipsidolicocefalia constitue o tipo médio. É lícito crêr que êles representem, por vezes, méras variações individuais sem significado etnogénico ou atávico, mas freqüentemente traduzirão a existência dum elemento hipsistenocéfalo no seio doutro ou doutros que podem ser muito diversos. Segundo a dosagem de todos os elementos e o grau das mestiçagens, será ou não possível que as próprias médias das séries acusem tal elemento no índice vértico-transverso, embora sem um índice cefálico médio correspondendo á hiperdolicocefalia. Êste é o caso de algumas séries de berberes, árabes, índios da América, etc., nas quais aliás podem por vezes isolar-se alguns crânios hipsistenocéfalos. Assim sucede também em séries de Timor, ilha de Sumba (¹), da Nova Bretanha, da Índia, congolêses, barabras, etiopes, fulas, povos da Europa meridional e ocidental, e outros.

Se a hipsistenocefalia propriamente dita constitue um caracter pouco freqüente em crânios da maior parte das populações actuais, incomparavelmente mais freqüentes são os simples hipsistenocefaloides. Representam mesmo o tipo médio nalgumas populações.

Assim sucede na Oceânia com populações australianas não verdadeiramente hipsistenocéfalas extremas, nalguns timorenses, papuas de N. O. (dorei, rubi, kordo), papuas da Nova Guiné (N. O. e S. E.), mulheres lifus da ilha Lealdade, maoris; e casos isolados se registam em Sumatra, ilhas Salomão, Marianas, etc. Não falando nos maoris e fidjianos, a tendência hipsistenocéfala e muito menos a hipsistenocefalia propriamente dita, não dominam entre os polinésios, ao contrário do que sucede entre australianos e melanésios. MOCHI e BIASUTTI compreendiam entretanto a Polinésia na área de distribuição do seu

(¹) O crânio desta ilha em que se constatou êsse caracter era provavelmente um melanésio, entre indonésios (TEN KATE — *Mélanges anthropologiques* — "L'Anthr.", 1913, págs. 656 e 657).

tipo *dólico-acrocéfalo oceânico* (1). É que as ilhas ocidentais da Polinésia não apresentam o tipo polinésio propriamente dito, mas fortes impregnações melanésias, e daí poder indevidamente atribuir-se à raça polinésia o que é antes um caracter freqüente dos melanésios.

Na Ásia, ha a registrar, a ocidente, um tipo árabe, em que o índ. vértico-transverso oscila em torno de 100 e o céfálico entre 66 e 79 (2). Numa série de 20 crânios árabes de Aden, medidos por CHANTRE as médias correspondem à tendência hipsistenocéfala (3). O tipo de crânio estreito e alto é preponderante nos árabes da Ásia, menos importante nos árabes do norte da África, onde entretanto também se encontra (4).

Passando ao Industão, a hipsistenocéfalia ou apenas a tendência hipsistenocéfala dominam em séries das castas inferiores (5), e encontram-se também entre os povos de Ceilão (6).

Alguns crânios isolados de ainos e de insulares de Formosa, participam dêste caracter, que, contra o que alguns supõem, está longe de preponderar na China, e mesmo naquela ilha. Os dados de KOGANEI permitem estabelecer que os chineses da ilha Formosa e do norte não são hipsistenocéfalos (7). MOCHI em 36 crânios coreanos encontrou apenas 5 dólico-acrocéfalos; todos os restantes eram baixos ou de índice céfálico superior a 76,9 (8). Em coreanos ♀, KOGANEI obteve com o índice

(1) MOCHI — *Crani cinesi e giapponesi. A proposito delle forme craniensi di "Homo cinicus, Sergi"* — In "Arch. per l'Antr. e l'Etnol." — 1908.

(2) Id. — *Sulla antropologia degli Arabi* — "Arch. per Antr. e l'Etnol." — 1907.

(3) BERTHOLON et CHANTRE — *Arabes et Berbères dans l'Afrique du sud* — "Compte-rendu du XIV.^e Congrès Intern. d'Anthr. et Archéol. Préhist." — T. II — Genève, 1914, pág. 426.

(4) MOCHI — *Sulla antropologia*, etc., op. cit. — Cf. também GIUFFRIDA-RUGGERI — *Crani egiziani*, etc. op. cit.

(5) HAVELOCK CHARLES — *Craniometry of some of the Outcaste Tribes of the Panjab* — "Journal of Anat. and Physiol." — Vol. XXVI — 1892.

(6) EDRED CORNER — *On some skulls from Ceylon* — "Journ. of Anat. and Physiol." — Vol. XXXII — 1898.

(7) KOGANEI — *Kurze Mittheilung über Messungen an männlichen Chinesen Schädeln* — "Internat. Centralblatt für Anthropol." — T. VII, 1901.

(8) *Crani cinesi*, etc., op. cit.

vertical de 102,2 o índice cefálico médio de 80,4 ⁽¹⁾, que não concorda com a hipsistenocefalia.

A América, na Baixa Califórnia, forneceu os restos de extintas populações hipsistenocéfalas, os índios Pericúes, e ainda os crânios supostos preistóricos da chamada "raça de Lagoa Santa,, e o de Negochea n.º 2, da formação pampeana, que foi considerado de fossilização duvidosa como os daquela raça, e possivelmente deformado. A tendência hipsistenocéfala aparece-nos em esquimós ⁽²⁾, foguinos, botocudos, populações precolombianas do Equador, índios da Nova Inglaterra e em geral índios da variedade *atlanto-americana*, alguns paraguayos, insulares das Guaytécas (Chile) e antigos patagões. ⁽³⁾

Segundo SERA, os platicéfalos encontram-se na América, nas montanhas, entre 25.º lat. N. e 35.º lat. S. Os hipsicéfalos ocupam, além desses limites, regiões de melhor *habitat* e altitude moderada. Nas planícies do norte predominam os hipsicéfalos, ao passo que os platicéfalos ocupam a parte septentrional da América do Sul, deixando o resto desta para os de crânio alto. Para o mesmo autor, os homens de crânio baixo ocuparam outr'ora as alturas andinas, d'onde os expulsaram os hipsicéfalos vindos do Pacífico. ⁽⁴⁾

Na África, a hipsistenocefalia ou a tendência hipsistenocéfala revelam-se em várias populações. Na bacia do Mediterrâ-

⁽¹⁾ KOGANEI — *Über Schädel und Skelette der Koreaner* — "Zeitschrift für Ethnol.", 1906.

⁽²⁾ Nem todos os esquimós são hipsisteno ou apenas hipsidolicocéfalos. A ausencia desse carácter no tipo médio dos esquimós do Labrador e da Baía d'Hudson póde deduzir-se das médias fornecidas por EUGÈNE PIT-TARD em *Contribution à l'étude anthropologique des esquimaux du Labrador et de la baie Hudson*. — "Bull. de la Soc. Neuchâteloise de Géogr.", — t. XIII, 1901.

⁽³⁾ Um crânio antigo da Patagonia, encontrado na margem norte do rio Chubut, perto da sua foz, era hipsistenoide (VERNEAU — *Crânes préhistoriques de Patagonie* — In "L'Anthr.", — 1894). Este autor, estudando os antigos patagões (*Les anciens patagons*, Monaco, 1903), estabelece um tipo hipsidolicocéfalo no seu seio. Os braquicéfalos teriam sobrevivendo posteriormente (Cf. HOYOS SAINZ — *Etnografia*, Madrid, 1900, p. 364).

⁽⁴⁾ SERA — *L'altezza del cranio in America — Induzioni antropologiche ed antropogeografiche* — "Arch. per l'Antr. e l'Etnol.", — 1912-1913.

neo temos logo os berberes (particularmente os kabilas e os biskris), a que, como aos árabes, já aludimos. Nas mulheres berberes, os dados dos *Crania Ethnica* não acusam, em média, sequer a tendência hipsistenocéfala; apenas uma série ♀ de Mogador, de VERNEAU, é nitidamente hipsidolicocéfala pelas suas médias crâniométricas.

Nas margens do Nilo registam-se influências hipsistenocéfalas. Encontram-se hipsistenocéfalos e hipsistenocéfaloídes em séries d'egipcios antigos, do Nilo Branco, do sul de Kordofan, d'Elephantina, de dinkas, etc. S. SERGI, em abissínios de Tigré, encontrou alguns hipsistenocéfalos, (1) e VERNEAU também registou, na Abissínia, a hipsistenocéfalia, tal como a caracteriza, em pelo menos $\frac{1}{3}$ dos casos. (2) Dos dados do mesmo autor, como dos d'HAMY e S. SERGI se conclue que nos somalis, galas e fulas, a forma hipsistenocéfala se encontra também. A acção desta acha-se também marcada no Sudão Oriental aqui e ali, e a sul (3) em populações costeiras ou insulares da África oriental inglesa (Lamu) (4) e alemã, Moçambique (5) e Madagascar (sakalaves, betsimarakas). As médias correspondem á tendência hipsistenocéfala. Esta é mais moderada nos hotentotes do extremo meridional da África (índ. vért. transv.—100,0), e desvanece-se nos amakosas, amazulus e betchuanas. (6) O caracter foi assinalado nos herreros, que, segundo S. SERGI, têm o crânio muito alto e alongado, como alguns indígenas de Loanda e de Benguela.

(1) S. SERGI — *Crania Habessinica* — Roma, 1912.

(2) VERNEAU — *Anthropologie et Ethnographie de l'Éthiopie* — Paris, 1909; e *Ibid.* — *Les migrations des Éthiopiens* — "L'Anthropologie", 1899.

(3) A hipsistenocéfalia é freqüente nos djaggas do Kilimandjaro WIDENMANN — *Untersuchung von 30 Dschaggaschädeln* — "Archiv für Anthr.", 1898.

(4) GIUFFRIDA RUGGERI — *Tre crani provenienti da Lamu (Africa Orientale inglese) e due calotte trovate a Mokattam (presso il Cairo)* — "Rend. della R. Acad. Sc. Fisiche e Matem. di Napoli", — 1916.

(5) Nos cafres essa influência parece mais rara pelos dados dos *Crania ethnica*, mas SCHRUBSALL aponta entre eles alguns hipsistenocéfalos, e o mesmo faz para zulus, hotentotes e wabengas.

(6) QUATREFAGES — *Craniologie des races nègres africaines; races dolicocephales*. "Compte-rendu Acad. des Sciences", — Paris, 1880 — t. XC.

Em Angola, a única série craniológica que pudémos estudar consistia apenas em 3 crânios de mossumbes, dos quais dois hipsistenoides. (1)

Mais a norte, na região do Congo, Ugué e Gabão ha populações em que a mesma tendência se nota: pongués, okandes, benga, akalai, (2) fangs, (3) aduma, ashangos. (4)

Na Guiné superior, como na Senegâmbia, o caracter é ainda mais freqüente do que na Guiné Inferior. Encontra-se em calabares, (5) ibos, dahomeys, (6) ashantis, krus, insulares de Cabo Verde, felupes e, em geral, nos mandingas.

Emfim os sudanenses ocidentais, como talvez alguns do centro, accusam a hipsistenocefalia ou a tendência hipsistenocefala, mas algumas séries dos últimos apresentam médias craniométricas que estão longe de tal tendência. (7)

A África aparece-nos desta forma como um dos continentes em que a forma hipsistenocefala deixou mais sobrevivências ou mais vestígios da sua acção. Mas, assim mesmo, essa forma parece estar longe de constituir o tipo dominante de alguma população africana. A análise antropológica destaca-a, porém, mais ou menos esporadicamente e mais ou menos

(1) MENDES CORRÊA — *Sôbre tres crânios de negros Mossumbes*, Pôrto, 1915. Tanto quanto é possível ajuizar dêste caracter no vivo, verifiquei nalgumas populações de Angola, sôbre dados de FONSECA CARDOSO, que os crânios são altos. (MENDES CORRÊA — *Antropologia angolense — Quiocos, luimbés, luanas e lutchazes* — "Arch. de Anat. e Anthr." — Lisboa, 1916). Os luimbés, os portadores de caracteres mais nigríticos, são os de maior índice vértico-transverso, embora não sejam os de mais baixo índice cefálico.

(2) Nos okande e nos benga-akalai não é a regra geral. (Cf. POUTRIN — *Contribution à l'étude des pygmées d'Afrique (type brachycéphale)* — "L'Anthrop.", 1910).

(3) E. PITTARD — *Note sur deux crânes Fang* — "Bull. de la Soc. Neuchâtel. de Géogr.", 1908.

(4) POUTRIN — Op. cit.

(5) *Crania Ethnica*, e SMITH and TURNER — *Negro crania from old Calabar, West-Africa* — "Journ. of Anat. and Physiol." — Vol. III, 1869.

(6) Os índices vértico-transversos destas séries, dados por DAVIS, são obtidos pelo método dêste autor, que não adota o diâmetro básilobregmático.

(7) Por exemplo, os nubas-haussas dos *Cr. Ethnica*.

atenuada, na Etiópia, donde se espraia para N. O. até ao Mediterrâneo ocidental, para O. até ao golfo da Guiné, onde ha localizações importantes, e, para o Sul, até ao Cabo e Sudoeste alemão, ou, atravessando a S. E. o Canal de Moçambique, até Madagascar, comquanto nem todas as populações desta ilha acusem a tendência hipsistenocéfala.

Na Europa, a hipsistenocefalia e a tendência hipsistenocefala são mais raras. Surgem nalgumas populações hipsidolicocéfalas (germanos, etc.) e, como sobrevivências possíveis dos tipos arcaicos, encontram-se nalguns portugueses, espanhóis do S. E., Aragon e Zamora, francêses do S., sardos, etc.

Resumindo o exposto, e de acôrdo com os estudos antropogeográficos de BIASUTTI, se conclue, que o character cuja distribuição passámos em sumária revista, se regista mais frequentemente na Oceânia, na África e na América, revelando-se de preferênciam em populações litorais e insulares, ou melhor, em populações de áreas "marginais,,.

*

Vejamos agora se os hipsistenocéfalos ou hipsistenoides modernos reproduzem com aproximação os tipos quaternários, ou apresentam antes aspectos novos, dificultando assim a investigação da sua ascendência.

A série de 14 australianos ♂ do litoral, sobre a qual QUATREFAGES e HAMY assentavam um dos 2 tipos australianos, o hipsistenocéfalo, tem fraca capacidade craniana (1285^{cc.} em média), platirrinia (55,1), orbitas microsemas (74,4), face moderadamente alongada. Os 126 australianos, estudados por BASEDOW mais recentemente, (1) teem igualmente fraca capacidade (1287^{cc.} ♂, e 1145^{cc.} ♀), platirrinia (53,9 ♂, 58,7 ♀), índice orbitário baixo (81,2 ♂, 83,1 ♀) e são fortemente mesognatas ou meso-prognatas. As variações na série são, porém, extensas o que atesta a sua heterogeneidade antropológica.

(1) BASEDOW — *Der Tasmanierschadel*, etc. Op. cit.

O tipo hipsistenocéfalo australiano, sendo um dos que mais se aproxima dalguns tipos hipsistenocéfalos primitivos, especialmente pela sua microsemia, diverge dêles por vários caracteres. A capacidade aproxima-lo-ia do *Homo taganus*, e talvez um pouco o prognatismo, e a sua microsemia, já referida. Mas o *H. taganus* é hipsistenoide — nem sempre — e apenas mesorrínico. Pelo maior número de caracteres, o australiano ainda se avizinha mais do tipo de Combe-Capelle (discreto prognatismo, morfologia facial, etc.), distanciando-se, porém, crivelmente na capacidade (mod. de SCHMIDT no *H. auri-gnacensis*, 157,5).

Alguns insulares de Kunié teem estreita afinidade com os australianos, embora a sua capacidade seja mais elevada (1470.^{cc} ♂, e 1345.^{cc} ♀). Também são hipsistenocéfalos, d'órbitas microsemas e meso-platirrínicos 2 crânios, descritos por BARROS E CUNHA como sendo de Timor ⁽¹⁾, e um papua da Nova Guiné, descrito por TURNER. ⁽²⁾

D'órbitas microsemas e meso-platirrínicos são ainda outros hipsistenocéfalos d'Ásia, África e América. Um de 6 crânios da Índia Portuguesa, cuja descrição fizemos num trabalho anterior ⁽³⁾, distingue-se apenas pelo seu índice alveolar, que nem sequer atinge o mesognatismo (96,0), e caso análogo sucede com alguns crânios de castas inferiores do Pandjab ⁽⁴⁾, que são, em geral, ortognatas (menos vezes mesognatas) e de pequena capacidade craniana. Um singalês hipsistenocéfalo ⁽⁵⁾ tinha os mesmos caracteres principais, com uma fraca leptopropia (ind. fac. de KOLLMANN, 52,9). Um veda hipsistenoide, descrito, como o crânio anterior, por EDRED CORNER, era igualmente cameconco, de fraca capacidade, ortognata, e, além

(1) BARROS e CUNHA — *Notícia sôbre uma série de crânios da ilha de Timor* — "Instituto," — Coimbra, 1898.

(2) W. TURNER — *Decorated sculptured human skull from New Guinea* — "Journ. of Anat. and Physiol.," — Vol. xxxii—1898, pág. 353.

(3) MENDES CORRÊA — *Sôbre alguns crânios da Índia Portuguesa* — "Anais da Faculd. de Medic. do Porto," — 1917.

(4) HAVELOCK CHARLES — Op. cit.

(5) EDRED CORNER — Op. cit.

disso, mesorrínico e cameprósopo. ⁽¹⁾ Em geral os vedas são, como se sabe, de fraquíssima capacidade, índice orbitário médio de 86 a 89, meso-platirrínicos, de face baixa e larga, ortognatas. ⁽²⁾ Apesar do seu ortognatismo, que se regista também na Índia, os vedas, e bem assim os senoi e toale, são, como SARASIN o demonstra, sobrevivências de formas primitivas. ⁽³⁾

Na África, alguns crânios de galas, egípcios, abissínios, nubianos, fulas e outras populações, apresentam, além da hipsistenocéfalia ou da tendência hipsistenocéfala, órbitas microsemas, platirrinia ou meso-platirrinia, e em muitos casos, prognatismo e capacidade pouco elevada.

Está neste grupo, de evidente afinidade australoide, um fula do Senegal referido num dos quadros finais, e dêle se avinha talvez um pouco um fula do *Royal College* de Cirurgiões de Inglaterra, que é hipsistenoide, mesorrínico, comeconco e prognata. ⁽⁴⁾

Três abissínios de Tigré de que S. SERGI não dá o índice alveolar ou o ângulo facial, talvez também se devam incluir no grupo, embora o proprio S. SERGI marque as grandes diferenças entre êles. Assim, a capacidade dum é de 1185^{cc.}, a doutro de 1570^{cc.}; um pertence á forma *Ellipsoides pelasgicus* de SERGI, outro à *Pentagonoides acmonoides longissimus*, outro enfim à *Ellipsoides africanus sphyroides*. O índice facial superior vai dum mínimo de 51,2 a um máximo de 58,3. (V. quadro final).

Um crânio de nubiano antigo, descrito por DE BLASIO, avinha-se, por alguns caracteres, de alguns cafres e dum zulu, de

⁽¹⁾ Medidas desse veda ♂: Índ. cef. 72,3; ind. vért. transv. 105,7; ind. orbit. 83,3; ind. nas. 50; ind. fac. sup. de KOLLMANN, 49,1; ind. alveol. 94,5; capac. cran. 1130.^{cc.} (E. CORNER).

⁽²⁾ MENDES CORRÊA — *Sobre alguns crânios da Índia Portuguesa* — Op. cit. págs. 19 e segs.

⁽³⁾ FRITZ SARASIN — *Les types humains inférieurs du sudest de l'Asie* — "Revue génér. des sciences," — T. XIX, 1908, pág. 312.

⁽⁴⁾ Índ. cef. 72,7; i. vért.-transv. 100,7; i. nas. 49,1; i. orbit. 82,2; i. alveol. 105,9. (Cf. BARRAS DE ARAGON — *Algunas medidas de la serie de crâneos del Africa tropical existente en el "R. College of Surgeons of England," de Londres* — Extr. do "Bull. de la R. Soc. Españ. de Hist. Nat.," Abril, 1911).

SCHRUBSALL. Há tendência nos cafres para a elevação do índice nasal, muito elevado também no nubiano.

Em 22 crânios de Elephantina, referidos nos *Crania Ethnica*, a tendência hipsistenocéfala e a leptomesoprosopia são acompanhadas de fraca capacidade (1330^{cc.}), baixo índice orbitário (80,0), platirrinia (55,3). Os nubianos, segundo BROCA e TOPINARD, teem o índice orbitário médio de 81,0 e a capacidade de 1329^{cc.} ♂ e 1298^{cc.} ♀.

Dois crânios de tendência hipsistenocéfala, de Lamu (África oriental inglêsa), um ♀ e outro ♂, teem, segundo GIUFFRIDA-RUGGERI, respectivamente a capacidade 1294^{cc.} e 1322^{cc.}, ind. alv. 101,0 e 107,8, ind. orb. 78,6 e 75,6, ind. nas. 54,4 e 55,1. O primeiro é cameprósopo, e o autor não o considera de negro típico, mas árabe, etiópico ou mestiço de leucodermes e melanodermes, ou de etiopes e bantus. Quanto ao segundo, o autor, também excluindo a caracterisação nigrítica, aproxima-o do tipo primitivo de Combe-Capelle.

Noutras populações africanas se encontram especimens mais ou menos afins.

Um crânio de ashanti, referido por BARRAS DE ARAGON, é hipsistenoide, platirrínico e muito comeconco, mesognata e moderadamente leptoprósopo. (1) Um de mestiço português e negra de Ano Bom, da mesma colecção inglêsa, era hipsistenoide, muito platirrínico, comeconco e mesognata. (2) Um hipsistenoide mandinga ♀, (3) muito platirrínico e muito comeconco, era ortognata, e mais leptoprósopo do que o do ashanti. Crânios serrya ♂, fantee ♀, e uolof ♂ da Gâmbia, teem já índices orbitários de cerca de 85 e são ortognatas ou mesognatas. B. DE ARAGON não dá a capacidade dêstes crânios.

Um bayaka do Congo, descrito por PITTARD (4), é hipsi-

(1) Índ. cef. 72,0; i. vért. transv. 108,2; i. nas. 54,2; i. orb. 74,4; i. alv. 99,1; i. fac. sup. 51,9. Os índices verticais e alveolares nêstes crânios são calculados sôbre os dados de BARRAS DE ARAGON; os restantes fornecidos por êste autor.

(2) Respectivamente, 73,9; 105,1; 61,2; 78,0; 101,9.

(3) 74,7; 106,5; 61,4; 72,5; 95,7; 53,3.

(4) *Deux crânes de Congolais peu connus* — "L'Anthrop.", 1900.

stenocéfalo, muito platirrínico, cameconco e de capacidade moderada (1415.^{cc}). Um lobis, da África ocidental, descrito por VERNEAU (1), é também hipsistenocéfalo, muito platirrínico, cameconco e de fraca capacidade (1345.^{cc}). Qualquer destes crânios, deverá, pois, talvez ser aproximado dalguns dos que antes se referiram.

Na Europa, o tipo hipsistenocéfalo meso-platirrínico e cameconco está também representado por alguns especimens. Referiremos, além do crânio alemtejano mencionado no princípio deste artigo (Vid. também gráfico 2), e que tem grande capacidade, alguns crânios sardos descritos por ARDU-ONNIS, (2) que apresentam uma capacidade relativamente fraca, contorno elipsoide, ortognatismo ou leve prognatismo, face moderadamente alongada ou bastante alongada, e um crânio de francês moderno de Montpellier, descrito por V. de LAPOUGE, (3) e que é nitidamente platirrínico.

Dos hipsistenoides das séries de Traz-os-Montes e Beira Alta, a que fizemos já referência no início deste estudo, apenas tem afinidades com este grupo o n.º 494 ♂, trasmontano, cujos caracteres principais já foram dados.

A sua desarmonia crânio-facial aproxima-lo-ia, com outros caracteres, do negroide de Grimaldi, mas este crânio parece anormal.

O hipsistenoiide desarmónico beirão, a que já fizemos referência, é d'alta capacidade, cameconco e mesorrínico. (4) O

(1) *Notes sur quelques crânes de l'Afrique occidentale française* — L'Anthrop., 1905.

Neste mesmo trabalho, o autor apresenta varios hipsistenoides (lobis e bobo), mas d'índice orbitário elevado; uma série de malinkes do Alto Senegal apresenta, porém, um índice orbitário de 84.

O mesmo autor, em *Les migrations des Éthiopiens* ("L'Anthrop.", 1899, pág. 643), dá conta dalguns hipsistenoides fulas, dos quais dois com baixos índices orbitários, e todos mesorrínicos ou platirrínicos.

(2) *Contributo all'antropologia della Sardegna* — "Atti Soc. Romana d'Antrop.", — Vol. VI, 1900.

(3) *Crânes modernes de Montpellier* — "Rev. d'Anthr.", — 1889 — pág. 688.

(4) MENDES CORRÊA — *Sobre o índice nasal na Beira Alta e um crânio desarmónico beirão* — Op. cit.

seu nulo ou duvidoso prognatismo impede, porém, aproxima-lo dum modo categórico do tipo de Grimaldi (1).

Na América, o hipsistenocéfalo ou hipsistenoide meso-platirrínico e d'órbitas baixas, crêmos ser bastante raro. O tipo chamado de Lagoa Santa e considerado *proto* ou *pale-americano*, é, segundo as medidas de SOREN HANSEN (2) e de LEHMANN NITSCHKE (3) mesorrínico, d'órbitas osemas, prognata, cameprósopo.

	Médias
Capacidade	1388 ^{cc}
Índice cefálico	70,5
„ vértico-transverso	105,1 ⁽⁴⁾
„ nasal	50,7
„ orbitário	86,4
„ facial superior	47,0

A capacidade é fraca em relação á estatura, baixa. A fronte não é fugidia e as arcadas supraciliares não são tão acusadas como nos crânios neandertalianos. A face é larga e baixa, as órbitas bem abertas, embora não muito grandes, e em geral os ossos revelam uma vigorosa compleição (5).

Um dos crânios de Lagoa Santa, descrito por LACERDA e PEIXOTO (6), apresenta, porém, um índice orbitário microsema, comquanto não tanto como os hipsistenocéfalos quaternários. É também de menor capacidade, mais alto e estreito, e menos alongado do que estes.

(1) O crânio levantino d'Espanha é hipsidolicocéfalo, cameconco e platirrínico. Igualmente o aragonês. (HOYOS SAINZ — *Caractéristique générale des crânes espagnols* — "L'Anthr.", 1913.)

(2) *La race de Lagoa Santa* — "Rev. d'Anthr." — XVIII ano — 1889, pág. 75 e segs.

(3) *Nouvelles recherches sur la formation pampéenne et l'homme fossile de la République Argentine* — Buenos-Aires, 1907, pág. 319.

(4) Esta média foi por nós calculada sobre os diâmetros médios.

(5) Cf. BEUCHAT — *Manuel d'Archéologie préhistorique américaine* — Paris, 1912, pág. 243 e segs.

(6) *Contribuições para o estudo das raças indígenas do Brazil* — Rio de Janeiro, 1876, págs. 47-75.

Crânio de Lagoa Santa

Índice cefálico . . .	69,7	Capacidade . . .	1385 ^{cc}
„ vért.-long. . .	78,4	Módulo de Schmidt.	153,0
„ vért-transv. . .	112,4	Rel. vért. mod. . .	94,8
„ nasal. . . .	53,3	„ transv. mod. . .	84,3
„ orbitário . . .	80,5	„ long. mod. . .	120,9
„ fronto-parietal.	71,3		

Alguns caracteres descritivos distinguem este crânio dos hipsistenocéfalos quaternários: maior obliquidade do perfil facial e frontal, menor proeminência do occiput, menor obliquidade da porção inferior do occipital, menor amplitude nasal, talvez a maior robustez dos malares.

Pode, porém, muito bem incluir-se entre os hipsistenocéfalos modernos do grupo que estamos estudando e que assim se estende á América. Muitos dos seus caracteres se constatarem nos crânios d'Arrecifes e Miramar, nos Pericúes da Baixa Califórnia, e talvez nalguns especimens seguramente modernos.

Os Pericúes, hoje extintos, de baixa estatura, crânio elíptico, capacidade pouco elevada, arcadas zigomáticas salientes, prognatismo consideravel e total, fronte fugidia e face larga (¹), teem, aparte algumas diferenças, grandes afinidades com o tipo de Lagoa Santa, sendo incluídos num mesmo grupo, afim do *dólico-acrocéfalo oceânico*, por TEN-KATE, RIVET, GIUFFRIDA-RUGGERI, etc.

Em índios do Este da América do Norte se regista o tipo cameconco-mesoplatirrínico, mas em geral as médias das séries não accusam esse tipo. Um hipsistenocéfalo do sul da Nova Inglaterra, a que se alude no quadro final, pertence decerto ao tipo mencionado, e o mesmo sucede talvez ao seguinte hipsistenóide ♂ da mesma região, descrito, como o anterior, por MARIAN VERA KNIGHT (²):

(¹) RIVET — *Recherches anthropologiques sur la Basse-Californie* — “Journ. de la Soc. des Americanistes de Paris,” — 1909.

(²) *The craniometry of Southern New England Indians* — “Memoirs of the Connecticut Acad. of Arts and Sciences,” — New-Haven, Connecticut-1915

Índice cef.	73,6	Índice nasal	52,0
„ vért.-long.	74,7	„ orbitário	81,0
„ vért.-transv.	101,5	Capacidade	1404 ^{cc}
facial	52,3		

Só um hipsistenoide de alguns hipsistenocéfalos e hipsistenoides duma série de crânios antigos do Perú, estudada por UGO VRAM (1), é cameconco e mesorrínico. É, porém, ortognata.

Crânio antigo do Perú, ♂.

Índice cef.	70,3	Índice orbit.	78,0
„ vért.-transv.	103,8	„ alveolar	96,1
„ nasal.	51,9	Capacidade.	?
„ facial sup.	61,0		

Como veremos, a maior parte dos outros hipsistenocéfalos ou hipsistenoides americanos aproxima-se mais doutros grupos do que daquêle de que acabamos de indicar vários exemplares.

Resumindo, dirêmos que o grupo cameconco-mesoplatirrínico está longe de se apresentar homogêneo. Os australianos, por exemplo, são de pequena capacidade, prognatas ou meso-prognatas. Os párias da Índia e vedas, nêles compreendidos, são ainda de fraca capacidade, mas ortognatas ou apenas mesognatas. Na África o grupo toma sentidos divergentes, predominando, porém, naturalmente o da acentuação dos caracteres nigríticos: elevação do índice nasal, aumento do prognatismo, etc. Na Europa e na América a representação do grupo é precária, particularmente para as formas australoides ou de direcção nigrítica, e predominando antes as ortognatas, de capacidade variável, mais afins do tipo hindu ou veda, mencionado.

É natural inclinarmo-nos a que nas formas de tendência prognata estejam as mais visinhas dos primitivos *H. aurigna-*

(1) *Contributo all' antropologia antica del Perú* — "Atti della Soc. Romana d'Antr.", Vol. XII, 1901.

censis, *H. Grimaldii*, *H. taganus*. Das diferenças no índice facial, nem todas serão acidentais, e algumas poderão servir de elemento crítico na determinação mais rigorosa das afinidades com aqueles tipos paleolíticos. A pequena capacidade, o alto índice nasal e, nalguns, também outros caracteres, como o índice facial, são dados importantes para fazer crêr na feição primitiva ou na inferioridade morfológica dos próprios ortognatas dêste grupo hipsistenocéfalo (como párias, vedas, alguns europeus, etc.). Impossível hoje discriminar o que nêstes resulta da evolução dos tipos primitivos, ou de cruzamentos. Esse ortognatismo não é acidental porcerto, tão sistemático surge. Onde vem? Influências de ortognatas não hipsistenocéfalos sôbre o prognata primitivo? Sobrevivência dum problemático hipsistenocéfalo quaternário já ortognata, que nêste ortognatismo (e não na capacidade e índice nasal), teria afinidade com o hipsistenoide de Chancelade? Os vedas e os hindus de facies vedaica são os documentos vivos dum tipo primitivo assim caracterizado. Provavelmente esse tipo seria em média mesoconco, e a cameconquia surgiria nestes crânios — pelo menos na maioria — como simples variação individual, tal como a megasemia que paralelamente se constatará nalguns outros exemplares.

*

A leptorrinia é mais rara do que a mesoplatirrinia nos hipsistenocéfalos cameconcos. Vimo-la já no neolítico de Maubert, e vamos encontra-la num exemplar de Timôr, em egípcios antigos, em alguns párias do Pandjab, num sardo, num dos nossos transmontanos, num índio da Nova Inglaterra (¹). . . (V. quadro final). Em geral, nêstes especimens, a capacidade

(¹) Das séries de índios do Este da América do Norte, estudados por ALES HRDLICKA (*Physical Anthropology of the Lenape or Delawares, and of the Eastern Indians in General* — "Bureau of American Ethnology", — Bull. 62 — Washington, 1916) só um de 7 crânios ♂ de Long Island dava um índice orbitário cameconco (82,6), com ind. cef. 70,7 e ind. vért. transv. 105,7. O índice nasal era de 46,7 e o facial de 54,0.

não é elevada e o ortognatismo é a regra. Por este último character e pela leptorrinia serão afins do tipo de Chancelade ao passo que pelos restantes caracteres se ligarão de preferência ao "protoetiópico". Tratar-se-á dum tipo especial, representado nos tempos preistóricos pelo crânio de Maubert, talvez por alguns egípcios? Precária é a documentação para o asseverar. Também é possível que se trate do resultado dum cruzamento, ou da influência de ortognatas-leptorrínicos sobre os hipsistenocéfalos primitivos, de índice nasal elevado, de face mais ou menos proeminente, e fraca capacidade craniana.

Abstraído do crânio alemtejano já referido, o trasmontano n.º 374 é, entre os outros, o que mais afinidades possui com o *H. aurignacensis* (V. gráfico n.º 2). Este grupo leptorrínico não será uma sobrevivência integral dum hipsistenocéfalo leptorrínico arcaico, mas ou é uma modificação dos tipos primitivos pela acção de outros elementos muito diversos (¹) ou a resultante das flutuações normaes que se operam nas séries mais homogéneas em torno do tipo médio.

*

A secção dos hipsistenocéfalos de orbitas mesosemas e meso-platirrínicos é relativamente numerosa. Abrange populações melanésias (alfurus, arfakis, fatés, fidjianos, alguns novo-caledónios), algumas africanas (serers, uolofs, esporadicamente exemplares fulas, nubianos, abissínios, árabo-egípcios, cafres, ashantis), e ainda especimens de párias do Pandjab.

Muitos hipsistenoides se deverão aproximar deste grupo, como um neolítico de Mureaux (²), descrito por VERNEAU, muitos

(¹) Cabe neste grupo um hipsistenoide de Aquileia, antes referido, estudado por UGO VRAM.

(²) É um crânio ♀: Índ. cef. 72,4; índ. vért. transv. 104,3; índ. nasal 53,3; índ. orbitário, 88,9; índ. fac. 73,9. (VERNEAU — *L'Allée couverte des Mureaux (Seine et Oise)* — "L'Anthr." — 1890).

vedas, uma grande quantidade de populações nilóticas e nigríticas, o tipo médio de Lagoa Santa, alguns patagões primitivos.

A forma melanésio-papua, de capacidade ainda pouco elevada, mas maior em geral do que a dos australianos, e também mais prognata, tem o índice orbitário raras vezes microsema ou mesmo duma mesosemia visinha da microsemia. Alguns novo-caledónios ⁽¹⁾ se podem considerar talvez pela sua capacidade e prognatismo, como estabelecendo a transição do australiano para aquéla forma.

A forma propriamente nigrítica, de capacidade em geral já muito próxima de 1500^{cc}, meso-prognata, está representada por alguns serers e uolofs ⁽²⁾, n' komi ⁽³⁾, adumas ⁽⁴⁾, cafres, ashantis, etc. Com a elevação de capacidade, ha a elevação de índices nasal e orbitário, que, como veremos, atinge nalguns especimens a megasemia. Hotentotes do cabo, alguns insulares de Madagascar, moçambiques ⁽⁵⁾, etc. estão dentro da regra.

Os ainos, de capacidade relativamente alta, mesorrínicos, de índice orbitário de cerca de 85, face baixa, e mesognatas, teem algumas afinidades com as formas anteriores, inclusivé talvez com a australoide, mas ligam-se por outros caracteres aos caucasoides.

Os vedas e párias da Índia, de pequena capacidade, índice orbitário médio de 86 a 89, meso-platirrínicos, de face baixa, ortognatas, não podem confundir-se com as formas anteriores, mas a sua feição primitiva é evidente.

Os especimens nubiano antigo, árabo-egipcio e abissínio de Tigré, que no quadro final estão incluídos nêste grupo, es-

(1) Nem todos os novo caledónios são hipsistenocéfalos ou de tendência hipsistenocéfala.

(2) V. quadro final.

(3) Três n' komi ou kama ♂ e 4 ♀, descritos por POUTRIN, tinham em média: capac. 1603^{cm³} e 1390^{cm³}; ind. cef. 73,2 a 74,9; ind. vért. transv. 104,8 e 100,4; ind. nasal 53,9 e?; ind. orb. 86,6 e 79,5; ind. fac. 54,4 e?. As mulheres pertencem ao grupo cameconco antes descrito.

(4) Um aduma ♂, descrito por POUTRIN, tinha: capac. 1325^{cm³}; ind. cef. 73,9; ind. vért. transv. 108,5; ind. nas. 55,8; ind. orb. 87,5; ind. fac. sup. 57,1.

(5) Vid. *Crania Ethnica*.

tão longe duma homogeneidade perfeita, O primeiro, segundo GIUFFRIDA-RUGGERI, que o descreve, tem aspecto *melanésio* e *alófilo* (1). O árabo-egípcio (n.º 5156 ♂, *juv.*) é pentagonoide, e evoca ao mesmo autor considerações interessantes sobre pentagonoides e elipsoides, e a inferioridade dos hipsistenocéfalos. Pelo seu índice facial superior (42,2) é duma desarmonia crânio-facial que o aproximaria do *H. Grimaldii*, mas o índice orbitário o aparta dêle (V. gráfico n.º 3). Será, na nossa opinião, o *H. Grimaldii* modificado. Emfim o abissínio de Tigré é um *Ooides byrsoides (subtilis)*, que, a nosso ver, pelo seu índ. nasal (62,5) e capacidade craniana (1580^{cc}), é bem nigritico.

É interessante a fraquissima capacidade (1284^{cc}) dum hipsistenoide beirão (n.º 26 ♂), da série FERRAZ DE MACEDO, em que, com índ. nas. 51,0 e orbitário 88,5, determinámos o índ. fac. de KOLLMANN 53,9 (?). O índice alveolar não pôde ser determinado. Mas este crânio deu-nos a impressão dum primitivo hipsistenocéfalo ou hipsistenoide (*H. taganus?*) modificado, sobretudo no índ. orbitário.

As médias de SOREN HANSEN E LEHMANN NITSCHKE para os crânios de Lagôa Santa correspondem, como vimos, à mesosemia, e assim, embora o crânio descrito por LACERDA e PEIXOTO figure no grupo cameconco, o tipo médio da estação brasileira passa ao presente capítulo, o que, longe de traduzir uma alteração do ponto de vista que exprimimos sôbre aquêlê espécimen isolado, nada mais pôde talvez significar do que a adulteração do tipo primitivo representado pelo exemplar em questão. Alguns índios de Este da América do Norte (Iroqueses, Massachusetts, Connecticut, Staten Island) apresentam em média um tipo hipsistenoide que se poderia abranger na grande secção mesoconco-mesoplatirrínica, que estamos sistematisando. Eis os números D'ALES HRDLICKA (2) para essas séries:

(1) *Crani egiziani antichi*, etc. op. cit. pp. 115, 116 e 146.

(2) *Physical Anthropology of the Lenape*, etc. Op. cit.

		Índ. cef.	Índ. v. tr.	Mod. Schmidt	Índ. orb.	Índ. nas.
Iroqueses	♂	73,1	101,0	154,1	87,0	51,7
"	♀	74,0	100,5	148,0	88,5	51,9
Massachusetts	♂	72,8	101,0	155,6	86,3	49,7
"	♀	74,7	100,9	147,2	88,8	49,5
Connecticut	♂	72,4	100,4	155,5	84,6	49,0
Staten Island	♂	71,7	104,9	170,4	87,6	53,1

Estudando as populações precolombianas do Equador, RIVET encontrou 15,8% dos crânios com os caracteres essenciais do tipo médio de Lagoa Santa:

	Capac.	Índ. cef.	Índ. v. tr.	Índ. nas.	Índ. orb.	Índ. fac. sup.
11 ♂	— 1431 ^{cc}	71,43	103,5	51,5	85,4	47,9
3 ♀	— 1247 ^{cc}	69,96	106,2	50,0	89,4	62,0
2 juv	— 1377 ^{cc}	71,55	102,0	51,1	87,5	49,6

O grupo feminino, menos numeroso do que o masculino, é o que apresenta médias mais divergentes (1).

Um crânio hipsistenoide patagão descrito por VERNEAU (2) apresenta também, com platirrinia (53,2), um índ. orbitário mesosema (88,2).

A ausência entre os restos conhecidos do quaternário, duma forma mesoconca e de índice nasal alto, faz presumir que a filiação de muitos dos crânios da secção que estamos estudando, nos hipsistenocéfalos primitivos mesoplatirrínicos só poderia admitir-se, invocando-se influências modificadoras, da evolução ou dos cruzamentos. É o caso do crânio beirão a que aludimos, como possivelmente de alguns americanos referidos, do nubiano antigo 316, do árabo-egípcio 6156, etc. Mas é lícito crêr que a mesosemia de alguns exemplares traduza uma naturalíssima flutuação dos casos individuais em relação a um tipo médio, microsema: parece indica-lo o gráfico n.º 3 em relação

(1) RIVET—*La race de Lagoa Santa chez les populations précolombiennes de l'Équateur*—“Compte rendu de l'Acad. Sciences,”—Paris, 1908.

(2) VERNEAU—*Crânes préhistoriques de Patagonie*—“L'Anthropologie,”—1894.

ao árabo-egípcio e nubiano mencionados. À parte as divergências no índice orbitário, os seus traçados aproximam-se, mesmo por vezes se confundem com os dos especimens cameconcos de feição arcaica.

O hipsistenoide neolítico de Mureaux atesta a antiguidade do tipo de crânio alto e estreito, de órbitas não cameconcas e de índice nasal alto.

O tipo de Lagoa Santa, representado também nas populações precolombianas do Equador, entre os Pericúes, e talvez em populações do E. da América do Norte, tem também inegavelmente uma feição arcaica, avisinhando-se, pela sua fraca capacidade, do *proto-australóide*, e dum *proto-vedaico* a que vamos referir-nos.

A homogeneidade relativa dos vedas de Ceylão e dos hindus das castas inferiores de "facies vedaica", argumentam também em favor do character primitivo destas populações da Ásia Meridional. Embora repartindo-se, pelos índices orbitários e nasais, em secções diferentes do quadro final, os párias do Pandjab de HAVELOCK CHARLES, são em geral de capacidade fraca e ortognatas, como vimos, e muitas dessas divergências não serão mais do que variações individuais em torno da média.

O tipo veda, segundo SARASIN, é de órbitas mesosemas, fraca capacidade, ortognata e de face larga, e representa, como foi dito, uma sobrevivência actual duma população muito primitiva. É crível porisso que no quaternário, ao lado do *H. auri-gnacensis*, do *H. Grimaldii*, do *H. taganus* e do *H. priscus*, houvesse um outro tipo de crânio alto e estreito, de presumível origem tropical (segundo SARASIN), tipo que seria "proto-vedaico",.

*

A existência do homem paleolítico de Chancelade, hipsistenoide, de órbitas mesosemas e leptorrínico, imprime também uma presumível feição arcaica aos exemplares da secção mesoconco-leptorrínica que passamos a mencionar.

Poucos hipsistenocéfalos propriamente ditos figuram nessa secção; é a mais reduzida, e o facto possui grande relevo, se

notarmos que o crânio de Chancelade é apenas hipsistenoide (adotando-se o índ. cefálico que lhe atribue HERVÉ), e se constataremos que áquela penúria de hipsistenocéfalos corresponde, pelo contrário, uma significativa abundância de simples hipsistenoides.

Dos hipsistenocéfalos do quadro final, incluídos nesta secção, um é o beirão n.º 184 de alta capacidade (1602^{cc.}), leptoprósopo e ortognata, que nos não repugna avisinhar do tipo de Chancelade. Sem mais dados métricos sôbre o crânio francês n.º 61 de Montpellier, de LAPOUGE (1), além dos que figuram no quadro referido, não sabemos se se poderá fazer o mesmo a êste crânio.

O *beloides longissimus*, egípcio antigo, considerado *alófilo* por GIUFFRIDA-RUGGERI e por êste aproximado, pela calote craniana, dum *beloides herericus* descrito por S. SERGI, é um dos hipsistenocéfalos dêste capítulo. Caracterisa-o uma *stenometopia* e uma morfologia facial que G. RUGGERI considera *mediterrânea* (2). A sua fenozigia, grande capacidade (1660^{cc.}), leptoprosopia, leptorria, o seu ortognatismo, etc. conduzem-nos, porém, a admitir a possibilidade da filiação dêste crânio também no tipo magdaleneense de Chancelade. Menos clara nos parece a filiação do egípcio n.º 17 ♀, de Kawamil.

Restam 4 párias do Pandjab das séries d'HAVELOCK-CHARLES. Ortognatas e de muito fraca capacidade, devem antes ser considerados variações individuais do tipo hindu, de origem "protovedaica,,. Nalguns a tendência para a mesorria é sensível (índices: 47; 46,7).

Dos hipsistenoides não mencionaremos especimens isolados, a não ser, a méro título de exemplo, o egípcio antigo n.º 300, ♂, *ovoides*, de GIUFFRIDA-RUGGERI, (3) cujos caracteres métricos principais são:

(1) *Crânes modernes*, etc. Op. cit.

(2) *Crâni egiziani antichi*, etc. Op. cit., pág. 93.

(3) *Crâni egiziani*, etc. Op. cit., págs. 130 e 131.

Índ. cef.	72,0	Índ. nasal	40,4
„ vért.-transv.	100,0	Mod. de SCHMIDT	151,3
„ do bur. occipital	88,9	R. vért. mod.	88,6
„ alveolar	94,0	R. transv. mod.	88,6
„ facial sup.	54,8	R. long. mod.	122,9
„ orbitário.	86,5		

Êste crânio, descrito pelo autor italiano entre os de estirpe “mediterrânea”, difere entretanto bastante da grande maioria dêsses crânios. Tendo de comum com o tipo de Chancelade muitos caracteres, afasta-se dêle por outros (capacidade menor, menor rel. vért.-mod., maior rel. transv.-mod., etc.) Não seria, porém, ousado estabelecer uma certa afinidade antropológica entre os dois.

Onde as séries hipsistenoïdes, portadoras de órbitas mesosemas e megasemas, e de leptorrhina, mais abundam, é no Novo Continente. (1) Em esquimós, foguinos, botocudos e alguns paraguayos tem sido assinalada a hipsistenocefalia ou a tendência hipsistenocéfala. As três primeiras populações foram abrangidas por ANTON no seu grupo *proto-americano* e filiadas na raça de Lagoa Santa. DENIKER reuniu apenas botocudos, foguinos e porventura esta última raça no seu tipo *pale-americano*. HRDLICKA admite a feição primitiva dos esquimós puros, e a simples constatação dos caracteres cranianos permite aproximar as séries d’esquimós e foguinos, hipsistenoïdes, de capacidade elevada, índice orbitário mesosema ou megasema, leptorrhínicos, orto ou mesognatas, se bem que o índice orbitário e leptorrhina são maiores nos esquimós do que nos foguinos, quási mesorrhínicos e de maior tendência prognata. No nosso ensaio de classificação de raças, agrupamos os esquimós, foguinos e botocudos no *H. asiaticus* (L.), *var. proto-*

(1) Um crânio hipsistenoïde (285,303 ♂) do cemitério de Munsee, descrito por HRDLICKA (*Physical Anthr. of the Lenape*, etc. Op. cit.), tem o índ. orb. 87,2, e o nasal de 47,7. O índ. facial superior, porém, desce a 49,6. Dois crânios ♂ de Manhattan Island, do mesmo autor, tinham, em média, mód. de Schmidt — 156,7; índ. nas. — 45,6; índ. orb. — 87,4; e índ. fac. — 54,5.

americanus (ANTON), sem entretanto incluímos nesta variedade a raça de Lagoa Santa, que dela difere.

A unidade antropológica dos esquimós não é perfeita duma região para outra. Segundo WALDMANN, (1) as tribus que habitam o Labrador ao sul da baía de Ungava, são mestiçadas de sangue índio, e sabe-se que o mesmo sucede a tribus d'Alaska e da Groenlandia. Mas os dados de HRDLICKA sôbre antigos esquimós das ilhas Southampton, do estreito de Fozen, etc., permitem definir assim o tipo esquimó puro: Dolicocefalia, crânio alto em V invertido, face alta e extremamente larga, órbitas altas, nariz longo e estreito, capacidade média (1563.^{cc} em 6 Saglirmint ♀ das ilhas Southampton), etc. (2)

A aproximação estabelecida entre os esquimós e o madaleneense europeu de Chancelade, nas suas relações genealógicas (3), tem sido contestada, admitindo-se ora que as suas semelhanças resultam do meio, ora que se trata apenas duma identidade de cultura e não da mesma raça (4), ora, enfim, que há apenas uma semelhança puramente superficial entre certos objectos (5). Segundo CHAMBERLAIN, não é exacta a opinião de F. BOAS, de que os esquimós sejam emigrados asiáticos recentes, antes o seu centro antigo de dispersão teria sido o oeste da bacia de Hudson, tendo êles chegado de Este a Alasca, numa época relativamente recente, e pertencendo a um tipo de cultura americana muito simples e muito antiga (6).

Admitidas ou não as afinidades de cultura do madaleneense europeu e dos esquimós, julgamos que a descrição

(1) *Les esquimaux du nord du Labrador* — "Bull. de la Soc. Neuchâteloise de Géogr.," — 1910.

(2) ALES HRDLICKA — *Contribution to the anthropology of Central and Smith Sound Eskimo* — "Anthropolog. papers of the Amer. Museum of Natural History," 1910.

(3) G. HERVÉ — *La race des Troglodytes magdaléniens*, op. cit., pág. 182 e segs.

(4) BOYD DAWKINS — *The arrival of man in Britain in the pleistocene age* — "Journ. of the R. Anthropol. Instit.," — 1910, vol. XL.

(5) BEUCHAT — Op. cit., pág. 731.

(6) ALEXANDRE F. CHAMBERLAIN — *Quelques problèmes ethnographiques et ethnologiques de l'Amérique du nord.* — "L'Anthropologie," — 1911, T. XXIII, pág. 197 e segs.

dêstes últimos, feita pelos modernos autores, não permite estabelecer entre os dois tipos uma profunda distinção somatológica. Dos caracteres acima atribuidos ao crânio esquimó, só o índice orbitário difere em relação ao do crânio de Chancelade, mas na verdade a mesoconquia dêste é expressa pelo índice de 87,5, visinho da hipsiconquia.

Assim, ou estamos em presença dum caso de isomorfismo politópico, muito natural, ou o crânio esquimoide de Chancelade representa um antepassado ou parente do antepassado dos esquimós actuais. É crível que aquêlo tipo madaleneense constitua mesmo já um filum dum antepassado comum, filum divergindo até talvez numa direcção nitidamente caucasoide.

O que é certo é que os esquimós divergem, pelo contrário, profundamente do tipo de Lagoa Santa, na capacidade e índice nasal. O mesmo facto se dá nos foguinos ⁽¹⁾ que teem entretanto no seu mesognatismo mais intenso e na sua menor leptorrinia uma ponte de transição para fórmãs negroides, de que aliás estão distantes.

Os botocudos e os paraguayos, tambem moderadamente leptorrínicos e d'órbitas mesosemas, quási microsemas, e de capacidade um pouco menos elevada constituem uma fórmã intermédia que se liga aos foguinos dum lado e ao tipo de Lagoa Santa, d'outro lado. ⁽²⁾

⁽¹⁾ Uma das particularidades que impressionou muitos observadores nos foguinos, tão atrazados em civilização, foi a sua alta capacidade craniana. O mesmo succedeu com a sua leptorrinia. Dois foguinos ♂, dos *Crania Ethnica*, teem a capacidade média de 1680^{cc}.

⁽²⁾ Os índices nasal e orbitário de botocudos de REY e VIRCHOW são 47,2 e 84,7 (cf. DENIKER — *Races et peuples de la terre*, 1900. pp. 75 e 77). A capacidade de 4 botocudos da série D. PEDRO II-REY, seria em média 1470^{cc}.

Um paraguayo, descrito nos *Crania Ethnica*, tinha: capac. 1520^{cc}; ind. cef. 72,3; ind. nas. 47,3; ind. orb. 85,4 (C. E. — pp. 477 e 478 nota).

Segundo RIVET, que se apoia em trabalhos de QUATREFAGES, REY e EHRENREICH, os botocudos são, como os tehuelches, os representantes mestiçados do tipo de Lagoa Santa. (RIVET — *La race de Lagoa-Santa*, etc. op. cit.) Dadas as afinidades esquimoides dos botocudos, será licito supor o contrário: que êstes são representantes dos primitivos esquimoides mestiçados.

A situação "marginal", dos esquimós e dos fogueiros faz presumir que um núcleo proto-americano afim do tipo de Chancelade, foi dividido em dois grupos, um dos quais, o dos fogueiros, foi ocupar o extremo sul do Novo Continente, sofrendo no percurso algumas influências modificadoras, e outro, o tipo esquimó, se albergou em regiões árticas da América e da Ásia. Essa divisão foi operada talvez por uma penetração no continente americano: *a)* quer por imigrantes asiáticos mais ou menos mongoloides, de que o *Homo americanus* oferece frequentes revivescências; *b)* quer por imigrantes oceânicos, ou indo-oceânicos, mais ou menos vedaicos ou australoides, de que o tipo de Lagoa Santa guarda alguns caracteres; *c)* quer ainda por imigrantes polinésios, como tantos autores supõem; *d)* quer enfim por contingentes de todas essas variadas origens.

Os botocudos e paraguayos exprimiriam já, mais do que os fogueiros, a alteração do primitivo hipsistenoide americano.

Os antigos hipsistenoides patagões, de que citámos no capítulo anterior um espécimen, possuindo prováveis semelhanças nigríticas, não representavam necessariamente um filum d'origem africana, mas traduziriam uma evolução paralela, na América e na África, do tipo australoide hipsistenocéfalo. Neste caso, como em Lagoa Santa, Baixa Califórnia, etc., trata-se dum ramo genealógico visivelmente diverso do que chamámos proto-americano, e talvez de origem oceânica.

*

Hipsistenocéfalos e hipsistenoides d'órbitas megasemas, além dos esquimós, do crânio deformado de Necochea (1), de

(1) A estação de Necochea (Argentina) forneceu ossos de três indivíduos, mas só um crânio, o n.º 2, aquêlo a que nos referimos, suscetível de estudo completo. (MOCHI — *Appunti sulla paleantropologia argentina* — "Arch. per l'Antrop. e l'Etnol.", 1900). AMEGHINO pretendeu estabelecer sobre esta descoberta um tipo humano fossil, mas MOCHI não achou justificado esse parecer do sábio argentino. Pela descrição feita pelo autor italiano, o crânio 2 de Necochea era hipsistenocéfalo, de norma superior elipsoide, fronte estreita e fugidia, de fraca capacidade, arcadas supraciliares pouco desen-

alguns peruvianos antigos e possivelmente de outras populações americanas, cuja filiação (salvo para o crânio aberrante de Necochea e acaso alguns outros) se poderá talvez fazer no tipo de Chancelade (¹), se encontram em grupos étnicos os mais diversos, como se pôde vêr no quadro final. Na África, Indus-tão e contorno do Mediterrâneo êsses exemplos se registam.

Na África, aparecem-nos hipsistenocéfalos hipsiconcos e mesoplatirrínicos, no seio de povos como sudanenses ocidentaes, somalis, galas, abissínios, ashantis, zulus, hotentotes, wahengas, ou até leptorrínicos como dum ashango e dum uniamvesi. A pequena capacidade de 7 sudanenses ♂ dos *Crania Ethnica* (1300.^{cc}), menor do que a de todos os outros negros, complica bastante a pesquisa do significado da sua hipsistenocefalia. E' essa capacidade uma reminiscência dum australoide primitivo, cujo índice orbitário se elevara sob influências nigríticas? Outras hipóteses se poderiam formular. Nos outros crânios platirrínicos e de capacidade regular, que figuram na lista, é possível supor ou a modificação dos primitivos hipsistenocéfalos sob influências nigríticas, ou que se trata de flutuações acidentais do tipo nigrítico numa direcção hipsistenocefala. Muito aceitável achamos esta última hipótese para o crânio ashango leptorrínico, descrito por POUTRIN, que figura

volvidas, mas constituindo no meio uma pequena viseira, leptorrínico, de órbitas mais altas de que largas, leptoprósopo, de arcadas zigomáticas salientes, malares projectados para a frente, microdontia, prognatismo total e acentuado, de abertura nasal antropina.

Os estudos de HRDLICKA e do geólogo WILLIS vieram, porém, dar como duvidosa a antiguidade dêstes esqueletos, e, ainda mais, o crânio de Necochea foi considerado "without doubt artificially deformed." (Cf. também GIUFFRIDA-RUGGERI — *I cosiddetti precursori dell Uomo attuale nel Sud-America* — Extr. "Arch. per l'Antr. e l'Etnol.", vol. XLII-1912, p. 6.). Excluimos assim esse crânio das nossas investigações.

(¹) 1 crânio ♂ de Munsee (285,306), descrito por HRDLICKA, era hipsistenoide, hipsiconco, quasi platirrínico (52,8) e de baixo índice facial. Uma série de 6 crânios ♂ de Rhode-Island era hipsistenoide, hipsiconca, de índice nasal muito semelhante ao anterior (55,5). Este alto índice nasal, não excedido pelos doutras séries hipsistenoideas de índios de E. descritos por HRDLICKA (excepto 4 de Staten Island) significará um negroidismo, embora atenuado?

no quadro final. O de uniamvesi (África Oriental), descrito por R. VIRCHOW, é de fraca capacidade e leptorrínico, elementos dos quais o primeiro se opõe á filiação no tipo de Chancelade, e ambos á aproximação com o tipo nigrítico propriamente dito. ⁽¹⁾

Nos negros hipsistenoides o índice orbitário eleva-se por vezes a 92 e mais. É o caso dum de dois mossumbes, um ♀ e outro ♂, que nós mesmos já descrevemos. ⁽²⁾ O último, como acentuámos então, é muito próximo do *H. afer* típico, mas o feminino não se afasta muito da fôrma nigrítica.

Onde se torna mais evidente que os hipsistenocéfalos hipsiconcos não constituem muitas vezes mais do que meras flutuações ou variações individuais de outros tipos não hipsistenocéfalos ou dos hipsistenocéfalos de órbitas mais baixas, é entre os hindus. Os párias de Pandjab d'HAVELOCK-CHARLES, que são hipsistenocéfalos de alto índice orbitário, conservam em geral o ortognatismo e a pequena capacidade craniana do seu tipo médio. Um crânio hindu de Satary, que nós descrevemos ⁽³⁾, difere bastante (V. gráfico 3) doutro da mesma procedência a que já aludimos. A capacidade, o índice nasal e o ortognatismo os aproximam, porém. A leptoprosopia do que mencionamos agora, não está de acordo com a cameprosopia do outro e do tipo vedaico em geral. Devemos talvez assim considerá-lo méra fôrma individual divergente do tipo primitivo? Notaremos que no gráfico n.º 3, em que figuram o hindu de Satary atraz referido, um abissínio (n.º 132 de S. SERGI), o árabo-egipcio n.º 5156 de G. RUGGERI, o nubiano antigo n.º 316 do mesmo, e, como base, o trasmontano n.º 374 dêste

⁽¹⁾ Divergente do tipo melanésio é o crânio ♀ de Port Moresby, descrito por W. TURNER (Op. cit.), o qual se menciona no quadro. Os dois somalis, mencionados também no quadro, são evidentemente nigríticos.

⁽²⁾ *Sobre três crânios de negros Mossumbes*, op. cit. Apresentavam respectivamente: capac. 1360^{cc.} e 1550^{cc.}; ind. cef. 70,7 e 74,1; ind. vert. 101,6 e 104,0; ind. orbitário 89,4 e 92,4; ind. nasal 56,1 e 62,7; ind. alveolar 100,0 e 100,0; ind. facial 51,6 e (?). Ao exame, o 2.º crânio parece cameprósopo.

⁽³⁾ *Sobre alguns crânios da Índia*, op. cit. É o n.º 5, ♂.

trabalho, é o hindu de Satary agora mencionado, que menos acomoda o seu traçado ao dos outros, mostrando assim a sua divergência.

Nas séries europeias a associação da hipsistenocefalia ou da simples tendência hipsistenocéfala á hipsiconquia não tem uma interpretação uniforme. Em crânios da Európa septentrional é claramente as mais das vezes uma simples variação individual do tipo do *H. europaeus*. Em crânios da Península Ibérica ou da bacia do Mediterrâneo, ainda é lícito admitir frequentemente análoga variação em relação ou ao ibero-insular ou aos elementos nordicos que constituem aí a minoria etnogenica.

O beirão 293 e o trasmontano 210 do nosso estudo e o sardo 215 da série de ARDU-ONNIS são hipsistenocéfalos hipsiconcos, diferindo, porém, na capacidade e no índice facial. Os dois primeiros tem capacidade mais ou menos elevada (o beirão, mesmo muito elevada) e o sardo fraquíssima capacidade. Também êste é mesoprósopo, ao passo que os dois outros são leptoprósopos. Todos, porém, são leptorrínicos e ortognatas. Êstes dois últimos caracteres, como a leptoprosopia e uma capacidade em geral superior a 1500^{cc.}, nós registámos nos hipsistenoides beirão e alemtejanos. Isto mostra bem que êsses hipsistenoides não podem confundir-se com os cameconcos de tendência platirrínica, cuja filiação já ensaiámos investigar.

Eis os principais caracteres métricos de alguns dos hipsistenoides referidos:

Série da F. de Ciências de Lisboa	Capac.	Índ. cef.	Índ. v. l.	l. v. tr.	l. nasal	l. orbit.	Índ. fac. sup.	l. alveol.
Trasmontano 94 ♂	1553 ^{cc.}	72,9	72,5	102,2	48,2	91,0	56,3	89,7
Beirão 177 ♂	1645 ^{cc.}	71,7	73,9	103,0	38,5	97,1	58,5	94,1
Alemtejano 187 ♂	—	74,7	75,9	101,5	39,3	100,0	—	—
" 103 ♂	1428 ^{cc.}	73,0	73,0	100,0	41,6	89,2	—	—

(Medidas de FERRAZ DE MACEDO e do autor)

Só o primeiro entra na mesorrinia, que é, porém, moderadíssima.

Em vez de meras flutuações dos tipos dominantes das

respectivas populações, alguns dêsses crânios constituirão sobrevivências do tipo de Chancelade, de grande capacidade, leptomesoprósopo, leptorrínico, ortognata e de órbitas mais altas do que os dos outros hipsistenocéfalos primitivos. É crível que o *H. europaeus*, de possível origem septentrional, (a sua despigmentação resultou decerto da influência da mesologia arctica), tenha, apesar da diferença de estatura e outras, ligações genealógicas com o homem de Chancelade.

*

Concluindo, repetiremos que, sendo a hipsistenocefalia ou a tendência hipsistenocéfala um facto morfológico que caracteriza alguns tipos primitivos, é de presumir que um ou mais tipos hipsistenocéfalos primordiais do *H. sapiens*, coexistissem já no quaternário inferior com o platicéfalo *H. neanderthalensis*.

Dois núcleos de origem e dispersão parece lícito imaginar para os tipos de crânio estreito e alto, que no quaternário superior habitaram a Europa.

O 1.º seria equatorial, e referir-se-ia ao tipo ou tipos de que descenderam o protoetiópico aurignacense de Combe-Capelle, o negroide de Grimaldi, e o australoide azilio-tardo-noisiense do Vale do Tejo.

O 2.º seria, pelo contrário, arctico, e diria respeito ao tipo de Chancelade e talvez posteriormente a um ramo afim, o *H. europaeus*, cujos restos fazem uma aparição tardia na preistória.

Não falando nos descendentes do "protovedaico", que seria também tropical ou equatorial, o grupo de origem equatorial abrange formas actuais de todos os continentes, caracterizadas pela associação — cameconquia, mesoplatirrinia, tendência prognata. Entre os tipos mais característicos dêste grupo, que em geral é de fraca capacidade craniana, figuram alguns crânios australianos e vários da África equatorial.

Os crânios hindus e de Ceilão, que apresentam a hipsistenocefalia, teem índices orbitários e nasais variáveis, mas em geral são ortognatas e de baixa capacidade, e os seus índices orbitário e nasal médios correspondem à mesoconquia e à

meso-platirrinia. Algumas das variações traduzirão porventura mestiçagem, mas em geral tratar-se-há de flutuações individuais dum tipo primitivo "protovedaico", que se distingue dos outros tipos equatoriais referidos, pelo seu ortognatismo.

Na Melanésia regista-se em várias séries e exemplares hipsistenocéfalos, a elevação de índices nasal e orbitário, de capacidade e de prognatismo, em relação ao australiano de crânio alto e estreito. Similares modificações se presenceiam na África, no sentido nigrítico, e algumas vão mesmo mais longe do que nas formas melanésio-papuas.

A série americana de Lagoa Santa é, em média, de índice orbitário não cameconco, e vimos que a podemos talvez filiar no grupo "protoaustralóide", ou no "protovedaico", sendo crível que houvesse ali adulteração das formas originárias, como nalguns índios da América do Norte, precolombianos do Equador e tehuelches.

Dum centro ártico de hipsistenocefalia (menos intensa do que a dos equatoriais) derivaram possivelmente o homem paleolítico de Chancelade, algumas formas do *H. europaeus*, os homens da estirpe *proto-americana*, que, a nosso vêr, não deve confundir-se com a de Lagoa Santa, talvez extra-americana. Essa estirpe está hoje representada pelos esquimós, modificada nos fogueiros, e tem talvez em botocudos e paraguayos formas de transição para o hipsistenocéfalo de Lagoa-Santa, mercê de possíveis impregnações oceânicas. O primitivo hipsistenocéfalo ártico distinguir-se-ia: do grupo equatorial em geral, pela sua leptorrinia; do "proto-australóide", e do afim *H. taganus*, ainda pelo seu ortognatismo, maior capacidade e maior índice orbitário; do "protoetiópico", e do *H. Grimaldii* pelo seu ortognatismo e índices nasal e orbitário; emfim do "protovedaico", pela capacidade e talvez índice nasal. Trata-se portanto dum grupo inconfundível com qualquer das formas equatoriais.

Alguns exemplares meso-hipsiconcos e leptorrínicos, sobretudo na Península Ibérica e na bacia do Mediterrâneo, serão sobrevivências do homem de Chancelade, ou meras variações individuais do *H. europaeus* ou do tipo *mediterrâneo*.

Em geral, nos hipsistenocéfalos ou hipsistenoides ibéricos

e sardos que isolámos, predomina a cameconquia, e, sobretudo nos sardos, ainda a fraca capacidade. Poucos se avisinharão entretanto sensivelmente dos tipos "protoetiópico,, "negroide,, ou "protoaustralóide,, cameconcos, mesoplatirrínicos e de tendência prognata. Tratar-se-há antes dum mesmo filum do tipo "protovedaico,, ortognata e de fraca capacidade? Talvez.

Que simples flutuações acidentais ou variações individuais dum tipo hipsistenocéfalo ou não hipsistenocéfalo, possam fazer surgir-nos à vista formas hipsistenocéfalas não assimiláveis aos tipos primitivos ou de difícil explicação por cruzamentos e hibridismos — não é rasoável contestá-lo. Pretender por outro lado, que só algumas unidades a mais ou a menos no índice orbitário, por exemplo, bastassem para apartar um crânio isolado, do tipo de que o avisinhassem todos os outros caracteres, equivaleria a esquecer que na humanidade, como em geral em todo o mundo vivo, os tipos são criações subjectivas que constituem a média em torno da qual flutuam, de caso para caso, os vários caracteres, e que as noções antropológicas são tanto mais rigorosas quanto mais numerosas as séries que as fornecem.

Nesta ordem de ideias, acentuaremos que dentro dos nossos limitados subsídios documentais, o presente esboço constitue apenas um ensaio de sistematisação dos dados relativos à hipsistenocefalia, não pretendendo nós de modo algum dar como definitivas todas as generalisações feitas e todas as hipóteses expendidas.

Gabinete de Antropologia da Faculdade de Ciências
do Pôrto, 1 de Agosto de 1917.

Quadro d'algumas séries e exemplares hipsistenocéfalos

	Ind. cef.	I. v. tr.	I. nas.	I. orb.	Outros caracteres	Autores
14 Australianos ♂	69,9	103,8	55,1	74,4	Capac. 1285 ^{cc} . Meso ou progn. (BASEDOW)	<i>Crania Ethnica</i>
7 Insulares de Kunié ♂	67,0	107,8	53,8	81,0	Capac. 1470 ^{cc} . Progn.	" "
6 " " " ♀	68,5	107,3	52,1	82,5	Capac. 1345 ^{cc} . Progn.	" "
1 Nova Guiné ♂	68,0	105,8	52,2	75,0	Capac. 1190 ^{cc} . Progn. I. fac. 51,7	W. TURNER
1 Timor ♂ (N.º 4)	68,8	112,3	50,0	78,1	I. fac. * 63,9	BARROS E CUNHA
1 " ♀? (N.º 8)	69,9	106,2	54,1	78,5	I. fac. * 64,1	" " "
1 Singhalês ♂	67,9	109,6	56,2	82,9	Capac. 1237 ^{cc} . Ortogn. I. fac. 52,9	E. CORNER
1 Pária do Pandjab ♂ (N.º 3)	67,5	103,6	50,0	80,0	Capac. 1350 ^{cc} . Ortogn.	HAVELOCK CHARLES
1 " " " ♂ (N.º 9)	69,5	106,2	51,5	81,5	Capac. 1280 ^{cc} . Ortogn.	" "
1 " " " ♂ (N.º 17)	66,9	107,5	53,0	83,0	Capac. 1290 ^{cc} . Mesogn.	" "
1 " " " ♂ (N.º 19)	68,9	109,9	53,1	82,6	Capac. 1315 ^{cc} . Mesogn.	" "
1 " " " ♂ (N.º 26)	66,3	103,7	50,0	76,2	Capac. 1480 ^{cc} . Ortogn.	" "
1 " " " ♂ (N.º 18-2. ^a s.)	69,0	107,2	50,0	75,0	Capac. 1290 ^{cc} . Ortogn.	" "
1 " " " ♂ (N.º 26-2. ^a)	67,0	111,7	51,0	72,5	Capac. 1200 ^{cc} . Ortogn.	" "
1 " " " ♂ (N.º 41-2. ^a)	65,4	108,1	49,0	80,0	Capac. 1350 ^{cc} . Ortogn.	" "
1 Hindu de Satary ♂ (N.º 4)	69,4	108,8	55,3	72,5	Capac. 1350 ^{cc} . Ortogn. I. fac. 47,2 (?)	MENDES CORRÊA
1 Nubiano antigo ♂	66,7	118,3	55,7	83,3	Capac. 1350 ^{cc} . I. fac. 56,0	DE BLASIO
1 Abissínio ♂ (N.º 132)	67,9	106,9	50,0	73,2	Capac. 1570 ^{cc} . I. fac. 58,3	S. SERGI
1 " ♂ (N.º 151)	68,3	102,4	53,3	83,8	Capac. 1185 ^{cc} . I. fac. 51,2	" "
1 " ♂ (N.º 145)	69,6	100,8	51,0	75,0	Capac. 1450 ^{cc} . I. fac. 56,1 ?	" "
1 Egípcio de Beit-Allam ♀ (N.º 18)	68,2	107,6	51,1	76,1		FOUQUET
1 " de Negadah ♂ (N.º 12)	69,0	110,4	51,0	81,2		" "
1 Gala ♂ (N.º 1321)	67,4	108,7	?	78,0	Capac. 1415 ^{cc} . Pertence a esta secção?	S. SERGI
1 Fula do Senegal ♂	67,7	103,2(?)	54,0	82,5	Capac. 1310 ^{cc} .	<i>Cr. Ethnica</i>
1 Lobis (Áfr. Ocid.) ♂	66,0	111,3	60,4	81,1	Capac. 1345 ^{cc} .	VERNEAU
1 Bayaka (Congo) ♂	69,8	103,0	67,1	78,2	Capac. 1415 ^{cc} .	PITTARD
1 Cafre ♂ (N.º 393)	67	107	56	81	I. fac. 51	SCHRUBSALL (SERGI)
1 " ♂ (O. 1733)	69	101	66(?)	75	I. fac. 54	" "
1 Zulu ♂ (1283 R. C. S.)	69	105	53	78	I. fac. 52	" "
1 Sardo ♂ (N.º 265)	64,9	100,0	50,0	83,7	Capac. 1440 ^{cc} . Ortogn. I. fac. 61,0	ARDU-ONNIS
1 " ♂ (N.º 1367)	68,3	104,8	50,0	80,6	Capac. 1310 ^{cc} . Lig. progn. I. fac. 52,4	" "
1 Francês (Montpellier, n.º 51)	66,5	104,7	55,3	83,8		LAPOUGE
1 Alemtejano ♂ (N.º 4717)	69,4	105,0	54,0	82,9	Capac. 1911 ^{cc} . (?) I. fac. 66,7 *	FERRAZ DE MACEDO
1 Lagoa Santa ♂	69,7	112,4	53,3	80,5	Capac. 1385 ^{cc} . Cameprósopo	LACERDA e PEIXOTO
1 Índio do S. da N. Inglaterra (N.º E, 909)	69,7	103,1	54,6	81,3	I. fac. 62,7	M. V. KNIGHT
1 Timor ♂ (N.º 2)	68,3	107,8	44,6	81,9	I. fac. 63,1 *	BARROS E CUNHA
1 Ilha de Sumba ♂ (N.º 7)	69,7	107,8	46,2	83,5	Caracteres "melanesios,"	TEN KATE
1 Pária do Pandjab ♂ (N.º 38)	67,5	106,1	44,8	76,0	Capac. 1380 ^{cc} . Ortogn.	HAV. CHARLES
1 " " " ♂ (N.º 3-2. ^a)	63,3	114,7	47,0	82,0	Capac. 1310 ^{cc} . Ortogn.	" "
1 " " " ♂ (N.º 16-2. ^a)	69,7	103,1	43,8	79	Capac. 1290 ^{cc} . Ortogn.	" "
1 " " " ♂ (N.º 19-2. ^a)	67,3	103,8	47	80	Capac. 1478 ^{cc} . Ortogn.	" "
1 " " " ♂ (N.º 20-2. ^a)	66,3	106,2	37	70,4	Capac. 1640 ^{cc} . Ortogn.	" "
1 Egípcio de Negadah ♂ (N.º 32)	68,1	103,5	45,9	78,3		FOUQUET
1 " " " ♂ (N.º 38)	69,6	100,0	46,1	80,0		" "
1 Sardo ♂ (N.º 1356)	68,9	104,0	46,0	80,0	Capac. 1340 ^{cc} . Ind. fac. 50,4	ARDU-ONNIS
1 Neolítico de Maubert ♂ (N.º 22)	68,8	111,7	43,9	81,1	Mod. Schmidt, 163 Ortogn. Face alta e larga	GABRIEL CARRIÈRE
1 Trasmontano ♂ (N.º 374)	67,4	105,6	46,8	77,5	Capac. 1473 ^{cc} . Mesogn. I. fac. 52,8	F. MACEDO e M. CORRÊA
1 Índio de N. Inglaterra ♀ (N.º 660)	67,0	103,2	39,6	82,5	Mod. Schmidt, 148. Progn. ?	M. V. KNIGHT
5 Alfurus-Arfakis ♂	69,4	104,7	55,8	86,8	Capac. 1400 ^{cc} .	<i>Cr. Ethnica</i>
5 Fatés ♂	68,4	107,7	54,2	84,6	Capac. 1485 ^{cc} .	" "
18 Lifus ♂	69,8	105,3	51,9	85,0	Capac. 1460 ^{cc} .	" "
6 Fidjianos ♂	69,3	104,6	50,0	87,2	Capac. 1465 ^{cc} .	" "
6 " ♀	69,2	108,7	54,2	86,8	Capac. 1375 ^{cc} .	" "
43 Novo-Caledónios ♂	69,7	106,8	52,6	84,2	Capac. 1445 ^{cc} . Progn. (RIVET)	" "
1 " ♂ (N.º 717)	69,4	106,2	54,7	84,2	Capac. 1300 ^{cc} . Progn.	GIUFFRIDA RUGGERI
1 " ♀ (N.º 718)	66,5	105,9	52,2	87,2	Capac. 1270 ^{cc} . Progn.	" "

1 Zulu ♂ (1283 R. C. S.)	69	105	53	78	I. fac. 52	" "
1 Sardo ♂ (N.º 265)	64,9	100,0	50,0	83,7	Capac. 1440 ^{cc.} Ortogn. I. fac. 61,0	ARDU-ONNIS
1 " ♂ (N.º 1367)	68,3	104,8	50,0	80,6	Capac. 1310 ^{cc.} Lig. progn. I. fac. 52,4	" "
1 Francês (Montpellier, n.º 51)	66,5	104,7	55,3	83,8		LAPOUGE
1 Alemtejano ♂ (N.º 4717)	69,4	105,0	54,0	82,9	Capac. 1911 ^{cc.} (?) I. fac. 66,7*	FERRAZ DE MACEDO
1 Lagoa Santa ♂	69,7	112,4	53,3	80,5	Capac. 1385 ^{cc.} Cameprósopo	LACERDA e PEIXOTO
1 Índio do S. da N. Inglaterra (N.º E, 909)	69,7	103,1	54,6	81,3	I. fac. 62,7	M. V. KNIGHT
1 Timor ♂ (N.º 2)	68,3	107,8	44,6	81,9	I. fac. 63,1*	BARROS E CUNHA
1 Ilha de Sumba ♂ (N.º 7)	69,7	107,8	46,2	83,5	Caracteres "melanesios,"	TEN KATE
1 Pária do Pandjab ♂ (N.º 38)	67,5	106,1	44,8	76,0	Capac. 1380 ^{cc.} Ortogn.	HAV. CHARLES
1 " " ♂ (N.º 3-2. ^a)	63,3	114,7	47,0	82,0	Capac. 1310 ^{cc.} Ortogn.	" "
1 " " ♂ (N.º 16-2. ^a)	69,7	103,1	43,8	79	Capac. 1290 ^{cc.} Ortogn.	" "
1 " " ♂ (N.º 19-2. ^a)	67,3	103,8	47	80	Capac. 1478 ^{cc.} Ortogn.	" "
1 " " ♂ (N.º 20-2. ^a)	66,3	106,2	37	70,4	Capac. 1640 ^{cc.} Ortogn.	" "
1 Egípcio de Negadah S. ♂ (N.º 32)	68,1	103,5	45,9	78,3		FOUQUET
1 " " " " ♂ (N.º 38)	69,6	100,0	46,1	80,0		"
1 Sardo ♂ (N.º 1356)	68,9	104,0	46,0	80,0	Capac. 1340 ^{cc.} Ind. fac. 50,4	ARDU-ONNIS
1 Neolítico de Maubert ♂ (N.º 22)	68,8	111,7	43,9	81,1	Mod. Schmidt, 163 Ortogn. Face alta e larga	GABRIEL CARRIÈRE
1 Trasmontano ♂ (N.º 374)	67,4	105,6	46,8	77,5	Capac. 1473 ^{cc.} Mesogn. I. fac. 52,8	F. MACEDO e M. CORRÊA
1 Índio de N. Inglaterra ♀ (N.º 660)	67,0	103,2	39,6	82,5	Mod. Schmidt, 148. Progn. ?	M. V. KNIGHT
5 Alfurus-Arfakis ♂	69,4	104,7	55,8	86,8	Capac. 1400 ^{cc.}	<i>Cr. Ethnica</i>
5 Fatés ♂	68,4	107,7	54,2	84,6	Capac. 1485 ^{cc.}	" "
18 Lifus ♂	69,8	105,3	51,9	85,0	Capac. 1460 ^{cc.}	" "
6 Fidjianos ♂	69,3	104,6	50,0	87,2	Capac. 1465 ^{cc.}	" "
6 " ♀	69,2	108,7	54,2	86,8	Capac. 1375 ^{cc.}	" "
43 Novo-Caledónios ♂	69,7	106,8	52,6	84,2	Capac. 1445 ^{cc.} Progn. (RIVET)	" "
1 " " ♂ (N.º 717)	69,4	106,2	54,7	84,2	Capac. 1300 ^{cc.} Progn.	GIUFFRIDA RUGGERI
1 " " ♀ (N.º 718)	66,5	105,9	52,2	87,2	Capac. 1270 ^{cc.} Progn.	" "

	I. cef.	I. v. tr.	I. nas.	I. orb.	Outros caracteres	Autores
1 Pária do Pandjab ♂ (N.º 14)	69	120,4	53	84	Capac. 1300 ^{cc.} Ortogn.	HAV. CHARLES
1 " " " ♂ (N.º 15)	65	104,8	48,4	84,4	Capac. 1325 ^{cc.} Ortogn.	" "
1 " " " ♂ (N.º 20)	69,6	104,7	54,2	85,1	Capac. 1415 ^{cc.} Ortogn.	" "
1 " " " ♂ (N.º 32)	67,5	105,0	51,5	84,6	Capac. 1370 ^{cc.} Ortogn.	" "
1 " " " ♂ (N.º 41)	68,6	102,1	53,3	84	Capac. 1290 ^{cc.} Ortogn.	" "
1 " " " ♂ (N.º 46)	66,6	107,5	51	84	Capac. 1260 ^{cc.} Ortogn.	" "
1 " " " ♂ (N.º 15-2. ^a)	68,7	104,1	58	84,2	Capac. 1270 ^{cc.} Ortogn.	" "
1 " " " ♂ (N.º 39-2. ^a)	67,9	100,0	57	88,6	Capac. 1340 ^{cc.} Mesogn.	" "
1 Nubiano antigo ♀ (N.º 361)	67,6	104,8	57,1	84,6	Capac. 1353 ^{cc.} Ortogn. I. fac. 51,6	GIUFFRIDA RUGGERI
1 Egípcio de Beit-Allam ♀ (N.º 9)	67,0	103,3	51,6	86,4		FOUQUET
1 " " " ♂ (N.º 23)	69,8	107,7	52,1	85,3	I. fac. 63,0	" "
1 " " Negadah S. ♂ (N.º 1)	69,2	105,3	52,0	84,1		" "
1 " " Kawamil ♂ (N.º 10 F.)	67,4	104,6	65,4	88,1		" "
1 " " " ♂ (N.º 38 M.)	66,6	105,4	48,1	86,4		" "
1 Árabo-egípcio ♂, juv. (N.º 5156)	69,2	108,6	53,1	87,2	I. fac. 49,2	GIUFFRIDA RUGGERI
1 Abissínio ♂ (N.º 107)	69,8	106,1	62,5	86,5	Capac. 1580 ^{cc.}	S. SERGI
1 Fula (do Dr. Maclaud)	67,0	112,9	49,1	87,2		VERNEAU
1 Barabra (Coll. Rayer)	69,8	109,1	51,9	84,6	Mod. Schmidt, 155	<i>Cr. Ethnica</i>
13 Serers-Uolofs ♂	69,8	101,5	54,5	87,2	Capac. 1490 ^{cc.} Mesogn. ?	" "
1 Cafre ♂ (C. 1731)	68	105	50	86	I. fac. 57	SCHRUBSALL (SERGI)
1 Ashanti (N. 348)	67	106	54(?)	86	I. fac. 54	" "
1 Pária do Pandjab ♂ (N.º 1)	68	103,7	46,7	88	Capac. 1375 ^{cc.} Ortogn.	HAV. CHARLES
1 " " " ♂ (N.º 16)	69	101,2	47	84	Capac. 1390 ^{cc.} Ortogn.	" "
1 " " " ♂ (N.º 32-2. ^a)	69,3	104,1	42,8	85	Capac. 1110 ^{cc.} Ortogn.	" "
1 " " " ♂ (N.º 34-2. ^a)	66,3	100,0	40,7	84	Capac. 1360 ^{cc.} Ortogn.	" "
1 Egípcio de Kawamil ♀ (N.º 17 F.)	69,4	106,4	46,0	84,2		FOUQUET
1 " antigo ♂ (P. 1)	69,5	101,5	46,4	86,5	Ortogn. Stenometopo. I. fac. 56,2	GIUFFRIDA RUGGERI
1 Francês (N.º 61 — Montpellier)	63,2	111,5	42,0	85,7		LAPOUGE
1 Beirão (N.º 184)	69,1	100,0	43,3	84,2	Capac. 1602 ^{cc.} Leptopr. Ortogn.	F. MACEDO (M. CORRÊA)
1 Hindu de Satary ♂ (N.º 5)	69,4	107,9	55,3	97,3	Capac. 1310 ^{cc.} Ortogn. Leptopr.	MENDES CORRÊA
1 Pária de Pandjab ♂ (N.º 25)	67,5	107,5	50,0	92,4	Capac. 1475 ^{cc.} Ortogn.	HAV. CHARLES
1 " " " ♂ (N.º 30)	69,8	103,7	58	92	Capac. 1350 ^{cc.} Ortogn.	" "
1 " " " ♂ (N.º 35)	68,3	106,1	50	100	Capac. 1548 ^{cc.} Ortogn.	" "
1 " " " ♂ (N.º 47)	67,5	106,1	51,7	95	Capac. 1305 ^{cc.} Ortogn.	" "
1 " " " ♂ (N.º 6-2. ^a)	68,8	102,4	50	82	Capac. 1380 ^{cc.} Ortogn.	" "
1 " " " ♂ (N.º 21-2. ^a)	61,3	104,8	50	92,1	Capac. 1340 ^{cc.} Ortogn.	" "
1 Abissínio ♂ (N.º 95)	68,5	100,7	48,9	89,2	Capac. 1610 ^{cc.} I. fac. 55,6	S. SERGI
1 Gala ♂ (N.º 1320)	68,6	111,8	?	90	Capac. 1405 ^{cc.} Nesta secção?	" "
1 Somali Migiurtino ♂	66,3	110,2	54,7	97,4	Ind. fac. * 70,7. Progn.	HAMY
1 " Eissa ♂	67,7	110,9	53,3	98,7	Capac. 1430 ^{cc.} Progn. I. fac. 56,4	PAULITSCHKE
7 Sudanenses ocidentais ♂	69,8	104,7	54,0	89,5	Capac. 1300 ^{cc.}	<i>Cr. Ethnica</i>
1 Ashanti (B. M. 78. 2. 14. 2.)	68	105	57	94	I. fac. 55	SCHRUBSALL (SERGI)
1 Hotentote	69	105	62	94	I. fac. 60	" "
1 Zulu (1285 P. R. C. S.)	66	106	52	94	I. fac. 55	" "
1 Wahenga (B. M. 91. 5. 9.)	69	106	56	94	I. fac. 57	" "
3 Precolombianos do Equador ♀	59,96	106,2	50,0	89,4	Capac. 1247 ^{cc.} I. fac. 52,0	RIVET
1 Port-Moresby ♀	69,5	109,1	44,4	89,5	Capac. 1140 ^{cc.} Progn.	W. TURNER
1 Pária do Pandjab ♂ (N.º 29)	69,9	108,5	44,1	95,8	Capac. 1340 ^{cc.} Ortogn.	HAV. CHARLES
1 " " " ♂ (N.º 39)	67,7	103,7	42,0	100,0	Capac. 1365 ^{cc.} Ortogn.	" "
1 " " " ♂ (N.º 11-2. ^a)	67,5	102,4	46,0	94,8	Capac. 1375 ^{cc.} Ortogn.	" "
1 " " " ♂ (N.º 23-2. ^a)	65,2	104,9	44,2	89,7	Capac. 1390 ^{cc.} Ortogn.	" "
1 Ashango ♂	69,9	103,1	36,9	89,5	Capac. 1425 ^{cc.}	POUTRIN
1 Uniamesi (N.º 5)	69,8	103,2	46,2	89,7	Peq. capac. Leptopros.	R. VIRCHOW
1 Sardo ♂ (N.º 215)	69,7	106,6	40,0	91,4	Capac. 1220 ^{cc.} Ortogn. Mesopros.	ARDU-ONNIS
1 Trasmontano ♂ (N.º 210)	65,0	104,7	36,4	94,7	Capac. 1537 ^{cc.} Ortogn. Leptopr.	F. MACEDO (M. CORRÊA)
1 Beirão ♂ (N.º 293)	69,5	100,7	39,1	89,5	Capac. 1902 ^{cc.} Ortogn. Leptopr.	" " " "
1 Necochea (N.º 2) **	63,4	108,5	43,1	106,6	Mod. Schmidt. 144 Progn. Leptopr.	MOCHI
1 Peruviano antigo ♂ (N.º 49247)	69,3	115,3	47,1	105,7	Capac. 1406 ^{cc.} Progn. I. fac. 59,8	UGO VRAM

* Índice facial acompanhado dum asterisco é o de BROCA; sem asterisco é o facial sup. de KOLLMANN.
 ** As medidas deste crânio de pouco valem, pois, como foi dito, parece tratar-se dum exemplar deformado.

Dos crânios de Combe Capelle e Grimaldi e dos simples hipsistenoides, os dados metricos foram incluídos no texto ou em notas, sempre que os achámos de interesse para o nosso estudo.

As secções em que os hipsistenocéfalos estão repartidos no quadro, são baseadas nos índices nasal e orbitário, mas não correspondem necessariamente aos tipos hipsistenocéfalos, com significado antropológico, que procurámos estabelecer.

Os índices vértico-transversos dos exemplares de párias do Pandjab foram por nós calculados sobre os dados metricos fornecidos por HAV. CHARLES.

1	Hindu de Satary ♂ (N.º 5)	69,4	107,9	55,3	97,3	Capac. 1310 ^{cc} . Ortogn. Leptopr.	MENDES CORRÊA
1	Pária de Pandjab ♂ (N.º 25)	67,5	107,5	50,0	92,4	Capac. 1475 ^{cc} . Ortogn.	HAV. CHARLES
1	" " " ♂ (N.º 30)	69,8	103,7	58	92	Capac. 1350 ^{cc} . Ortogn.	" "
1	" " " ♂ (N.º 35)	68,3	106,1	50	100	Capac. 1548 ^{cc} . Ortogn.	" "
1	" " " ♀ (N.º 47)	67,5	106,1	51,7	95	Capac. 1305 ^{cc} . Ortogn.	" "
1	" " " ♂ (N.º 6-2. ^a)	68,8	102,4	50	82	Capac. 1380 ^{cc} . Ortogn.	" "
1	" " " ♂ (N.º 21-2. ^a)	61,3	104,8	50	92,1	Capac. 1340 ^{cc} . Ortogn.	" "
1	Abissínio ♂ (N.º 95)	68,5	100,7	48,9	89,2	Capac. 1610 ^{cc} . I. fac. 55,6	S. SERGI
1	Gala ♂ (N.º 1320)	68,6	111,8	?	90	Capac. 1405 ^{cc} . Nesta secção?	" "
1	Somali Migiurtino ♂	66,3	110,2	54,7	97,4	Ind. fac. * 70,7. Progn.	HAMY
1	" Eissa ♂	67,7	110,9	53,3	98,7	Capac. 1430 ^{cc} . Progn. I. fac. 56,4	PAULITSCHKE
7	Sudanenses occidentais ♂	69,8	104,7	54,0	89,5	Capac. 1300 ^{cc} .	<i>Cr. Ethnica</i>
1	Ashanti (B. M. 78. 2. 14. 2.)	68	105	57	94	I. fac. 55	SCHRUBSALL (SERGI)
1	Hotentote	69	105	62	94	I. fac. 60	" "
1	Zulu (1285 P. R. C. S.)	66	106	52	94	I. fac. 55	" "
1	Wahenga (B. M. 91. 5. 9.)	69	106	56	94	I. fac. 57	" "
3	Precolombianos do Equador ♀	59,96	106,2	50,0	89,4	Capac. 1247 ^{cc} . I. fac. 52,0	RIVET
1	Port-Moresby ♀	69,5	109,1	44,4	89,5	Capac. 1140 ^{cc} . Progn.	W. TURNER
1	Pária do Pandjab ♂ (N.º 29)	69,9	108,5	44,1	95,8	Capac. 1340 ^{cc} . Ortogn.	HAV. CHARLES
1	" " " ♂ (N.º 39)	67,7	103,7	42,0	100,0	Capac. 1365 ^{cc} . Ortogn.	" "
1	" " " ♂ (N.º 11-2. ^a)	67,5	102,4	46,0	94,8	Capac. 1375 ^{cc} . Ortogn.	" "
1	" " " ♂ (N.º 23-2. ^a)	65,2	104,9	44,2	89,7	Capac. 1390 ^{cc} . Ortogn.	" "
1	Ashango ♂	69,9	103,1	36,9	89,5	Capac. 1425 ^{cc} .	POUTRIN
1	Uniamesi (N.º 5)	69,8	103,2	46,2	89,7	Peq. capac. Leptopros.	R. VIRCHOW
1	Sardo ♂ (N.º 215)	69,7	106,6	40,0	91,4	Capac. 1220 ^{cc} . Ortogn. Mesopros.	ARDU-ONNIS
1	Trasmontano ♂ (N.º 210)	65,0	104,7	36,4	94,7	Capac. 1537 ^{cc} . Ortogn. Leptopr.	F. MACEDO (M. CORRÊA)
1	Beirão ♂ (N.º 293)	69,5	100,7	39,1	89,5	Capac. 1902 ^{cc} . Ortogn. Leptopr.	" " " "
1	Necochea (N.º 2) **	63,4	108,5	43,1	106,6	Mod. Schmidt. 144 Progn. Leptopr.	MOCHI
1	Peruviano antigo ♂ (N.º 49247)	69,3	115,3	47,1	105,7	Capac. 1406 ^{cc} . Progn. I. fac. 59,8	UGO VRAM

* Índice facial acompanhado dum asterisco é o de BROCA; sem asterisco é o facial sup. de KOLLMANN.

** As medidas deste crânio de pouco valem, pois, como foi dito, parece tratar-se dum exemplar deformado.

Dos crânios de Combe Capelle e Grimaldi e dos simples hipsistenoides, os dados metricos foram incluídos no texto ou em notas, sempre que os achámos de interesse para o nosso estudo.

As secções em que os hipsistenocéfalos estão repartidos no quadro, são baseadas nos índices nasal e orbitário, mas não correspondem necessariamente aos tipos hipsistenocéfalos, com significado antropológico, que procurámos estabelecer.

Os índices vértico-transversos dos exemplares de párias do Pandjab foram por nós calculados sobre os dados metricos fornecidos por HAV. CHARLES.

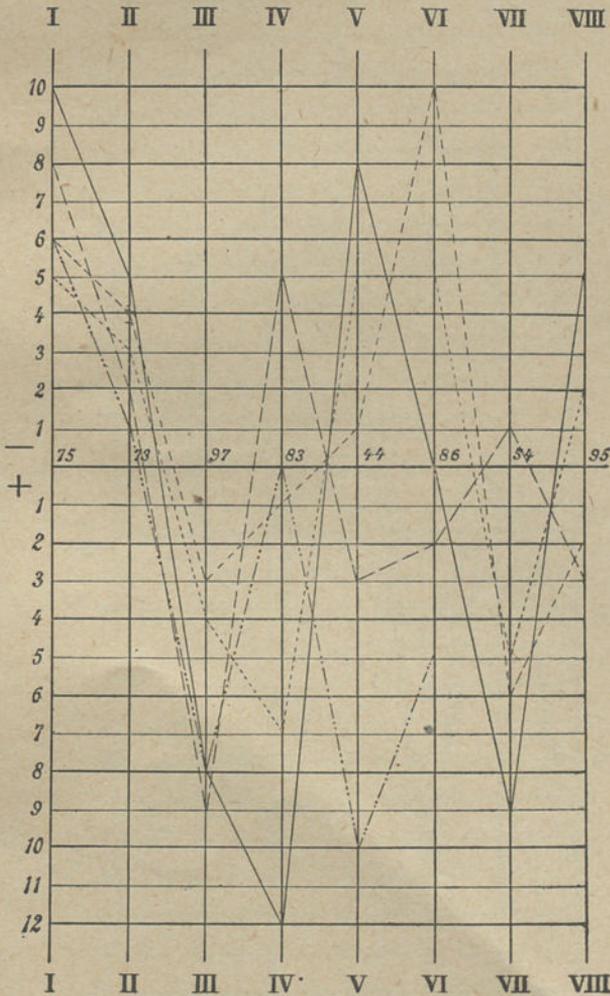
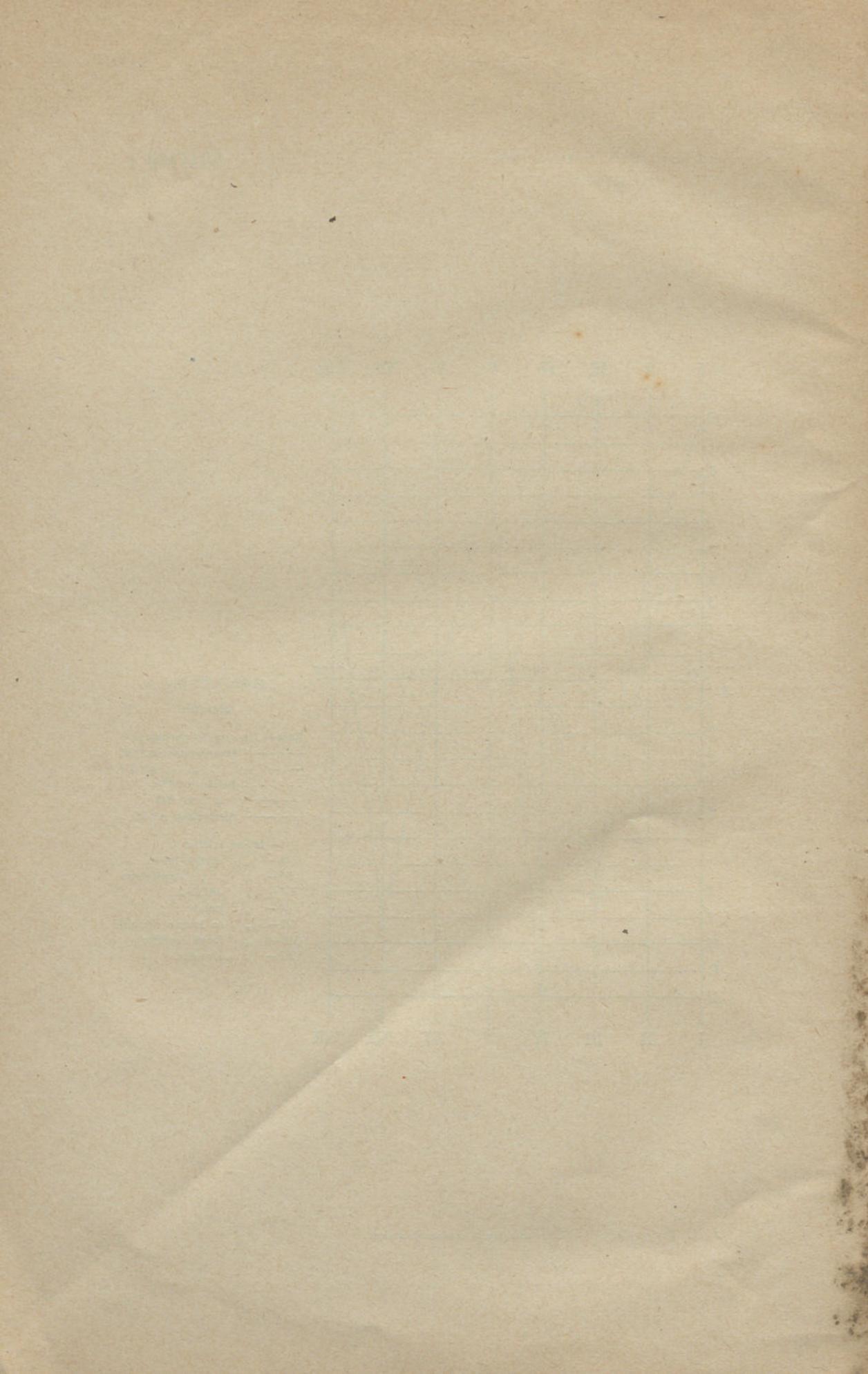


GRÁFICO N.º 1

Legenda:

- Base — Tipo médio português
 ——— Transmontano n.º 210
 - - - - - " n.º 374
 - - - - - Beirão n.º 184
 " n.º 293
 - · - · - · Alemtejano n.º 95
- I — Índice cefálico
 II — " vértico-longo
 III — " " -transverso
 IV — " orbitário
 V — " nasal
 VI — " do buraco occipital
 VII — " facial superior
 VIII — " alveolar.



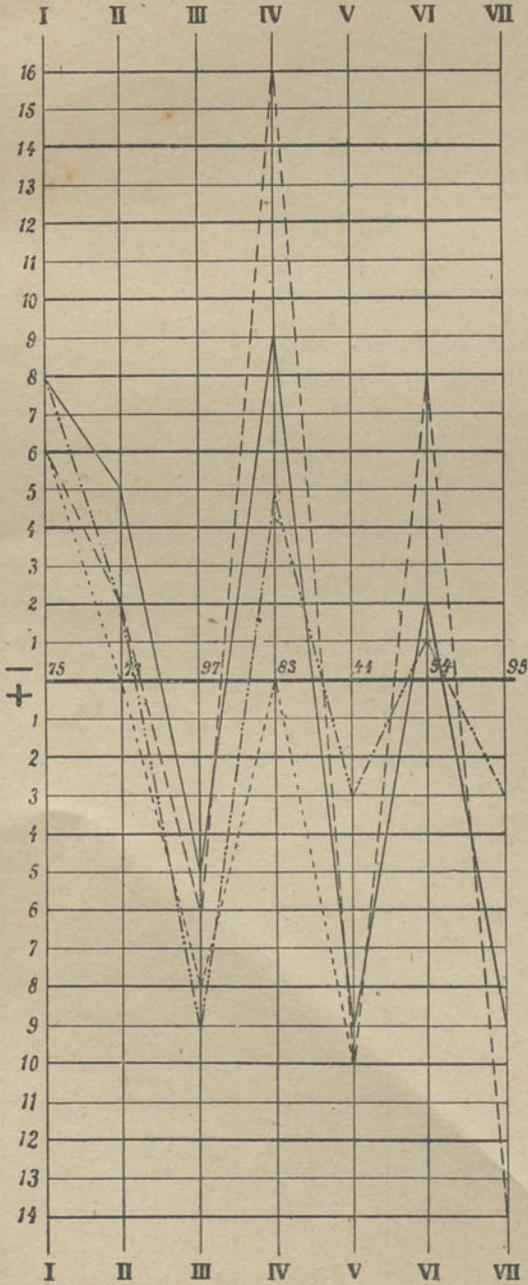


GRÁFICO N.º 2

Legenda:

Base — Tipo médio português
 ————— Combe-Capelle
 - - - - - Grimaldi juv.
 - · - · - Transmontano n.º 374
 ········· Alemtejano n.º 95

I — Índice cefálico
 II — " vértico-longo
 III — " " -transverso
 IV — " orbitário
 V — " nasal
 VI — " facial superior
 VII — " alveolar.

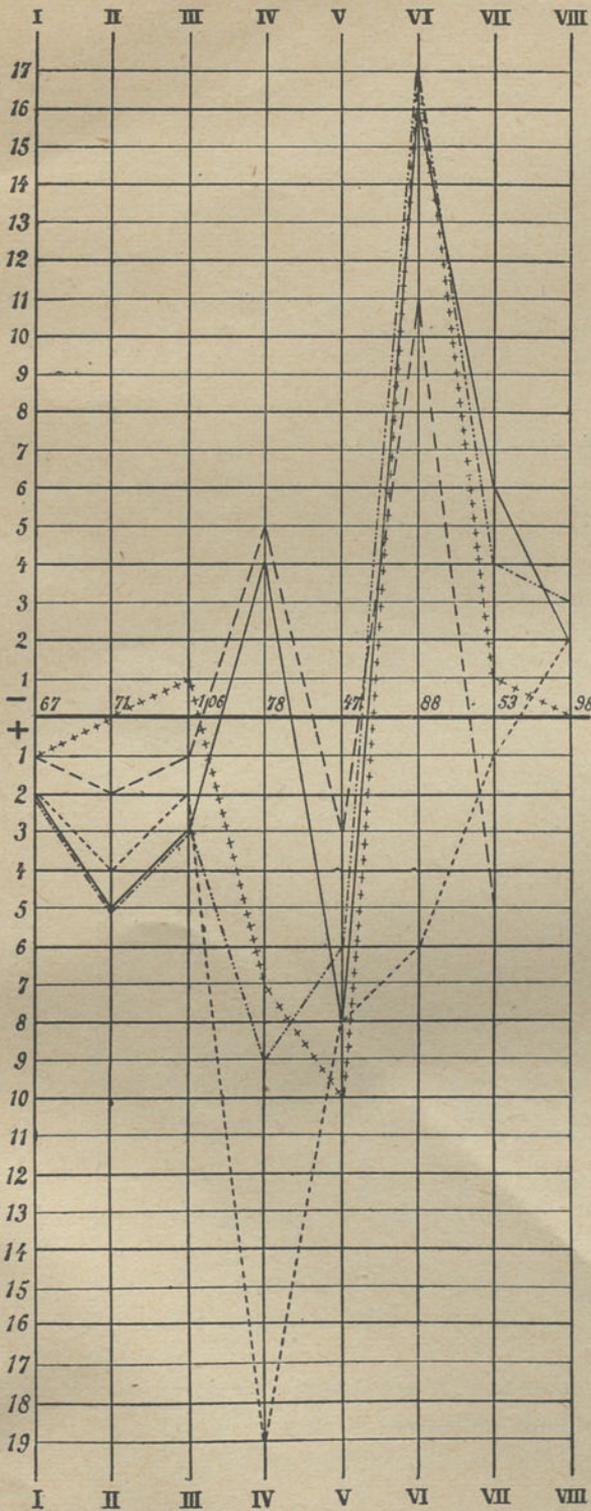


GRÁFICO N.º 3

Legenda:

- Base - Transmontano - N.º 374 (M. CORRÊA)
 - Hindu de Satary - N.º 4 " "
 - - - " " - N.º 5 " "
 - Abissínio - N.º 132 (S. SERGI)
 - · - · - Arabo-egípcio - N.º 5156 (G. RUGGERI)
 - + + + Nubiano antigo - N.º 316 " "
-
- I - Índice cefálico
 - II - " vértico-longo
 - III - " -transverso
 - IV - " orbitário
 - V - " nasal
 - VI - " do buraco occipital
 - VII - " facial superior
 - VIII - " alveolar.

BIBLIOGRAFIA

ARANZADI (Telesforo d') — *Cráneos de Guipúzcoa* — Extr. do Comptendu do Congreso de Madrid, da Assoc. Española para el Progreso de las Ciencias — Sessão de 18 de Junho de 1913.

— *Dimensiones de la calvaria en España y sus relaciones de conjunto* — Extr. do "Bol. de la R. Soc. Españ. de Hist. Nat.," — 1915.

ARDU-ONNIS — *Contributo all'antropologia della Sardegna* — "Atti Soc. Romana di Antrop.," — Vol. VI — 1900.

BARRAS D'ARAGON (F. de) — *Algunas medidas de la serie de cráneos del Africa Tropical existente en el R. College of Surgeons of England, de Londres* — Extr. do "Bol. de la R. Soc. Españ. de Hist. Nat.," — 1911.

— *Algunos indices de la serie de cráneos del Africa Tropical existentes en el Royal College of Surgeons of England, de Londres* — Extr. do "C.-R. do Congreso de Granada da Assoc. Españ. para el Progr. de las Ciencias," — Sessão de 23 de Junho de 1911.

BARROS E CUNHA — *Notícia sobre uma série de crânios da ilha de Timor* — "Instituto," — Coimbra, 1898.

BASEDOW (H.) — *Der Tasmanierschadel, ein Insulartypus* — "Zeitschrift für Ethnologie," — 1910 — (Análise em "L'Anthropologie,").

BERRY, ROBERTSON, CROSS — *Biometrical Study on the relative degree of purity of race of Tasmanian, Australian and Papuan* — "Proceedings of the Royal Soc. of Edinburgh," — 1910-1911 — Vol. XXXI — (Anal. em "L'Anthr.,").

BERTHOLON et CHANTRE — *Arabes et berbères dans l'Afrique du Sud* — "Compte-rendu du XIV^e. Congrès Int. d'Anthr. et Archeol. Préhist.,"—Génève, 1914, t. II.

BEUCHAT (H.) — *Manuel d'Archéologie préhistorique américaine* — Paris, 1912.

BONGOUR (Paul) — *Anthropologie anatomique — Crâne et face — La tête sur le vivant* — Paris, 1912.

BOULE (Marcelin) — *La paléontologie humaine en Angleterre* — "L'Anthropologie," — Tom. XXVI — 1915.

— *Homo neanderthalensis et sa place dans la nature* — "Compte-rendu du XIV^e. Congrès Intern. d'Anthr. et d'Archéol. Préhist.," — T. II — Génève, 1914.

BOYD DAWKINS — *The arrival of man in Britain in the pleistocene age* — "Journ. of the R. Anthropol. Instit.," — 1910, vol. XL. (Cit. de Chamberlain).

BREUIL (H.) — *Le gisement quaternaire d'Ofnet* — "L'Anthropologie," — Tom. XX — 1909.

— *Les subdivisions du paléolithique supérieur et leur signification* — "C.-R. du XIV^e. Congrès Intern. d'Anthr. et d'Archéol. Préhist.," — Vol. I — Génève, 1913.

CARRIÈRE (Gabriel) — *Paléthnologie des Cévennes* — "L'Anthropologie," — Tom. IX — 1898.

CHAMBERLAIN (Alexandre F.) — *Quelques problèmes ethnographiques et ethnologiques de l'Amérique du Nord* — "L'Anthropologie," — T. XXIII — 1911.

CORNER (Edred) — *On some skulls from Ceylon* — "Journ. of Anat. and Physiol." — Vol. XXXII — 1898.

DAVIS (J. B.) — *On the peculiar crania of the Inhabitants of certain groups of Islands in the Western Pacifics* — (Cit. de "Crania Ethnica").

— *Thesaurus craniorum* — London, 1867 (Id.)

DECHELETTE (J.) — *Manuel d'Archéologie préhistorique, celtique et gallo-romaine* — 1908.

DENIRER (J.) — *Races et peuples de la terre* — Paris, 1900.

DUCKWORTH—*The problem of the Galley-Hill skeleton*—“Essays and Studies presented to William Ridgeway” — Cambridge, 1913 — (Anal. em “L’Anthr.”)

FERRAZ DE MACEDO (F. de)—*Crime et criminel*—Lisboa, 1892.

GIUFFRIDA-RUGGERI (V.)—*I crani egiziani antichi e arabo-egiziani dell’Università di Napoli*—“Atti della Soc. Romana di Antropologia,” — Vol. xv—1909.

—*Quattro crani preistorici dell’Italia meridionale*— Extr. de “Arch. per l’Antrop. e l’Etnol.” — Tomo XLV—Firenze, 1916.

—*Nuovi studi sull’antropologia dell’Africa orientale*— Extr. de “Arch. per l’Antrop. e l’Etnol.” — Tomo XLIV—Firenze, 1915.

—*La successione e la provenienze delle razze europee preneolitiche e i pretesi Cro-Magnon delle Canarie*— Extr. da “Rivista Ital. di Paleontol.” — Parma, 1916.

—*Residui di un tipo protoetiopico in Europa*—“Anaes da Acad. Politecn. do Porto,” — Vol. XII—Coimbra, 1917.

—*Tre crani provenienti di Lamu (Africa Orientale inglese) e due calotte trovate a Mokattam (presso il Cairo)*— Extr. de “Rend. della R. Acad. Sc. Fisiche e Matem. di Napoli,” — 1916.

—*I cosiddetti precursori dell’Uomo attuale nel Sud-America*— Extr. de “Arch. per l’Antrop. e l’Etnol.” — Vol. XLII—1912.

—*Crani dell’Australia, della Nuova Caledonia e delle isole Salomone*— Extr. de “Atti della Società Rom. di Antropol.” — Vol. XII—Roma, 1905.

GORJANOVIC-KRAMBERGER—*Der Diluviale Mensch von Krapina in Kroatien*—Wiesbaden, 1906—(Cit. de Hrdlicka—“The most ancient remains ...”).

HAMY (E. T.)—*Quelques observations sur l’anthropologie des Çomalis*—“Bull. Soc. Anthropol.” — Paris, 1882—(Cit. S. Sergi—“Cr. Habessinica”).

HAVELOCK CHARLES—*Craniometry of some of the Outcaste tribes of the Panjab*—“Journ. of Anat. and Physiol.” Vol. XXVI—1892.

—*Contributions to the craniology and craniometry of Panjab tribes*—“Journ. of Anat. and Physiol.” — Vol. XXVII—1893.

HERVÉ (G.)—*La race des troglodytes magdalèniens*—“Rev. de l’École d’Antrop.” — Paris, 1893.

—*Crânes néolithiques armoricains du type négroïde*—“Bull. de la Soc. Anthropol. Paris,” — 1903—(Anal. em “L’Anthr.”).

HÖLDER (H. von) — *Untersuchungen über die Skelettfunde in den vor-roemischen Hügelgräbern*. Wurtemberg — Stuttgart, 1893.

HOYOS SAINZ — *Etnografía* — Madrid, 1900.

— *Caractéristique générale des crânes espagnoles* — "L'Anthropologie," — T. XXIV — 1913.

HRDLICKA (Ales) — *Physical Anthropology of the Lenape or Delawares, and of the Eastern Indians in General* — "Bureau of American Ethnol.," — Bull. 62 — Washington, 1916.

— *Early Man in South-America* — "Smithson. Instit. Bureau of Amer. Ethnol.," Bull. 52 — Washington, 1912 — (Cit. de Obermaier — "El hombre fósil,").

— *The most ancient skeletal remains of man* — Second edition — Washington, 1916.

— *Contribution to the anthropology of Central and Smith Sound Eskimo* — "Anthropolog. papers of the Amer. Museum of Natural Hist.," — 1910 (Anal. em "L'Anthr.,").

KATE (H. ten) — *Mélanges anthropologiques* — "L'Anthropologie," — Tt. XXIV e XXVI — 1913 e 1915.

— *Observations au sujet des "Recherches anthropologiques sur la Basse Californie," par le Dr. P. Rivet* — "L'Anthropologie," — T. XXII — 1911.

KAVRAISKI — *Notes sur les crânes des sépultures de l'époque scytho-sarmate* — "Journ. de la sect. anthr. de la Soc. des amis des Scs. Natur. de Moscou," — 1890 — (Anal. em "L'Anthr.,").

KLAATSCH (H.) — *Die Aurignac-Rasse und ihre Stellung im Staumbaum der Menschheit* — "Zeitschrift für Ethnologie," — 1910. (Id.)

KNIGHT (Marian Vera) — *The craniometry of Southern New England Indians* — *Memoirs of the Connecticut Acad. of Arts and Sciences*, — New-Haven, Connecticut, 1915.

KOGANEI — *Kurze Mittheilung über Messungen an männlichen Chinesen Schädeln* — "Internat. Centralblatt für Anthrop.," — T. VII — 1901 — (Anal. em "L'Anthr.,").

— *Über Schädel und Skelette der Koreaner* — "Zeitschrift für Ethnol.," — 1906. (Id.)

LACERDA FILHO e RODRIGUES PEIXOTO — *Contribuições para o estudo anthropologico das raças indigenas do Brasil* — "Archivos do Museu nacional do Rio de Janeiro," — Vol. I — 1876.

LAPOUGE (Vacher de) — *Crânes modernes de Montpellier* — "Rev. d'Anthr.," — 1889.

— *Race et milieu social* — Paris, 1909.

— *L'homme fossile de Krapina* — "Revue Scientifique," — 1903. I.

LEHMANN NITSCHÉ — *Nouvelles recherches sur la formation pampéenne et l'homme fossile de la République Argentine* — Buenos Aires, 1907.

MARTIN (R.) — *Lehrbuch der Anthropologie in systematischer Darstellung* — Jena, 1914.

MENDES CORRÊA (A. A.) — *Antropologia da Beira Alta* — Extr. do "Instituto," — Coimbra, 1917.

— *Sobre o índice nasal na Beira Alta e um crânio desarmonico beirão* — "Anais Sc. da Acad. Politecn. do Porto," — Vol. XII — Coimbra, 1917.

— *Sobre alguns crânios da Índia Portuguesa* — Extr. dos "Anais da Faculd. de Medicina do Porto," — Porto, 1917.

— *A propos des caractères inférieurs de quelques crânes préhistoriques du Portugal* — "Arch. d'Anatomia e Anthropol.," — Lisboa, 1917.

— *Sur les brachycéphales préneolithiques, leur origine et leur culture* — "Soc. Portugaise de Sciences Naturelles," — Lisbonne — Em publicação.

— *Sobre três crânios de negros Mossumbes* — Porto, 1915.

— *Antropologia angolense — Quiocos, luimbés, luanás e lutchazes* — "Arch. d'Anat. e Anthr.," — Lisboa, 1916.

MILLER (G. S.) — *The jaw of the Pittdown Man* — "Smithsonian Misc. Coll.," — vol. 65 — n.º 12 — Washington, 1915.

MOCHI (A.) — *Crani cinesi e giapponesi. A proposito delle forme craniensi di "Homo sinicus, Sergi,"* — "Arch. per l'Anthrop. e l'Etnol.," — 1908. (Anal. em "L'Anthr.,").

— *Sulla antropologia degli Arabi* — "Arch. per l'Antrop. e l'Etnol.," — 1907. (Id.)

— *Appunti sulla paleantropologia argentina* — "Arch. per l'Antrop. e l'Etnol.," — 1910. (Id.)

MORGAN (J. de) — *Recherches sur les origines de l'Égypte* — Paris, 1897.

OBERMAIER (Hugo) — *El hombre fósil* — Madrid, 1916.

— *La station paléolithique de Krapina* — "L'Anthropologie," — T. XVI — 1905.

PAULA E OLIVEIRA (F.) — *Note sur les ossements humains existants dans le Musée de la Commission des Travaux Géologiques* — “Commun. da Comissão dos Trab. Geol. de Portugal,” — T. II.

PITTARD (Eugène) — *Anthropologie de la Suisse* — “Arch. suisses d'Anthrop. Générale,” — T. I — 1915.

— *Contribution à l'étude anthropologique des esquimaux du Labrador et de la baie Hudson* — “Bull. de la Soc. Neuchâteloise de Géogr.,” — T. XIII — 1901 — (Anal. em “L'Anthr.”).

— *Notes sur deux crânes Fang* — “Bull. de la Soc. Neuchât. de Géogr.,” 1908. (Id.)

— *Deux crânes de Congolais peu connus* — “L'Anthropologie,” — T. XX, 1900.

POUTRIN — *Contribution à l'étude des pygmées d'Afrique (type brachycéphale)* — “L'Anthropologie,” — T. XXX — 1910.

QUATREFAGES (A. de) — *Histoire générale des races humaines* — Paris, 1887.

— et HAMY — *Crania Ethnica* — Paris, 1882.

— *Craniologie des races nègres africaines; races dolichocéphales* — “Compte rendu de la Académie des Sciences,” — Paris, t. XC, 1880.

RIVET — *Recherches sur le prognathisme* — “L'Anthropologie,” — T. XX e XXI — 1909-1910.

— *Recherches anthropologiques sur la Basse Californie* — “Journ. de la Soc. des Americanistes de Paris,” — 1909 — (Anal. em “L'Anthr.”).

— *La race de Lagoa Santa chez les populations précolombiennes de l'Équateur* — “Compte-rendu de l'Académie des Sciences,” — Paris, t. CXLVI, 1908.

SARASIN (Fritz) — *Les types humains inférieurs du sud-est de l'Asie* — “Rev. Générale des Sciences” — T. XIX, 1909.

SERA (G. L.) — *L'altezza del cranio in America — Induzioni antropologiche ed antropogeografiche* — “Arch. per l'Antrop. e l'Etnol.,” — 1912-1913. (Anal. em “L'Anthr.”).

SERGI (Giuseppe) — *Europa* — Torino, 1908.

— *Sul valore delle misure in biologia e specialmente in craniometria* — “Atti della Soc. Ital. per il progresso delle Scienze,” — Roma, 1910. (Anal. em “L'Anthr.”).

— *Sul' uomo fossile dell'Olmo* — Extr. da “Rivista di Antropol.,” — Vol. XXI — Roma, 1916-1917.

SERGI (Sergio) — *Crania Habessinica* — Roma, 1912.

SMITH and TURNER — *Negro crania from old Calabar, West Africa* — "Journ. of Anat. and Physiol.," — Vol. III — 1869.

SOREN HANSEN — *La race de Lagoa Santa* — "Rev. d'Anthr.," — XVIII ano — Paris, 1889.

TOPINARD (Paul) — *Éléments d'Anthropologie Générale* — Paris, 1887.

TURNER (W.) — *Decorated sculptured human skull from New Guinea* — "Journ. of Anat. and Physiol.," — Vol. XXXII — 1898.

VERNEAU (R.) — *Rapport sur une mission scientifique dans l'Archipel Canarien* (cit. de G.-Ruggeri, "Quattro crani," etc.).

— *Les grottes de Grimaldi* — T. II — Anthropologie — Monaco, 1916.

— *L'Allée couverte des Mureaux* — "L'Anthropologie," — Vol. I — 1890.

— *Crânes préhistoriques de Patagonie* — "L'Anthropologie," — T. V — 1894.

— *Les anciens Patagons* — Monaco, 1903. (Anal. em "L'Anthr.,").

— *Notes sur quelques crânes de l'Afrique occidentale française* — "L'Anthropologie," — T. XXVI — 1905.

— *Les migrations des Éthiopiens* — "L'Anthropologie," — T. X — 1899.

— *Anthropologie et ethnographie de l'Éthiopie* — Paris, 1909. (Anal. em "L'Anthr.,").

VRAM (Ugo) — *Crani antichi e medievali di Aquileia* — "Atti della Soc. Rom. d'Antrop.," — Vol. VI — 1899.

— *Contributo all'antropologia antica del Peru* — "Atti della Soc. R. d'Antr.," — Vol. VII — 1901.

WALDMANN — *Les Esquimaux du nord du Labrador* — "Bull. de la Soc. Neuchâtel. de Géogr.," — 1910. (Anal. em "L'Anthr.,").

WIDENMANN — *Untersuchung von 30 Dschaggaschädeln* — "Archiv für Anthrop.," — 1898. (Id.)

VIRCHOW (R.) — *Eröffnung prähistorischer Gräber in Worms* — "Zeitschrift für Ethnol.," — 1897. (Id.)

— *Crânes de l'Afrique orientale* (Anal. em "Rev. d'Anthrop.," — 1889).

NOTA — Alguns lapsos escaparam no decurso da impressão deste artigo. Na 3.^a linha do Sumário (pág. 5) em vez de — *H. aurignacensis* — leia-se —; *H. aurignacensis* —. A págs. 7 e 8 escapou várias vezes ... *cefália*, quando é ... *cefalia*. A pág. 16, linha 7, em vez de *platirrinia* leia-se *platirrinia*, e igualmente a pág. 19, l. 26, leia-se *leptorrinia* e não *leptorrinia*. A pág. 17 (nota) em vez de *possements* leia-se *ossements*. A pág. 48, l. 9, e a pág. 65, l. 11, á palavra — *galas* — acrescente-se — (?) —. A pág. 51, l. 9, em vez de *osemas* leia-se *mesosema*. Outros lapsos haverá, não modificando, porém, apreciavelmente o sentido do texto.





RÓ
MU
LO



CENTRO CIÊNCIA VIVA
UNIVERSIDADE COIMBRA

1329672380

